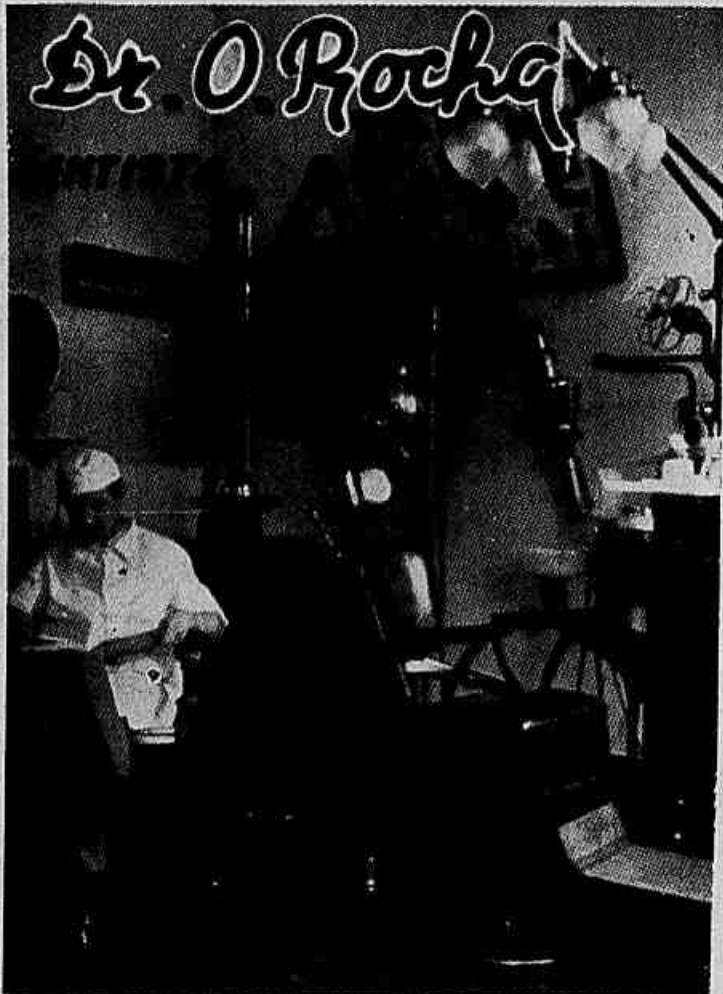
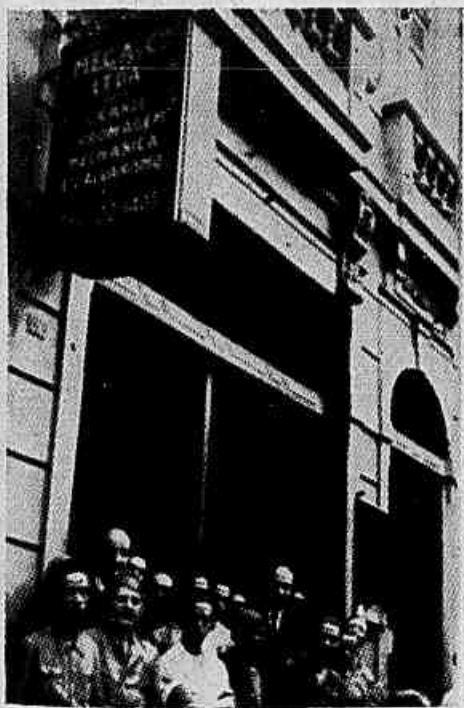




Revista da Semana

ANO XLII - N.º 40 - 4 de Outubro de 1941
1\$500 em todo o Brasil
DOCAS DO CAIS FERREIRA — Salvador
Foto de LOURIVAL MATOS



BAIRROS DA CIDADE A LAPA DE HOJE Por A. Benolié

automoveis e pedestres, a Lapa, a Lapa terrível e falada, tinha que progredir, tinha que colocar-se a par e passo com o desenvolvimento da nossa urbs, fazendo nela brotar hoje esse exuberante comercio que quase se pode equiparar ao melhor instalado no centro urbano.

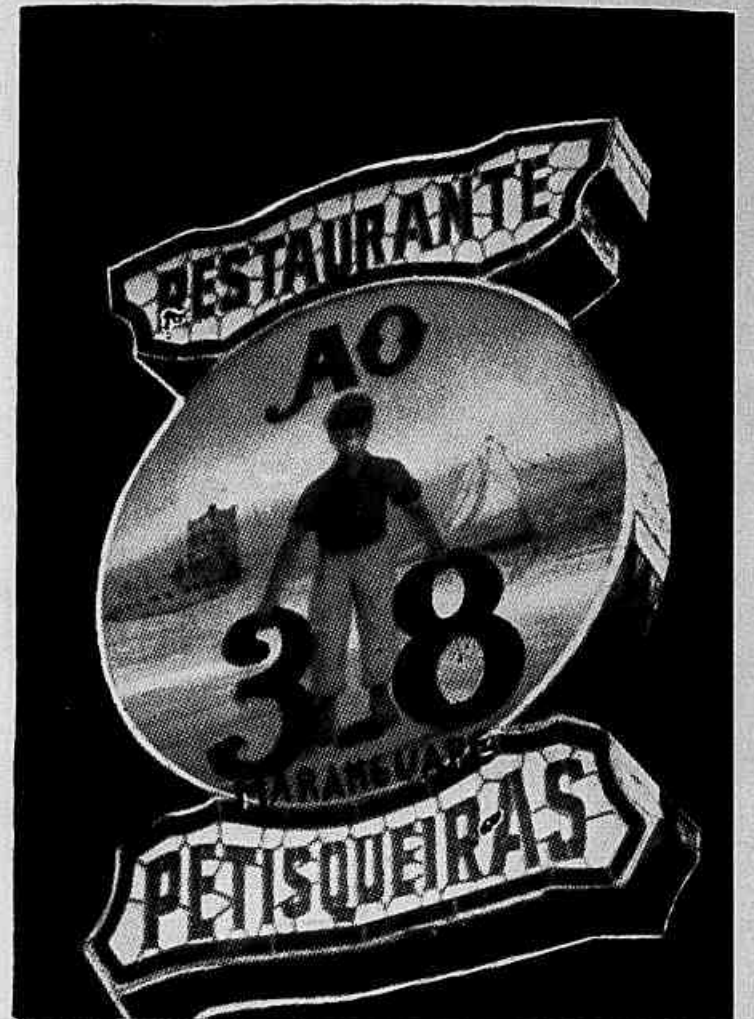
A Lapa foi assim denominada pela fundação nesse local da igreja do Seminário de Nossa Senhora do Desterro, sob a égide do religioso Angelo de Lipreira, isso em 1751, lugar em que naquele tempo se achavam as fazendas da Pedra e do Macuco.

Os Carmelitanos fundaram ali em 1861 uma escola católica que, extinta em 1866, foi reaberta em 1906, sob o nome de Escola Carmelitana Santo Alberto.

O famoso arraial, não perdendo o seu tom alacre e boêmio, está repleto de chics cafés cantantes noturnos obedecendo, desse modo, ao ritmo do nosso progresso.

A "Farmacia Lapa", hoje à rua da Lapa 18, foi instalada em 1908 no predio contiguo onde existia o antigo Colegio de Santa Tereza. Sob a abalissada competencia do farmacêutico J. Barcelos, é a mais procurada do bairro pelo seu vultoso stock de medicamentos. Adiante, no n.º 40 da mesma rua, vamos deparar com o "Bazar da Lapa", estabelecimento de louças fundado há 18 anos e que goza da maior procura. Ali está o Julio para obsequiar a todos. Na avenida Mem de Sá n.º 20 acha-se instalado o aperfeiçoado salão de clinica dentaria com raio X do abalizado dentista dr. O. Rocha, que possui uma clinica numerosa, sendo um dos gabinetes desta cidade que se recomendam. No n.º 29, na mesma avenida, encontramos a "Tinturaria Rio Branco", fundada em 1912, de Julio Otero, verdadeiro profissional; no n.º 37, a grande fábrica de estofados de luxo, com deslumbrante exposição que é a "Casa Ayres", servindo à elite do Rio, tendo mobilado os mais importantes palacetes. Os três filhos de Domingos Rodrigues Ayres são os seus fieis continuadores; no n.º 40, achamos a bem instalada casa de frutas, frios e bar "Casa Curvelo", de propriedade de Antonio Lopes da Cruz; no n.º 31, a "Casa Mega", especialista em cromagem, com 25 operarios; no n.º 32, a "Casa Italia", de objetos de electricidade, com os seus dois ferros de engomar, onde se destacam os irmãos Vacchiano; na praça dos Arcos 12,

o "Restaurante Pastora", o mais luxuoso e cotado restaurante da Lapa, onde se acha J. Cabral, seu esforçado proprietario. Na rua Visconde de Maranguape 16, 20 e 24, a grande industria "Laticínios Brasil", com a importante "Leiteria Brasil", que possui fazendas proprias em Santa Helena, e usinas em Pequery e Taboleiro do Pomba, Minas. Também na rua Maranguape, o "Ao 38", restaurante popular, o de maior freguezia da Lapa, com as suas petisqueiras. No começo da avenida Mem de Sá, todo repleto de espelhos, com banhos frios e quentes, última palavra em salão chic, o respeitavel salão de barbearia denominado "Magnifico Salão", tendo telefone em todas as secções e nas respectivas cadeiras, com manicura e pedicura, sendo a firma T. Serra & Mantovano.



O antigo e tradicional bairro da Lapa, que enchia a crônica policial com varias modalidades de proezas e crimes, bairro da Lapa, cantado em prosa e versos picantes, hoje é o emporio de uma grandeza comercial que atesta o seu progresso em bem da civilização da nossa portentosa capital.

Colocado no centro da cidade, com um movimento desusado, cortado por varias linhas de bondes, com um tráfego intensissimo de



Fundada em 19-4-1925



FIRMEZA
E
DURABILIDADE

GARANTIA
POR
2 ANOS

Unico distribuidor:



Cia. Italo Brasileira Elétrica Soc. Anonima

IMPORTADORES E EXPORTADORES DE ARTIGOS DE ELETRICIDADE, FERRAGENS, ARTIGOS SANITÁRIOS E MATERIAIS PARA CONSTRUÇÕES EM GERAL POR ATACADO EM GRANDE ESCALA

AV. MEM DE SÁ, 32 E VISCONDE MARANGUAPE, 33

Tel. Escritório: 22-2895 — Loja: 22-0941

End. Teleg.: VACCHIANO — Codg. Ribeiro Borges e Particular RIO DE JANEIRO

Duas cartas de PRUDENTE DE MORAES

Especial para a "REVISTA DA SEMANA"

PRUDENTE DE MORAIS veio ao mundo na cidadinha legendária de Itú, aos 4 de Outubro de 1841.

As homenagens excepcionais que o Brasil hoje lhe presta, êle as merece mais que qualquer outro.

Quanto mais se afasta da figura do Pacificador, ao contrário do fenómeno material decorrente da distancia, mais ela cresce e avulta.

Quando, recurvado ao peso de quatro anos de trabalhos aturados e esgotantes, êle descia a escadaria pomposa do palácio adquirido de Nova-Friburgo, no Catete, para recolher-se à sua graciosa Piracicaba, José do Patrocínio, ao invés de atirar-lhe pedras, como se costuma, juncou-lhe os degraus com as flores perfumosas do seu portentoso talento.

Chamando-lhe o Fabius Cunctator da consolidação das instituições, escreveu o negro sublime e repetiu em São Paulo, orando, naqueles seus arroubos de inspiração, para os conterraneos de Prudente de Moraes:

«As suas mãos não derramavam sangue, enxugavam lágrimas; o peso do seu poder serviu para tarar a balança da equidade e do nosso crédito: a sua palavra não fomentou ódios, mas os apaziguou. Agredido brutalmente, êle nunca se serviu do seu mandato para vingar-se; nunca ultrapassou os limites da lei para aceitar o desafio das facções. Só teve um favorito; o estatuto fundamental da República. Este o seu conselho, êste o seu assessor. Nunca foi senão depositário fiel da soberania popular: só em nome dela agia, sem que confundisse com ela a sua pessoa, que se conservou sempre despretenciosamente chã.

Tinha horror ao ruído em torno do seu nome; precisava de recolhimento e silêncio para meditar nos últimos problemas que urgia resolver. O seu tempo empregava-o religiosamente em estudar os negócios públicos e conhecia-os, nos diversos ministerios, com uma minudência de cronista incumbido do diário meticoloso de um governo. Era um esmiuçar continuo, incessante do direito e da utilidade das questões sobre as quais tinha de dizer. Não valiam ante a sua justiça inflexível as sugestões de amizade; formava o seu critério no exame das provas e sentenciava sem cogitar na popularidade que pudesse advir. Com uma palavra podia muitas vezes captar as dedicações mais fervorosas. Calava-a, entretanto, recalando os sentimentos mais gratos, porque lhe parecia que ia ferir a lei. Usurário do bem público, preferia que o chamassem mesquinho, a fazer concessões, ainda que justificáveis, mas que eram na sua consciência de justo um onus para a Nação.»

Poucos testemunhos orais já nos restam dessa alta conduta de Prudente de Moraes. Além talvez de seus filhos, no caso suspeitos, ignoro quem mais, a não ser J. J. Seabra, ainda vivo, possa prestá-lo.

Ultimamente, desapareceram dois grandes paulistas que eram os mais completos repositórios de conhecimentos da vida do Pacificador: Bueno Andrada e Paulo de Moraes Barros.

O primeiro tornou-se-lhe inimigo irreconciliável. Mas o segundo, seu sobrinho mais velho, médico e confidente, nos últimos tempos, propiciaria informes preciosos para um estudo mais profundo da sua obra.

Paulo de Moraes Barros, considerado um lidimo caráter e um perfeito homem público, nos dias modernos, sabendo julgar sem exageros prós ou contras, do seu involuável tio fazia conceito que serviu para consolidar o meu juízo definitivo acerca do ex-presidente:

Prudente, na galeria dos homens que melhor serviram ao Brasil, depois de sua soberania, deve figurar na mesma plana dos Imperadores, de José Bonifácio, Caxias, Feijó, Deodoro, Rio Branco, Rui Barbosa...

Todavia, em falta de depoimentos orais e presentes, já é tempo de ir-se recolhendo ao acervo do Pacificador todos os documentos que falem dêle e de seu tempo.

De minha parte, possuo, entre outras cousas, duas cartas notáveis do filho de Itú, das quais também hei de ocupar-me num esboço biográfico preparado para o «Anuario Genealogico Brasileiro», de São Paulo.

Ambas mostram-lhe o lado humano e terreno, sujeito não só aos impulsos generosos da nobre viscera, mas também às contingências tamanhinhas do órgão que nos envenena a vida. As suas expansões cordiais, tanto como os seus desabaços figadaes, encontram-se no interior de cada carcassa animal.

A primeira, que me ofereceu, há tempos, o velho amigo sr. José Maria Lisboa Junior, traçou-a Prudente um ano antes do atentado de 5 de Novembro. Ei-la aqui, com a sua grafia e redação:

«Rio, 37 de Agosto de 1896.

Illmo. Snr. José Maria Lisboa.

O Diário Popular de 15 do corrente publicou o seguinte:

«NOTICIARIO

Na Capital. — Está em S. Paulo o ilustre deputado federal dr. Bueno de Andrada, que inda ha pouco na questão dos protocolos deu prova eloquente de seu sincero patriotismo. (O grifo é de Prudente). Saudamol-o amistosamente, desejando vel-o sempre como um digno representante paulista no congresso federal».

D'esta affirmação se induz evidentemente que, na opinião do Diário Popular, o governo que assignou o protocolo e os deputados que o approvaram deram prova eloquente de falta de patriotismo! Assignante do Diário Popular desde o 1.º dia de sua existencia, magoado com tão gran quanto injusta imputação, feita em tom dogmático, — peço a V. Sa., que elimine-me d'entre os assignantes, enviando-me a nota do que estiver devendo para pagar-lhe. — De V. Sa. Atto. Vor.

Prudente de Moraes».

A segunda carta, que me ofereceu a senhorinha Carolina Gordo, fora dirigida ao seu pai, o illustre senador Adolfo Gordo, cunhado do ex-presidente. Nela, já fora do poder, ao mesmo tempo que realça os inestimáveis serviços de Rio Branco nas nossas velhas questões de limites, farpeia os seus adversarios (além de outros, Campos Sales, no Catete, e Bernardino de Campos, no governo de S. Paulo), confinando-os todos naquele «elles», Daí a pouco, lá de sua amada Piracicaba, decretaria o rompimento da célebre dissidência partidária de 1901.

Mas eis aqui também a sugestiva missiva, com que se fecham estas notas, respeitada igualmente a sua maneira peculiar de escrever:

«Piracicaba, 12 de 10bro. de 1900.

Adolpho.

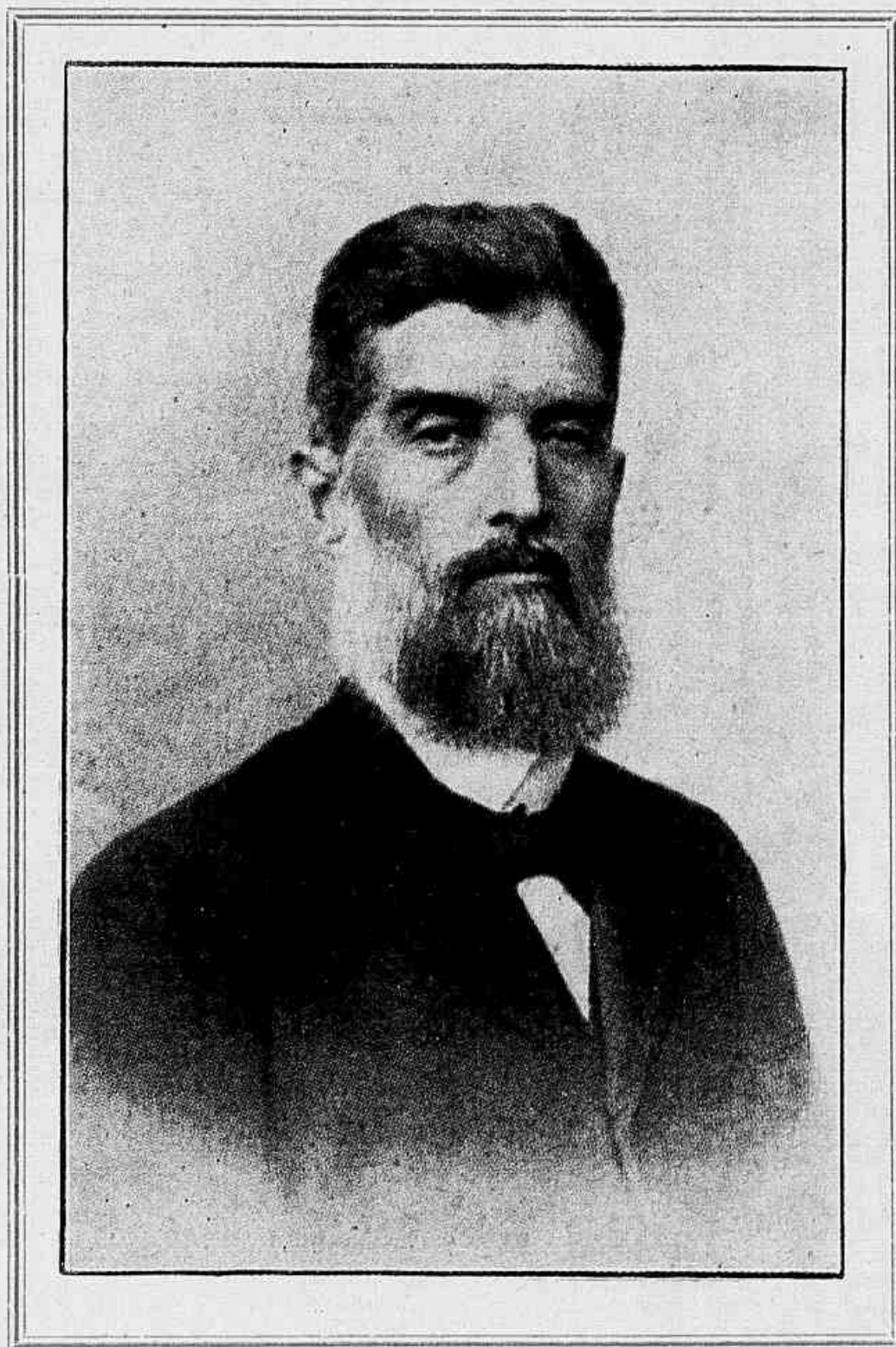
Desejamos, eu e Adelaide, que vossê já esteja restabelecido da febre que o acommetteu ultimamente.

Vinde passar alguns dias aqui para convalescer da febre — e reconstituir-se logo.

Agradeço as vossas felicitações pela feliz terminação do nosso secular e gran letigio do Amapá — é a segunda grande victoria diplomatica que o Brasil deve principalmente á

competencia e ao esforço patriótico do Rio Branco. — A questão do Amapá era a mais grave e importante das nossas questões internacionaes; entretanto — a nossa esplendida victoria não foi festejada como merecia —, tal é o estado de descontentamento e de abatimento do espirito publico em nossa terra. — Vossê ha de lembrar-se que o laudo das Missões, a pacificação do Rio Grande e a solução do conflito da Trindade determinaram festas e manifestações populares durante muitos dias — e nenhum d'esses acontecimentos tinha a importancia da victoria no letigio do Amapá. — Recebi a noticia no Pao d'Alho, no dia 2, pouco mais de 24 horas depois de informada a sentença ao Rio Branco, em Berna —, e fiquei contentissimo —, especialmente pela responsabilidade que tinha nessa questão. — Imagine que a decisão nos fosse contraria, o que não soffreria eu de descomposturas dos engrossadores que responsabilisariam exclusivamente a mim pelo resultado. — O resultado favoravel é attribuido por elles exclusivamente a outros! Adeus até sempre. Do Co. amigo. Prudente de Moraes.»

AURELIANO LEITE



PRUDENTE DE MORAES

O PUNHAL MALAIO

Conto dialogado de TRISTAN BERNARD

— Está assim com tanta pressa, meu caro senhor Gambard? Sente-se, vamos.

— São quase dez horas, senhor Montier. Preciso de estar no mercado às dez, para me encontrar com minha mulher que lá foi ver umas fazendas, umas sedas de ocasião...

— Bom, mas o mercado só fecha ao meio dia. E, si sua senhora anda escolhendo pano para vestidos, com certeza não se impacientará à sua espera. Está mais entretida do que o senhor.

— Lá isso...

— Só uns minutos mais. Não queria que se fosse sem ver o meu Roberto.

— Ah, é verdade, o seu rapaz acaba de voltar de Paris! E então? O meu amigo está satisfeito em ser pai dum doutor?

— Minha mulher, sim, é que está contentíssima. Eu... assim, assim. Acho-o um pouco parisiense de mais. Enquanto fazia o seu curso de Direito andou metido com artistas, com boemios... Sai-se às vezes com uns palavreados, umas teorias modernas sobre honestidade, propriedade, justiça... umas idéias, enfim, que não me agradam nada. Além disso, não sei si ele deixou alguma ligação em Paris... Não há dinheiro que lhe chegue. Pede-me constantemente, apoquento a mãe para que lhe dê mais... Deita-se tardíssimo e de manhã é um inferno para o fazer sair da cama. Tudo isto está errado. E desejando ele, como deseja, exercer a advocacia, ou muda de vida ou então... não sei!

— Julguei que o senhor o destinasse à magistratura.

— E destinava, com efeito. Mas ele diz que, por enquanto, não. Estamos esperando que se resolva!

— Sabe que o filho do Méguin é hoje o nosso juiz de instrução...

— Sei. Amigo de infancia de meu filho. E parece ser rapaz seríssimo.

— De primeira ordem! O que se chama um magistrado íntegro. Seria capaz de fazer condenar o proprio pai! Olhe, com aquele ninguém poderá contar para abafar um escândalo, como o caso do colegio, o ano passado. Bom, não me posso demorar mais... Mas... sim, senhor, que bela panoplia!

— Acha? Tenho outra em baixo, na saleta, muito mais interessante. Vou descer com o amigo, para lh'a mostrar. Verá sobretudo um punhal malaio, que comprei ante-ontem. Imagine que passou por aqui — sim, foi ante-ontem mesmo — uma especie de marinheiro de não sei que nacionalidade e que trazia uma porção de curiosidades de terras exóticas. Comprei-lhe uma arma que o homem dizia ser um punhal malaio. Será mesmo? Não sei. Em todo o caso, arma deveras curiosa. Já eu lera qualquer coisa a respeito, nalgum romance talvez, mas não sabia se existia realmente. Depois de se dar a punhalada, calca-se em certa mola, e a lâmina se divide em varios estiletes, de maneira que, ao sair, deixa um ferimento horrivel, em forma de cruz. Vamos... Cuidado com estes últimos degraus, a saleta é escura. Mas a panoplia fica aqui perto da janela e... Esta agora!

— Que foi?

— O punhal malaio não está no lugar. Quem o tiraria?

— Talvez tenha caído. Veja no chão.

— Não, senhor. Tiraram-n'o com todo o cuidado, cá estão os pregos que o seguravam. Preciso de saber como isto foi!

— Vou indo, senhor Montier.

— Até breve, senhor Gambard... Justina!... Justina!... Ah, é você, Rosa? Onde está a Justina?

— No fundo do jardim, com a senhora. E eu chego agora mesmo do mercado.

— Mas que tem você, Rosa? Está com um ar esquisito...

— E é caso para isso, senhor Montier. Aconteceu uma desgraça horrivel! A velha senhora do castelo... o patrão conhece...

— Sim! E então?

— Foi assassinada no parque, por volta de nove horas da noite. O jardineiro ouviu um grito... E, quando chegou, encontrou-a morta... Não se sabe quem a matou mas deve ter sido um bandido dos peores... Imagine o senhor que no peito da pobre velhinha havia um ferimento em forma de cruz... Mas... que tem, senhor Montier?

— Nada. Foi esse crime que assim, de repente, me impressionou. Escute... Minha mulher já sabe?

— Ainda não.

— Não lhe diga nada. Com certeza se impressionaria ainda mais do que eu.

— Além disso, já está tão apoquentada... Nem eu sei si faço bem em dizer ao senhor... Por causa do sr. Roberto...

— Do sr. Roberto! Como assim?

— Passou a noite fora de casa... Mas, Deus do céu, que tem o senhor?

— Não sei. Talvez do coração. Desde hoje cedo... desde ontem... estou sentindo qualquer coisa...

— Por que não vai para o seu quarto deitar-se um pouco?

— Talvez seja melhor...

— Eu o ajudo a subir a escada.

— Não, não, deixe.

— Mas o senhor não se pode ter em pé. Faça favor, venha para esta poltrona... E então agora? Sente-se melhor?

— Bastante melhor, obrigado.

— Para mim, o que o senhor está é amofinado também porque o sr. Roberto passou a noite fora...

— Qual historia! Já ontem me deu isto...

— Ah, aí vem a senhora! Olhe, minha senhora, o senhor Montier não se está sentindo bem...

— Que tolice! Não tenho nada! Vá para a cozinha, mulher, e deixe-nos em paz!

— Minha senhora, eu contei aquilo do sr. Roberto...

— E quem lhe mandou?... Meta-se com a sua vida, ouviu? Vá lá para dentro, vá. Criatura insuportavel! E' verdade mesmo? Ela te contou que Roberto...

— Contou. E não deixei de me aborrecer por isso. Mas desde ontem não me sinto bem...

— A mim o que mais me aflige não é ele ter dormido fora. Naquela idade... Mas Roberto tem certas maneiras, certos misterios... Haverá uns cinco minutos, entrou ele aí na saleta, com mil cautelas. Eu estava arrumando umas coisas ao canto, debaixo da escada. Roberto não me viu, porque o canto estava quase às escuras... Mas eu o via perfeitamente. Aproximou-se da panoplia e tornou a pendurar qualquer arma que tirara do prego competente... Mas Edmundo! Que tens tu? Estás branco como a cera.

— Nada, nada... A crise de ainda agora que se repete. Mas eu sei o que é. Tranquiliza-te, não tem importancia. E preferia ficar um momento sozinho...

— Mas deixar-te quando te vejo sofrer assim... Outra vez esta Rosa! Que mais temos, Rosa?

— Está aí o juiz, o doutor Méguin...

— Diga-lhe que o patrão está adoentado. Ou, antes, eu vou ver o que ele quer.

— Não, não! Rosa! Mande-o entrar para aqui! E tu, Alice, deixa-nos sós! Já!

— Falas-me dum modo!...

— Perdoa-me. Mas peço-te que te retires. Com certeza o juiz deseja alguma informação confidencial... Vai. E te contarei depois.

— Assustas-me, Edmundo... Que será, meu Deus? Queira entrar, senhor juiz. Eu o deixo com meu marido. Até já.

— O senhor juiz compreende... Preferi que ela não ouvisse, não soubesse por enquanto...

— Já falou com seu filho, senhor Montier?

— Eu?... Ainda não...

— Mas sabe do crime cometido no castelo?

— Isto é... Mais ou menos...

— Não se fala doutra coisa na cidade. E' extraordinario como estas noticias se espalham... E então seu filho não lhe disse nada?

— Na... nada absolutamente.

— Não imagina o serviço que ele me prestou neste caso tão importante. Tínhamos jantado juntos e estávamos no teatro, quando me vieram chamar... Mas que tem o senhor? Olha-me com um ar espantado...

— Perdão, perdão! Creio que não entendi bem... Estou um tanto atordoado... Diz o senhor que passou a noite de ontem com meu filho?

— Perfeitamente. Estávamos no teatro e ele me acompanhou ao castelo. Quando viu o ferimento, disse logo: "O golpe foi dado com um punhal malaio. Meu pai tem uma dessas armas na panoplia". Veiu então buscar o punhal, com toda a cautela, para não acordar ninguém da casa. E não queria também impressioná-lo, ao senhor, muito menos a sua senhora, contando-lhes o que havia sucedido no castelo. Graças a ele, obtive os sinais do marinheiro que vendera este punhal e com certeza trazia outros consigo. Foi preso, agora de manhã, a três leguas daqui. E confessou tudo. No entanto, meu caro senhor Montier, preciso do seu depoimento... Ah, aqui está seu filho! Roberto, acabo de contar a teu pai... Mas ele está sentindo alguma coisa!

— Não, senhor... Um pouco de nervoso apenas. Peço-lhe desculpa de chorar assim, mas... O senhor sabe o que é nervoso...

— Papai! Que tem o senhor?

— Nada, já disse. Abraça-me... Com mais força... Meu filho!

FIGURAS E FACTOS



NO ROTARY CLUBE A propósito da "Jornada da Habitação Económica", o dr. João Carlos de Noronha Santos fez no Rotary Clube uma conferência sobre o "Instituto de Organização Racional do Trabalho".



JORNADA DA HABITAÇÃO ECONÓMICA No auditório da Associação Brasileira de Imprensa teve lugar em dia do mês passado uma sessão cultural promovida em nome do Instituto de Organização Racional do Trabalho. Após essa solenidade a "Jornada da Habitação Económica" fez inaugurar a "Exposição da Casa Popular".



A DATA MAGNA DO CHILE

Comemorando a independência do Chile, o embaixador Mariano Fontecilla recepcionou a colônia chilena. Damos aqui um aspecto da reunião, na qual cidadãos brasileiros foram condecorados.



JORNADAS ODONTOLÓGICAS PAN-AMERICANAS

Vem de embarcar com destino ao Chile o professor Abelardo de Brito, que representará naquele país o Brasil, por ocasião das Jornadas Odontológicas Pan-americanas. O embarque do conhecido cientista foi muito concorrido.



EXCURSÕES A MONUMENTOS ARTÍSTICOS

Grupo tirado no vestibulo da Casa de Marquesa de Santos em 20 de Setembro ultimo, por ocasião da visita promovida a essa residência que se incorpora ao Património Histórico e Artístico Nacional, pelos socios e amigos do Instituto Brasileiro de Historia da Arte. Vêem-se na frente, da esquerda para a direita, os senhores: Luciano Ferraz, Marques dos Santos, Professores Victor L. Tapié e Antrinz Bon, drs. Joaquim Menzies de Olive, Afonso d'Escagnolle Taniay, sr. Gilberto Ferrez, drs. José Mariano Filho, Clado Ribeiro de Lessa e sr. Quirino Compposito.

ESTUDANDO A ARTE BRASILEIRA

Recebemos, há dias atrás, uma esplêndida monografia sobre a "Evolução da Arte Brasileira", de autoria do concienzoso e dedicado estudioso desse assunto, sr. Raul Rosencrantz. Nela se estuda o desenvolver de nossas pintura, escultura e arquitetura desde os tempos coloniais até aos dias de hoje. O sr. Raul Rosencrantz, além de ter forte sentimento de

brasilidade, prova estudar e conhecer a arte brasileira há muito tempo. As personalidades de frei Ricardo do Pilar, Aleijadinho, Mestre Valentim, Pedro Américo e Victor Meirelles são muito bem analisadas na sua monografia. A Missão Francesa de 1816 mereceu especial carinho de sua parte, mostrando ser assunto em que é versado profundamente e a respeito do qual consultou documentos quase desconhecidos.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A DECANA DAS REVISTAS NACIONAIS

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

PROPRIEDADE DA
COMPANHIA
EDITORIA
AMERICANA

Diretor: GRATULIANO BRITO

ASSINATURAS

BRASIL E AS 3 AMERICAS:

Um ano 63\$000

6 meses 32\$000

REGISTRADA:

Um ano 80\$000

6 meses 40\$000

ESTRANGEIRO REGISTRADA:

Um ano 170\$000

6 meses 90\$000

AVULSO 1\$500

ATRAZADO 2\$000

R. VISC. DE MARANGUAPE, 15

TELEFONES:

DIREÇÃO 22-2622

GERÊNCIA 22-2550

REDAÇÃO 22-4447
PUBLICIDADE 22-9570
FOTOGRAFIA 22-1013
PORTARIA 22-5602

ENDEREÇO TELEGRÁFICO:

"REVISTA" — RIO DE JANEIRO

SUCURSAL EM SÃO PAULO:

Largo do Paissandú n.º 124

fone: 4-6070.

End. Telegráfico: "REVISTA"

Tem agentes em todas as capitais e principais cidades do Brasil.

REPRESENTANTES:

Nos Estados Unidos da América do Norte — S. S. Koppe & Cia. — Times

Bldg. New York City.

Em Portugal — Agência Geral de Publicações — Rua do Arsenal 84

Lisboa.

Na Africa Oriental Portuguesa —

D. Spanos — Caixa Postal 434.

Lourenço Marques.

No Uruguai — Moratorio & Cia. —

Constituyente 1746, Montevideo.

Todos os originaes enviados à

REVISTA DA SEMANA devem

vir datilografados.

Os trabalhos assinados são de

responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52

PÁGINAS

M. CAVALCANTI DE CARVALHO

ADVOGADO

EDIFICIO CANDELARIA — Rua São José, 83-85 — 2.º andar

Sala 208 — Fone 42-4859 — RIO

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu fígado deve derramar, diariamente no estomago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estomago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada há como as famosas Pillulas CARTERS para o Fígado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano: são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTER para o Fígado. Não aceite imitação. Preço 3\$000

Os vôos a grandes altitudes

A investigação científica acabou por tornar as imensas altitudes aéreas acessíveis ao homem, e é bem provável que, dentro de meia dúzia de anos, os vôos na sub-estratosfera sejam o pão-nosso de cada dia.

Para tal efeito, conceberam-se aviões que cruzarão os espaços a 6.000 metros acima do nível do mar, quer dizer consideravelmente acima das rotas aéreas da actualidade, transportando passageiros nos seus rápidos vôos nessas elevadíssimas camadas da atmosfera. No interior do avião, rigorosamente fechado, a temperatura e a pressão atmosférica normais ao nível do mar serão mantidas por meio de instrumentos especiais.

Fora dos círculos científicos, a sub-estratosfera foi sempre considerada, geralmente, como coisa tão remota, que pertencia à categoria do misterioso; mas hoje está, por assim dizer, ao alcance da nossa mão. As últimas pesquisas fazem-nos saber com bastante precisão as condições reinantes nessa zona da atmosfera, e estamos já aptos a tirar todo o proveito das vantagens que oferecem os vôos nessa região, no ponto de vista da velocidade, do conforto e segurança.

Não tardará muitos anos para que essa região se nos torne tão familiar, quanto à aeronáutica, como são hoje as auto-estradas, em matéria de trânsito terrestre. Os aviões estratosféricos estão destinados a dar incomensurável impulso ao desenvolvimento da aviação.



Aspecto da missa mandada rezar na Igreja da Candelaria por alma do Comendador Antonio Ribeiro Seabra.



Aspecto da chegada do dr. João Daudt de Oliveira, dos Estados Unidos. O grande industrial brasileiro, que se vê ao centro do grupo, viajou no luxuoso paquete "BRASIL", da Frota da Boa Visinhança. No flagrante acima vê-se ainda entre outras pessoas gradas, o dr. Paulo de Godoy, Chefe do Departamento de Propaganda dos Laboratórios Daudt de Oliveira & Cia.

Novo... CREME Desodorante que Detém A Transpiração nas Axilas sem perigo



1. Não danifica os tecidos, não irrita a pele.
2. Não é preciso esperar que seque.
3. Detém instantaneamente a transpiração de 1 a 3 dias. Remove o odor da transpiração.
4. Um creme evanescente, branco, puro, sem gordura.
5. ARRID traz os Selos de Aprovação dos Institutos Internacionais de Tinturaria, como inofensivo aos tecidos.

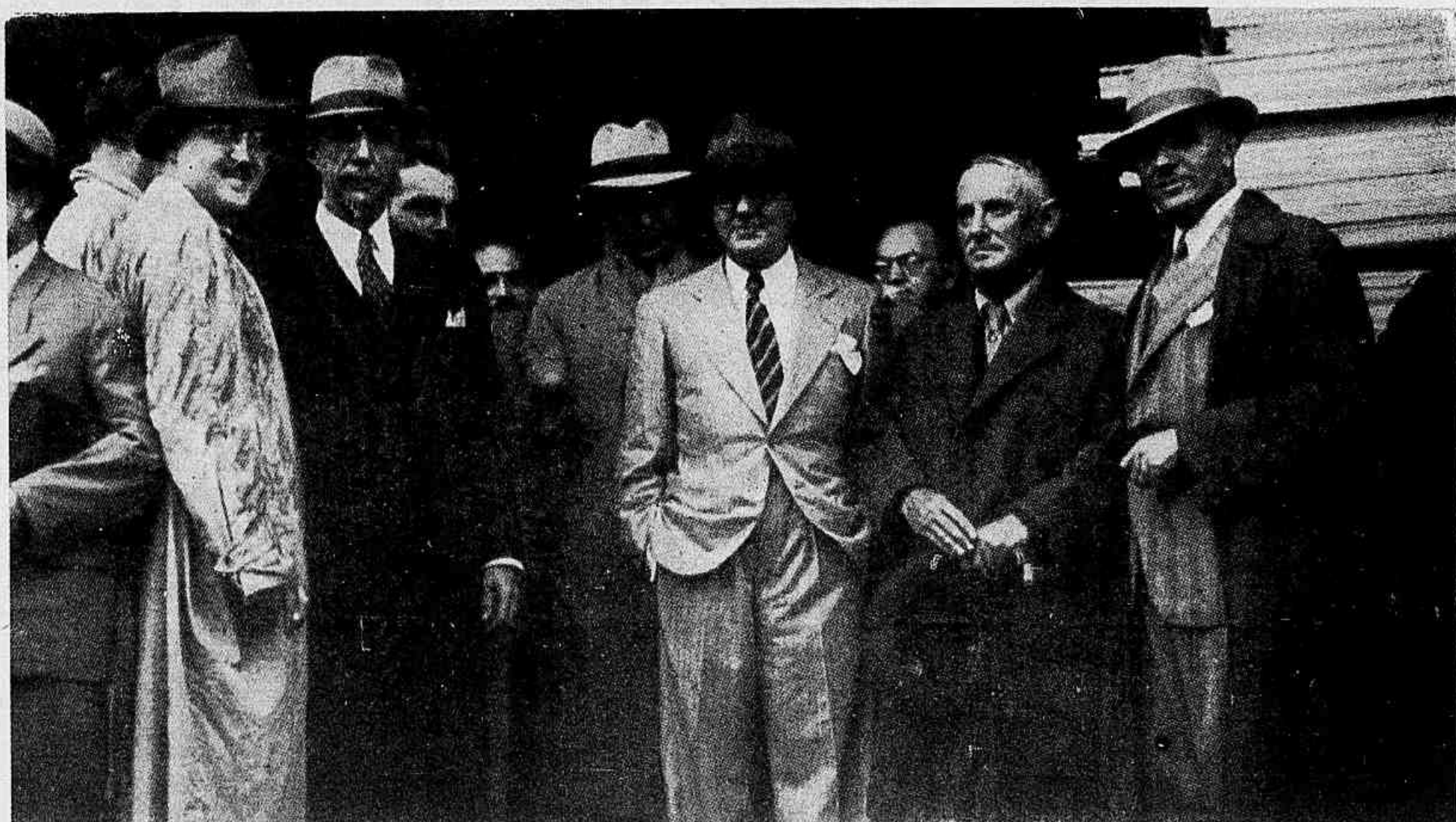
As mulheres usam mais Arrid do que qualquer outro desodorante. Experimente um pote hoje mesmo!

ARRID

Tamanho econômico

9\$500

Tamanho pequeno 4\$800



Aspecto colhido por ocasião da chegada a esta Capital do grande industrial brasileiro sr. Manoel Cavalcanti de Brito, diretor-chefe das fábricas de produtos MARCA PEIXE, importantes estabelecimentos do norte do país. Além de inúmeras pessoas de representação social que acorreram ao desembarque daquele industrial pernambucano, destacamos os nomes dos srs. Candido Cavalcanti de Brito, Joaquim Cavalcanti de Brito, Francisco de Souza Leão, representante no Rio da firma Carlos de Brito & Cia. e Cícero Leuenroth, diretor da EMPRESA DE PROPAGANDA STANDARD LTDA.

Santos e Efemérides da Semana

OUTUBRO

4 São Francisco de Assis. — Cognominado o "Po-verello" de Assis porque, tendo-se despojado de todos os bens, se consagrou ao serviço dos pobres, para os quais mendigava. Numerosos discípulos agruparam-se em torno dele, e foi assim que se viu levado a fundar várias ordens religiosas célebres. Morreu em 1226 e foi canonizado dois anos depois.

— **Santa Aurea.** — Virgem posta por Santo Eloi á testa do convento de São Marcial, por ela fundado. Governou essa comunidade durante trinta e três anos, e morreu de peste em 666, com 160 das suas religiosas.

— Nasce em Paris Paulino José Soares de Souza, visconde de Uruguay, senador do Império e ministro de Estado (1807). — Falece no Rio Joaquim Francisco Gonçalves Ponce de Leão, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1855). — Falece no Recife Francisco do Rego Barros, conde da Boa Vista, brigadeiro reformado do Exército, senador, presidente de Pernambuco, de fecunda administração (1870). — Falece no Rio de Janeiro o tenente-general Manuel Luiz Osório, marquês do Herval, senador do Império, ministro da Guerra, grande vulto de guerreiro, de notável ação na guerra do Paraguai (1879).

5 São Plácido e seus companheiros. — Grupo de mártires das primeiras perseguições. Segundo a lenda, São Plácido teria sido discípulo de São Benedito, e acrescenta que, surpreendido pelos piratas, teria sido ele massacrado, com todos os seus companheiros, em 541.

— **Santa Galla.** — Jovem viúva que se retirou do mundo após haver distribuído todo o seu patrimônio. Tendo feito construir uma cela perto do túmulo dos apóstolos, aí morreu, consumida por doença e austeridades, em 550 aproximadamente.

— Morre na Bahia Diogo Alvares, o "Caramuru" (1557). — Falece no Rio Miguel Calmon du Pin e Almeida, marquês de Abrantes, estadista, ministro de Estado várias vezes e notável orador parlamentar (1865). — Falece no Rio D. José de Assis Mascarenhas, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1868). — Falece no Rio o brigadeiro honorário Francisco Pinheiro Guimarães, guerreiro, escritor, parlamentar, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1877).

6 São Bruno. — Nascido em 1035, em Colônia, foi primeiramente professor de teologia e de hebraico no colégio de Reims, onde teve por discípulo um senhor que foi mais tarde Urbano II. Retirou-se com seus companheiros para uma montanha numa região chamada Chartreuse, onde fundou uma ordem que tomou o nome de Chartreux, e foi posta sob a regra de São Benedito.

— **Santa Fé.** — Mártir de Agen, por ordem de Daciano, governador das Galias, no reinado de Diocleciano (309).

— Nasce no Pará o poeta Bruno Seabra (1837). —

Falece em São Paulo Garcia Redondo, contista, teatrólogo, da Academia Brasileira (1916). — Falece José Sociano de Sousa Filho, ministro do Supremo Tribunal Federal (1938).

7 Santo Augusto. — Pobre padre dos arredores de Bourges, que construiu um santuário em Saint-Martin. Nomeado abade de S. Sinforiano, descobriu o corpo de Santo Ursino, o apóstolo da região. Morreu em 560, aproximadamente.

— **Santa Justina.** — Filha do prefeito de Pádua, convertida por um discípulo de S. Pedro. Presa por ordem do prefeito Maximiano, quando visitava e consolava os cristãos perseguidos por Nero, recusou-se energicamente a renegar sua fé e foi atravessada a espada por um soldado nos degraus do palácio imperial (68).

— Nasce em Icó (Ceará) Tristão de Alencar Araripe, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1821). — Falece no Rio de Janeiro Manoel José Espinosa, ministro do Supremo Tribunal Federal (1912).

8 São Simão. — Religioso de Israel, que pedia com seus votos a redenção de seu povo, e que teve a felicidade de ter Jesus nos braços no dia da Apresentação no Templo (século I).

— **Santa Brígida.** — Nascida em 1302. Desposou o bem aventurado Ulphon, príncipe de Nerice, do qual teve oito filhos. Mãe de Santa Catarina da Suécia. Após a morte do marido, fundou um convento que seguiu as regras de Santo Agostinho. Foi a Jerusalém e visitou os Santos Logares. Morreu em 1373.

— Nasce no Rio de Janeiro Evaristo da Veiga, jornalista, político, figura da Independência, patrono da cadeira 10 da Academia Brasileira (1799). — Falece na Bahia D. Marcos Teixeira, 5.º bispo do Brasil (1624).

9 São Diniz. — Era membro do Areopago. Convertido pelo apóstolo São Paulo, foi á Gália anunciar o Evangelho. Pregou primeiramente em Arles e foi depois a Paris onde o decapitaram na montanha que foi depois chamada

Montmartre. Foi enterrado na aldeia de Catolacum, hoje Saint-Denis.

— **Santa Púbia.** — Viúva de Antioquia, que dirigiu uma comunidade de virgens e foi martirizada por Juliano, o Apóstata, no século IV.

— Nasce em Campos (E. do Rio) José do Patrocínio, jornalista, orador, romancista, figura da Abolição. Da Academia Brasileira (1853).

10 São Francisco de Borgia. — Dignitário da corte de Carlos V e vice-rei da Catalunha, demitiu-se para entrar na Companhia de Jesus, da qual se tornou o terceiro geral. Morreu em Ferrara, quando de uma embaixada que lhe fôra confiada por S. Pio V, em 1572.

— **Santa Eulampia.** — Jovem virgem de Nicomédia, martirizada com seu irmão, Santo Eulampio, sob Maximiano Hércules, em 302. Seu suplício arrastou á conversão duzentos soldados, que partilharam da sua sorte.

— Falece Pero do Campo Tourinho, donatário da capitania de Porto-Seguro, fundador da vila deste nome (1553). — Nasce na Bahia Domingos Borges de Barros, visconde da Pedra Branca, poeta, diplomata, senador (1780). — Falece no Rio Lucas Antônio Monteiro de Barros visconde de Congonhas do Campo, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1851). — Falece no Rio o dr. José Francisco Sigaud, primeiro diretor do Instituto dos Meninos Cegos.



CONSULTORIO ODONTOLOGICO

Toda a correspondência para esta secção de-
verá ser enviada para o consultorio do ci-
rurgião dentista **ALEXANDRINO AGRA**.
Rua S. José, 84 - 3º andar - Tel. 22-6200

Anna Maria (Santa Catarina) — Não deve esperar.

Altamirando Ferreira (Rio Grande do Sul) — Deve mandar tirar uma prova radiográfica do dente de que me fala em sua apreciada carta.

Amílcar Soares (S. Paulo) — Tome um comprimido em agua assucarada, às refeições.

Rita Soero (Amazonas) — E' possível mas não é provável.

Darcy Nunes (S. Paulo) — Movel ou fixo, à sua vontade.

Alzira Nogueira (Amazonas) — Provas odontoradiográficas de todos os dentes desvitalizados.

Braga Bruno (Rio Grande do Sul) — O dente de que me fala em sua carta é um molar de seis anos, que não será substituído, devendo ser cuidadosamente tratado e com urgência.

Ernesto Pereira (Alagôas) — Antes de deitar-se, de preferência.

Gonçalves Barbosa (Minas Gerais) — Nem sempre se apresenta como pensa.

Filgueiras Filho (S. Paulo) — E' difícil resolver o caso como pensa.

Zilda Victoria (Alagôas) — Provavelmente.

Carlos Tomaz da Silva (Santa Catarina) — A tintura de iodo, por exemplo.

Ernestina Domingues (Rio Grande do Norte) — A porcelana é o que se usa.

Marcos Julio (S. Paulo) — Não julgue possível curar-se em tão pouco tempo.

F. Lobo (Rio Grande do Sul) — Procure, aí, o professor Cirne Lima.

Alberto de Oliveira (Paraíba) — Remoção de todos os focos com a máxima urgência.

R. Colaço (S. Paulo) — Duas vezes por semana.

Quiteria de Munhoz (Espírito Santo) — Não é possível.

Alexandrino Agra.

Veja como é fácil

fazer os seus próprios vestidos!

MODELO SINGER DE PEDAL
5 gavetas. Essencialmente prático. Pode ser adquirido com motor elétrico Singer.



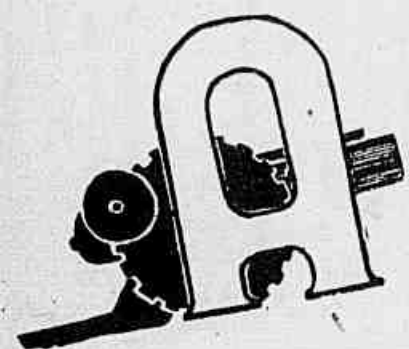
Sim, basta aplicar o sistema Singer. E em qualquer Loja Singer há sempre uma pessoa habilitada que a poderá orientar, gratuitamente, em poucas palestras, sobre a melhor maneira de fazer os seus próprios vestidos, bem como as roupas de seus filhinhos. Por esse sistema, e com a Máquina Singer — leve, obediente e veloz — a Sra. economizará no feitio, para empregar a diferença na fazenda e nos enfeites de seu vestido.

Todas as agulhas e peças Singer legítimas têm a marca registrada **SIMANCO**. Cuidado com as imitações.

Singer

L - 7 3
Um belíssimo livrinho SING 3, GRATIS!
Envie-nos este coupon e receberá um belíssimo manual ilustrado, contendo interessantes sugestões sobre a ARTE DE COSER e DECORAÇÃO DO LAR.
SINGER SEWING MACHINE CO.
Caixa Postal, 2967 — São Paulo

NOME.....
RUA.....
BAIRRO.....
CIDADE.....
ESTADO.....



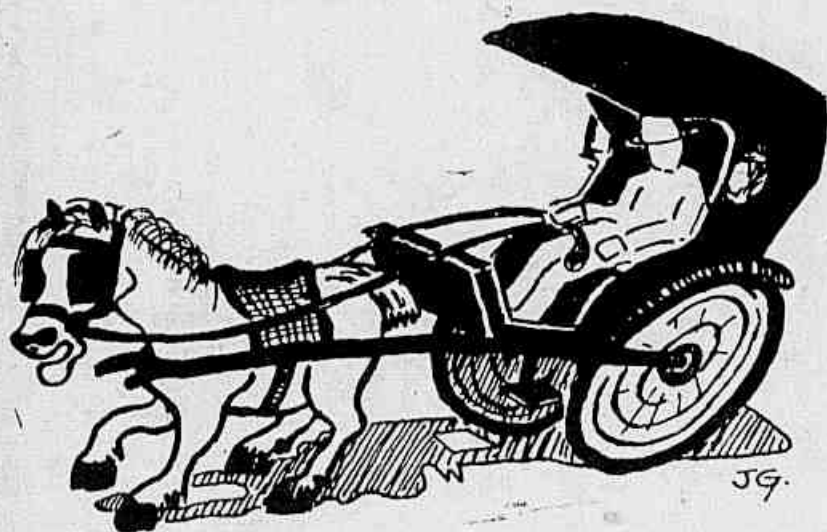
guerra é a destruição. Tema gostoso para dissertações, mostrando que com outros choques armados muita coisa nova e útil tem aparecido. Pode ser útil e inovadora, mas para nós é destruição. Pode ser um ponto de vista antiquado

e em minoria; pouco importa. E' destruição. Não é preciso incluir-nos nos debates eternos entre apologistas e doutrinadores da paz e guerra. Para que perder tempo? Que adiantam livros, lições, universidades que preguem a paz? Ao menor arreganho, taxa alfandegaria... ao primeiro ranger de dentes, tal como qualquer irracional, os civilizados racionais passam a fuzilar a família alheia e destruir numa volúpia inconcebível, esquecendo e fazendo esquecer todas as lições e credos que pregaram a paz entre os homens.

Seria muito interessante dizer que a guerra é condição do progresso e faz o desenvolvimento do Estado e do homem, quando só vemos mortandades, incendios e ruínas.

Numa erudição facil podemos dizer que, no século XVII, Fénelon escreveu: "a guerra é vergonha para o genero humano". E ainda melhor no século XVIII lá está Voltaire escrevendo: "Enquanto o capricho de alguns homens contribuir, periodicamente, para a destruição de milhares de nossos irmãos, de parte do genero humano consagrado ao heroismo, será o que de pior existe em a natureza."

Por isso não é sensato que, sendo a guerra tudo o que há de mais cruel e funesto no sentido mais nefasto de destruição, apareçam argumentadores para falar da sua necessidade, do progresso que ela promove. Toda a presunção de força e poder que corre a par com o progresso e a civilização ainda não conseguiram deter as forças guerreiras que dormem dentro de todos os povos. E' um sentimento profundo da humanidade. Vi-



vemos sempre repetindo a invasão dos barbaros como Historia Antiga. Repara como se aprecia um canhão ou um *destroyer*. De todos os juramentos para se respeitar o proximo, passa-se para a consagração do matador. Quem mais destruir mais rapidamente vencerá. Os aeroplanos que levantam vôo escolhem especialmente os pontos nevralgicos.

Nesta guerra, quando tudo é mecanizado, o vertice é o poço de petroleo. E' do poço que saem mil e uma essencias para vitalizar a guerra. Então precisam arruinar a vida do inimigo. Quando não encontram poços de petroleo, procuram os laboratorios, as usinas, onde posa haver as grandes distilarias, a criação e fabricação de sucedaneos... Gazolina é a moeda mais cara. Ten-

VOLTOU

ta-se eliminá-la onde ela está sendo também fabricada sinteticamente. E onde houver um reservatório, aí o alvo é saboroso. O essencial é destruir. Arrasar para que o inimigo não tenha gasolina. Será possível que esse sentido de estragar não acabe limitando as reservas do mundo? Si não acaba pelo menos em outros povos os problemas aparecem mais rapidos pelas consequências varias da destruição. Alguns povos europeus, mesmo os menos românticos, menos sonhadores, estão diante da verdade dura, do problema de reduzir o consumo de combustível liquido em face das dificuldades criadas pela guerra; mesmo sem falar na propria alimentação. Mas não falemos neste problema negro. Forçosamente que estas restrições e diminuição de quantidade de materiais não podem servir de argumento para os apologistas rubros.

Tambem a propria ciencia que, incansavel em fazer o bem, se entregou igualmente á volúpia de todos os dias aumentar a capacidade de destruir. O consumo do material neste tempo de barbarismos deve ser, forçosamente, muito maior que as criações e que os depositos da natureza. Consumo e arrazamento maiores. Vencer pela destruição.

Quando os quadrupedes tinham o dominio das estradas, eram eles que sintetizavam e absorviam todo o assistem de locomoção e davam um ar pitoresco. Depois veio o motor de explosão... Parecia a vitoria completa da máquina. Parecia... Começou-se a olhar os animais como cousa repe-



Noticias da França repetem a carencia de combustível e escassez de materias primas. Lê-se que autoridades estão tomando a iniciativa de evitar que venha aumentar sofrimentos maiores para o comercio.

Em virtude da deficiencia da tão querida essencia para mecanização, permitiu-se a tração animal nas lindas estradas da terra de Joana D'Arc. Consentiu-se que carros puxados por animais voltassem para as estradas onde o trafego só era permitido ao rei do momento: o automovel.

Quando os quadrupedes tinham o dominio das estradas, eram eles que sintetizavam e absorviam todo o assistem de locomoção e davam um ar pitoresco.

Depois veio o motor de explosão...

Parecia a vitoria completa da máquina.

Parecia...

Começou-se a olhar os animais como cousa repe-



Diário de Notícias

O jornal
dos bairros
residenciais

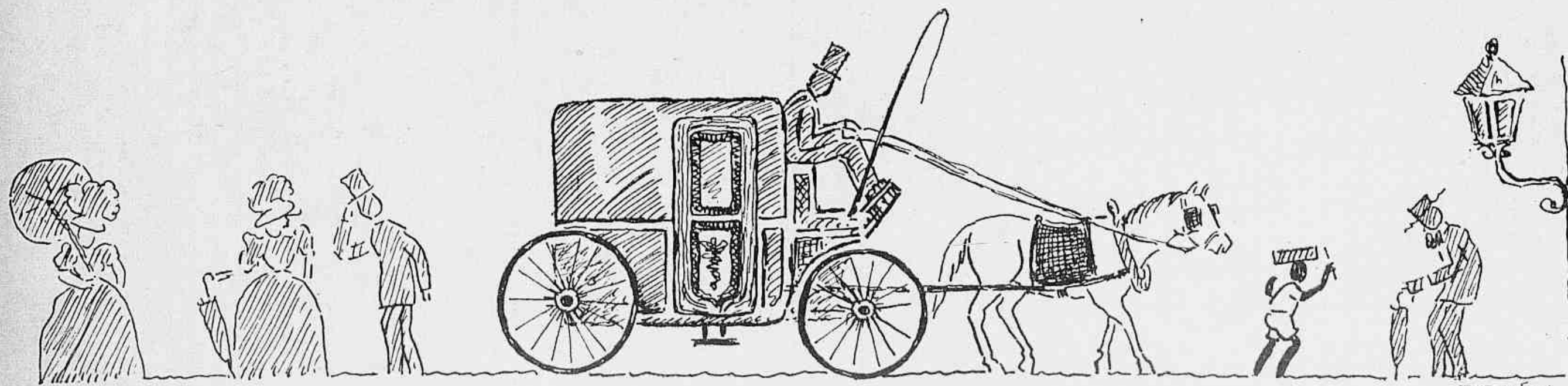
Ninguém pode hoje viver, na cidade como nos campos, sem um mínimo de conhecimentos sobre os fatos de cada dia, sobre os progressos económicos, científicos, artísticos, sociais. Quer isso dizer que ninguém pode hoje viver sem a permanente companhia de um criterioso e moderno órgão de informação.

Faça do

Diário de Notícias

o seu jornal

O Matutino de Maior Circulação do Rio de Janeiro



FIACRE!

lente. O cocheiro, carroceiro, o carreiro eram apontados como anti-estéticos. Todas as profissões de trato com animais eram relegadas para lugares distantes dos caminhos e estradas onde os fiscais punham um traço de civilização. Onde havia antes uma cocheira, há uma *garage*. A hegemonia do transporte estava com os motores de explosão e os vencedores esquecem as reviravoltas da sorte. Os ricos de ventura pouco se detêm na meditação de dias incertos.

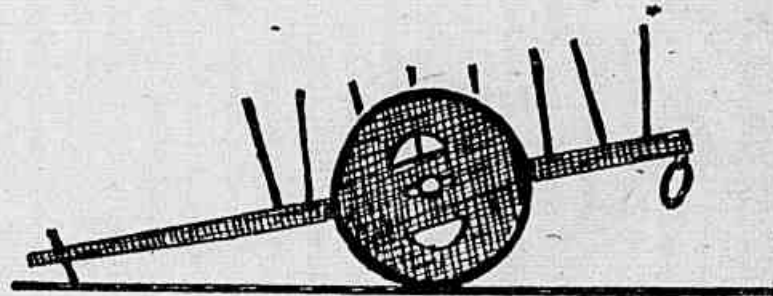
País que tão bem sabe explorar o fator turismo, tratava bem as estradas, dava valor aos automóveis

Foram buscar nas esquecidas cocheiras os velhos veículos dignos de museu pelo mui-o que representaram na História da mais celebre cidade do mundo. Lá começará outra vez a indústria de carros e carroças que parecia coisa atirada ao esquecimento para quem sempre deu lições e soube sorrir.

As gerações que foram às margens do Sena entraram nos museus para apreciar os carros que foram meios de transporte e assunto dos mais belos quadros. Não faltará até o carro de bois, o *Plaustrum* dos romanos, inseparável na labuta agrícola; depois Julio Cesar invadiu as Galias e foi encontrá-lo com o nome de *Bena*, designado pelos gauleses e como isto tudo parece His-

toria muito antiga e pode voltar para as estradas da França...

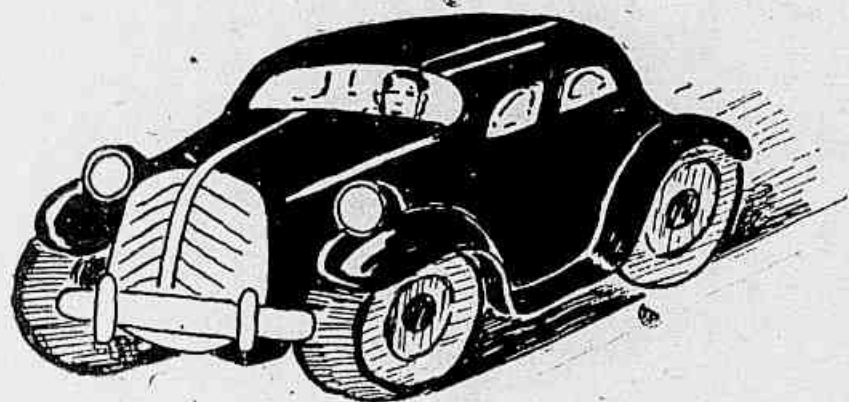
O problema de transporte que parecia resolvido, primeiro pela roda de madeira dos carros de bois dos romanos, com a roda de aço do trem, de borracha do automóvel, já está nas asas do avião e vê-se por uma ironia do destino voltar a uma história antiga, reviravolta do destino que faz que os telegramas tragam da



antiga Capital do Mundo uma novidade que espanta, si alguma coisa nos pudesse espantar.

Paris, a eterna. Paris, a ditadora da moda. Paris Paris. Paris. Paris, na época da mecanização, anuncia a volta do fiacre!

— Não me está o senhor vendendo um *figurino* velho?!



de luxo e relegava para os museus as carruagens de tração animal. Na instantaneos artigos, notas, crônicas, mostram, em pleno Paris de 1941, os *fiacres*, *seges* *vitorias*, *caleches*, *coupés* e *landaux* e outros veículos em funções como, antes das duas guerras, em 1910...

Na época da máquina vitoriosa só se fala na tração animal.

E a notícia é de Paris...

DEPOIS SERÁ TARDE

Si V. S. não mandar o seu jornalista reservar desde já o seu exemplar, ficará sem o **Almanaque Eu Sei Tudo** para 1942. E' certo que a tiragem está sendo acrescida, mas os pedidos já se elevam a cifra superior à venda do ano corrente.

Redação:

Maranguape, 15 — Rio de Janeiro



PROTETOR DAS ARTES

— Deixarei alguns dos meus quadros ao Louvre; isso dará mais valor aos outros,

ESMALTE
Lalaque

Nas cores

- BRANCO
- ROSA NATURAL
- ROSA RUBRA
- ROSA CORAL
- ROSA ANTIGO
- CARDINAL
- RUBY
- CYCLAMEN
- GRENAT

Com o novo esmalte Lalaque suas unhas brilham como jóias! Dura mais e custa menos!

A' venda em todo o Brasil

Números atrasados desta revista na Capital do Estado de São Paulo. Procurar no

LARGO DO PAISSANDU', 124 - TEL. 33885

Um esprestimo de Balzac

Um notário de Paris, homem alegre e que apreciava a companhia dos literatos, jantava algumas vezes com Balzac, Jules Sandeau, Theophile Gautier e outros escritores conhecidos da mesma época. Num desses jantares, Balzac, que geralmente animava a todos com o seu espirito, estava neste dia taciturno. A reunião se ressentia disso, o notário não sabia como fazer voltar a alegria.

— Senhores, disse ele de repente, ofereço-vos cinco garrafas de vinho Moët para dissipar esta tristeza.

Caro tabelião, disse Balzac, minha tristeza tem uma causa, pôde-se lá estar jovial na véspera duma cobrança, sobretudo quando não se tem o dinheiro necessário para paga-la?

— Quanto precisa, meu caro Balzac?

— Mil francos.

— Estão aqui, disse o notário tirando uma nota da sua carteira, pagar-me-á, quando publicar o proximo trabalho.

— Gostaria mais, disse Balzac, rindo, de pagar-lhe quando publicar o meu melhor trabalho.

— Está dito, aprovou o notário.

Imediatamente Balzac escreveu o seguinte bilhete:

"Prometo entregar a M. D..., notário, a soma de mil francos com o produto do meu melhor trabalho".

Balzac."

Não é preciso acrescentar que o jantar terminou alegremente.

O notário esqueceu do bilhete três anos, mas um dia escreveu ao seu devedor:

"Acabo de ler **Eugenie Grandet**. Permite meu caro amigo, testemunhar-lhe minha admiração por esta obra-prima: é, sem menor duvida, seu melhor trabalho."

Balzac respondeu:

"Crê então que se esgotou a minha imaginação? Paciência, meu caro, e ainda verá..."

Treze anos mais tarde, o notário lembrou-se que ainda não tinha sido pago, escreveu novamente a Balzac:

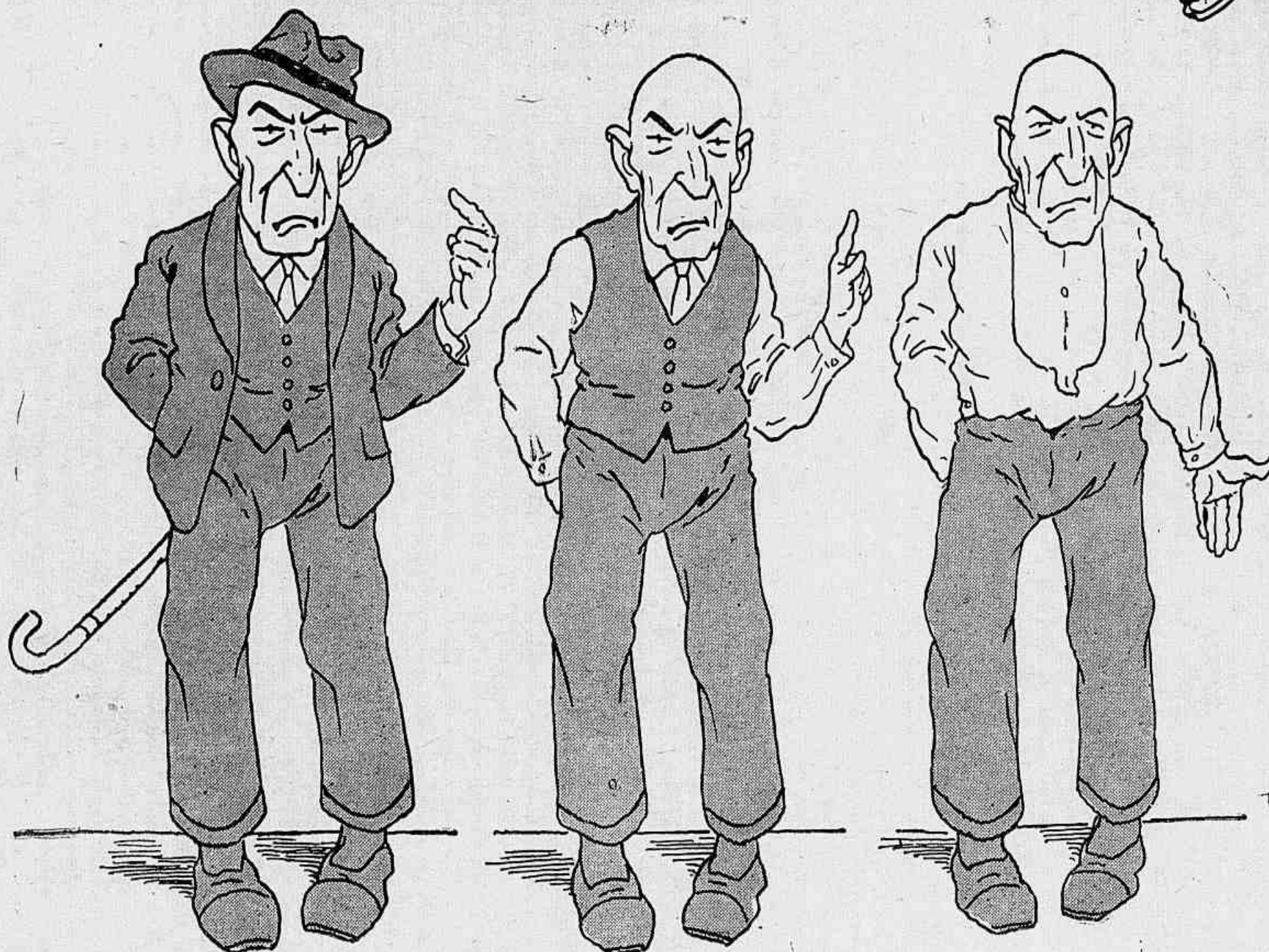
"Meu caro amigo, acabo de ler **Os Parentes pobres**. E' a cumeira do edificio; não poderá atingir mais alto."

Balzac desta vez, contentou-se em responder no verso da carta:

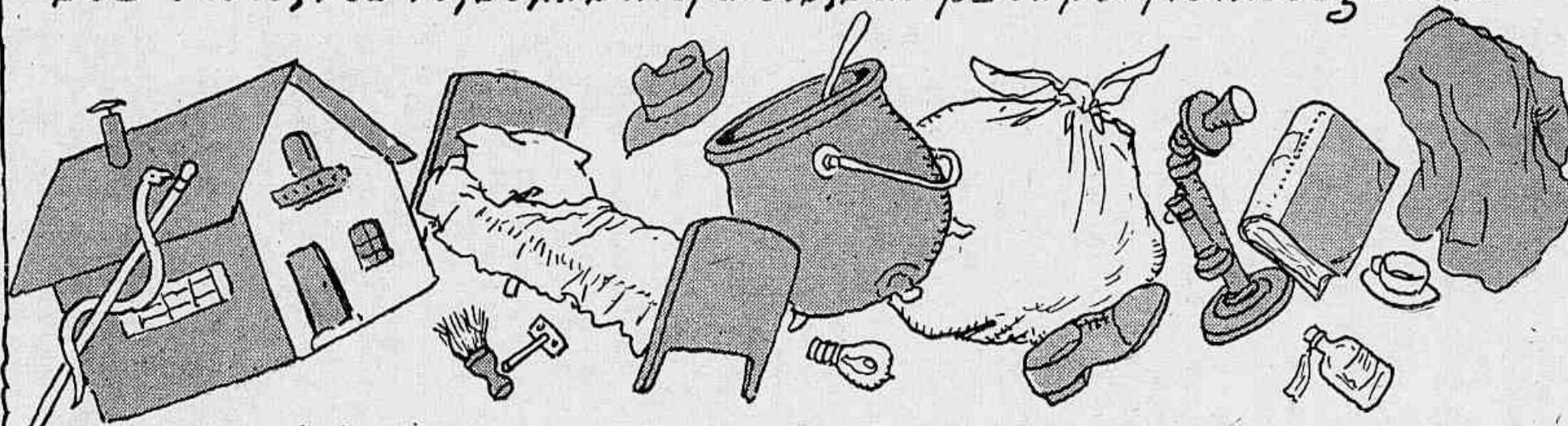
"Farei ainda melhor".

E, pouco tempo antes de morrer, Balzac pagou sua dívida, capital e juros.

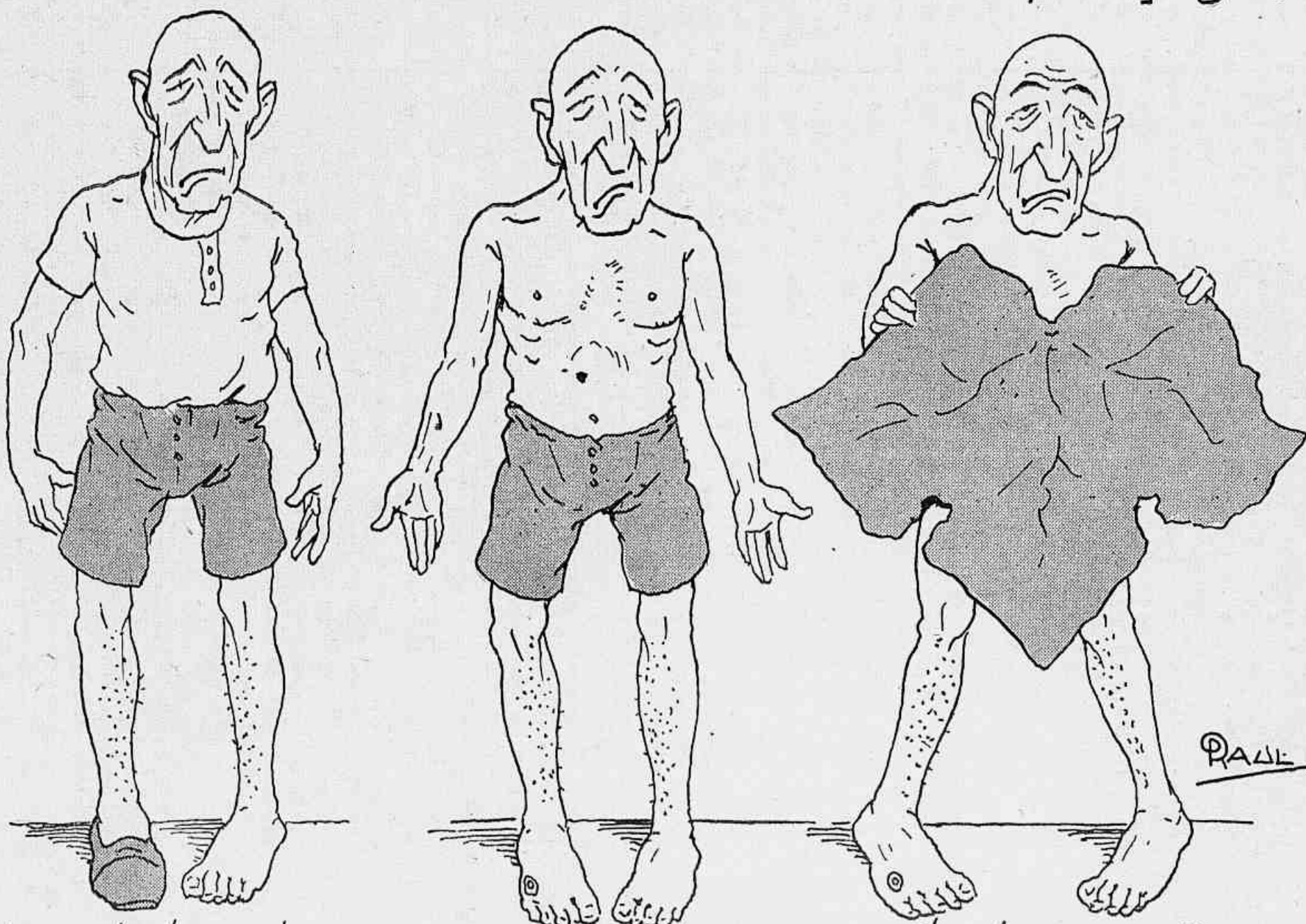
Monólogo:



— "Sou velho, viúvo, só, ... sem filhos, sem paz ... porque mal aguento



o custo de teto, cama, comida e mais miudezas; mas o fisco exige



imposto de renda e de viúvo sem filhos...

e mais o de encargos de "família"...

— Será para me fazer Viúvo alegre?... »

O AMIGO Nº1 DAS SENHORAS

ASTREA

PODEROSO ANTISEPTICO, SUAVEMENTE PERFUMADO, DE RAPIDA ACCAO BATERICIDA.

O MAIOR PROTETOR DE TODOS OS ENCANTAMENTOS FEMININOS. PROPORCIONA AGRAVAVEL BEM-ESTAR.

PARA A HIGIENE INTIMA DAS SENHORAS

INDISPENSAVEL A HIGIENE INTIMA DAS SENHORAS

Mulheres...

O único defeito da mulher é o homem.
JULIO DANTAS

SEMPRE se ouve dizer que numa mulher não se deve bater nem com uma flor. Esse conselho amável, no entanto, não tem sido cumprido á risca, segundo se depreende, quasi diariamente, do noticiário dos jornais.

Quasi sempre, o homem que se viu despresado pela amante, pela esposa e até pela noiva, enfurecido esbordeia-as com taponas e a chicote.

Não desejo entrar na apreciação da rudeza do gesto daquele malvado. Ele, ás vezes, está cheio de razões, lá íntimas, ou a carência de boa educação moral o leva a atitudes descontroladas.

Pertengo, felizmente, ao rol dos homens pacatos, para quem a mulher é uma flor de mil encantos.

Uma ocasião vi-me rodeado, em distinta reunião familiar, de varias senhoras da melhor sociedade. Uma delas, com a grande e inquieta vivacidade dos seus olhos negros, pediu-me a opinião sobre as mulheres de hoje.

Não hesitei, seria deselegância. Falei com aprumo, desembaraço e serenidade:

— As mulheres de hoje são lindas.

— E as de ontem? — redarguiu a minha ilustre interlocutora.

— Eram lindas.

— Bem se vê que o senhor foge, malabaristicamente aos verdadeiros intuitos de nossa curiosidade. Diga-nos, ao menos, como considera, a nós, mulheres.

Compreendi que estava sendo sitiado, estrategicamente, por uma porção de olhares que traduziam tudo: indiscreção, curiosidade, até malícia.

Uma criada, a servir-nos gelados, em finos cristais que faiscavam e soavam ao se tocarem, falando "a voz das cousas", deu-me tempo, com a sua presença, refletir para renovar a minha contra-ofensiva.

Ela, após tocar os lábios nacarados na taça de champagne, continua:

— E então, que me responde?

— Somente isto. Aceitar, como a mais poética e sincera opinião sobre as mulheres, a de Julio Dantas, que as julga todas uma interrogação. Eu, aliás, discordo quanto á generalidade. Penso, também, que há algumas que são, em nossa existência, uma exclamação. Quando elas nos fazem uma de suas leviandades, dão-nos sempre a impressão de incerteza, da dúvida. Seria possível?

CONCURSO POPULAR MENSAL DO DIARIO DE NOTICIAS

Distribuimos com a nossa edição de 27 do mês findo (sábado passado) mapas referentes ao corrente mês de Outubro do "Concurso Popular" daquele grande matutino carioca, mapas esses destinados, de preferencia, a leitores do Distrito Federal e lugares próximos.

Si V. S. — que deve ter o mapa juntamente com o número de sábado passado — com ele concorrer ao "Concurso Popular" de Outubro, daquele jornal, e for contemplado com um dos seus premios do valor de 5:000\$000, receberá esse premio do "Diario de Noticias" acrescido do valor de 1 conto de réis.

Por outro lado, si o mapa distribuido pela REVISTA DA SEMANA, contemplado com o premio de 5:000\$000, não tiver sido aproveitado pelo nosso leitor que o recebeu juntamente com a "Revista" do último sábado, o "Diario de Noticias" entregará aquele premio adicional ao portador do mapa aproveitado, da respectiva série, cujo milhar, mais alto ou mais baixo, seja o mais aproximado das 4 finais do 1.º premio da Loteria Federal de 12 de Novembro vindouro.

As condições que regem o concurso acham-se impressas no proprio mapa.

A redação do "Diario de Noticias" fica situada na rua da Constituição, n.º 11.

O seu amor vivia
na sombra...

CHARLES BOYER e MARGARET SULLIVAN - os grandes astros da UNIVERSAL, num ineqüívoco e vibrante romance de amor.



CORAÇÕES HUMANOS
"BACK STREET" (A Esquina do Pecado) de FANNIE HURST - nova edição revista por RUBEM BRAGA.

Ela era um balsamo para as dores morais do seu bem amado; uma conselheira docil e amorosa para as suas horas de amargura...

Vivia naquele estranho estado d'alma provocado pela chama imortal de um amor mais forte que o tempo, mais poderoso que os preconceitos.

Editora Civilização Brasileira S. A.

RIO DE JANEIRO
RUA DO OUVIDOR, 94

SÃO PAULO
RUA 15 DE NOVEMBRO, 144

Há as mulheres ponto e vírgula, isto é, em alternativas: ora tratam-nos com abençoada carícia, ora nos rogam, de leve, com a quasi hipótese de um beijo de amor. As adoráveis causadoras dos nossos males parecem-se com a vírgula, quando, no cinema, na rua ou no dentista, estabelecem conosco um flêrte. A mulher é um acento circunflexo, quando nos franze o sobrolho, reprovando a insistência deslumbrada ou cupida de um olhar. E' um acento agudo, quando dá histericas risadas em nossa bochecha, a indicar: — Você não se conhece? Toleirão...

E' um perigoso traço de união quando quer, imperativa e caprichosamente, agarrar a gente para o casório. A "traço de união" é um imã terrível... A "aspas"... Ah! qual a mulher que se parece com as aspas? E' a criatura ciumenta, que deseja tudo só para si, não deixando o homem pisar em ramo verde, sem estabelecer contacto com outros olhares. E' uma reticência, sorri de nossa fraqueza, enganando-nos com a sua encantadora meiguice; criatura que a gente não sabe quando está falando a verdade. Com quem nos julgamos sempre iludidos e que nos faz sofrer. Toda a mulher é um ponto final, quando "dá o fora" no pobre diabo que ela deixou de amar ou cansou de enganar.

— Como o senhor se transfigura... — atalhou uma senhora, a mais jovem, a mais graciosa, a mais curiosa.

— Diga-nos, agora, — continuou — que somos nós as que o rodeamos, nessa sua demora de vírgulas ponto e vírgulas?

— Sim, acrescentou outra, que é que somos no seu conceito de mestre?

Respondi-lhes tribunicamente:

— Os parêntesis da terra. Cheias de virtudes e de beleza. Cheias de bondade.

Ainda ouvi alguém murmurar deliciosamente:

— Um como poucos.

Aproveitei essa minha saída para encerrar a palestra...

— Fiz o que pude, minhas senhoras, para não vos desagradar, não vos fazer um agravo às virtudes. As minhas "comparações", que desejava possuissem o lindo estilo de Berilo Neves, são sempre menos atrevidas do que o tratamento que, quando escrevem, vos dispensam certos cavalheiros, pombinhos sem fel...

Numa crônica de Flexa Ribeiro colhi as impressões de tristeza de um personagem, por ele descrito, que o deixara ao despedir-se para volver à sua residência, onde o aguardava a esposa. Fê-lo assim: — Até amanhã, meu feliz amigo. Vou para o "front"...

Há certos maridos que chamam a sua cara-metade de... "minha espingarda".

A verdade é esta: o homem desdenha sempre da mulher; mas quem desdenha quer comprar.

Não vos incomodeis, minhas senhoras, com a opinião desajuizada e injusta dos homens. Eles podem dizer o que o seu despeito gerar, contra as vossas queridas pessoas. Mas, na hora do amor, no instante do despreso, os algozes, os altivos, os superiores, entregam os pontos... Basta um sorriso para os pôr de joelhos e algemá-los.

Tenho dito.

O silêncio com que eu era ouvido foi quebrado com os gorgeios dos mais claros sorrisos de mulher.

Sai, bizonho, matutando dolorosamente na desesperadora psicologia feminina.

EDGAR PROENÇA

LIVROS NOVOS

EUROPA 1939, crônicas de Lindolfo Collor. — Rio de Janeiro, 1941.

O sr. Lindolfo Collor dá-nos um livro por todos os títulos precioso. Em primeiro lugar é bem escrito. O sr. Collor — e não veja ele nisto a intenção perversa de lhe chamarmos velho — vem do tempo em que o escritor, em geral, respeitava a linguagem — e se respeitava a si próprio. Aprendeu as regras e sobre elas assentou a formação duma das "maneiras" literárias mais vigorosas e destros que tem conhecido o jornalismo brasileiro. E nem outras preocupações de carreira; nem as ausências do país; nem as leituras em vários idiomas que lhe formaram a cultura vultuosíssima; nem os descasos e abandonos que a pressa de produzir, a ansia da quantidade sem olhar a qualidade introduziu e implantou nas letras modernas — nada disso fez que sofressem os bons princípios adquiridos no devido tempo, na idade própria, por este escritor de vocação, de educação e de amor ao ofício.



A permanência na Europa por mais de um ano, a começar de fins de 1938, permitiu ao sr. Lindolfo Collor acompanhar, em diversos países, os acontecimentos mais próximos da guerra atual. A sua experiência de publicista, de parlamentar e de homem de Estado servia-lhe para observar do modo nitido e com singular alcance os factos que se produziã; os sinais que se esboçavam, as falsas aparências e os prenúncios certos; todas

as evoluções e reviravoltas da opinião e do sentimento. E agora podemos ler as suas impressões e os seus comentários nestas trezentas páginas que, no gênero crônica, se podem considerar modelares. Em todas elas se encontra uma segurança de conceitos que esclarece as questões e dá aos problemas a possível solução. Obra de sinceridade e de coragem, sobretudo quando nos mostra os grandes espetáculos da força e do prestígio, sob os quais a miséria se estorce, lavram os ódios e fermentam as seivas da revolta... O livro do sr. Lindolfo Collor não é propriamente um panorama da Europa de 1939 mas, sim, um filme de grande metragem e alto estilo, em que continuam ainda a projetar-se as lutas e angústias do Velho Mundo e o seu reflexo no mundo inteiro.

A SEREIA VERDE, contos de Dinah Silveira de Queiroz — Rio de Janeiro, 1941.

A autora de *Floradas na Serra*, romance de estreia logo vitorioso e consagrado, reaparece-nos com uma série de contos, nenhum dos quais certamente de qualidade inferior à daquela obra. Dir-se-ia até que, nestas narrativas, onde os episódios correm mais ligeira, mais vivamente, o seu estilo ganha em propriedade e prestígio. No primeiro trabalho mesmo, mais extenso, dilatado até às dimensões que hoje em dia lhe valem a classificação de novela, ha uma vivacidade que empolga. A história mantém de principio a fim uma desenvoltura impecável. Nada a detém, nenhum pormenor inútil a retarda, nenhuma insistência dispensável. Nada a detém, nenhum pormenor inútil a retarda, nenhuma insistência dispensável. Nada a detém, nenhum pormenor inútil a retarda, nenhuma insistência dispensável.



A sr. Dinah Silveira de Queiroz escreve como se conversasse e como os seus personagens falam. Emprega, não raro, nas descrições, as mesmas formas correntes dos diálogos. E a moda, paciência. E a verdade é que nessa tendência de modernizar a linguagem, "popularizando-a", a autora da *Sereia Verde* salva o mais possível a sua individualidade, a sua originalidade. Tudo nela tem graça. Além disso, multiplicam-se por estes curtos períodos fóra as imagens sutis e luminosas. A cada momento surgem as evocações, as comparações, as figuras duma retórica moça e agil, sem nada de solene ou convencional, que vibra e refulge espontaneamente. Esta prosa acaricia-nos a sensibilidade e, até nos transe de amargura, nos toca docemente o espírito.

A *Sereia Verde*, o primeiro conto, tira o título da pintura improvisada pela heroína, quando criança, na parede dum quarto de casa de roça, onde ela volta, alguns lustros depois, casada, e na perturbadora companhia doutro homem. Ha um pecado de pensamento e quasi um adultério de facto. Dois adultérios, porque o cúmplice também é casado! Mas um toque de coração e uma dor de consciência evitam a consumação do irreparável. A aventura termina, se não ditosa, pelo menos serenamente. E o fino poder de observação, a penetração psicológica, a emotividade comunicativa que se afirmam na *Sereia Verde* tornam igualmente, preciosos os outros contos do volume.

PROBLEMAS MATOGROSSENSES, de Archimedes Lima — Cuiabá, 1941.

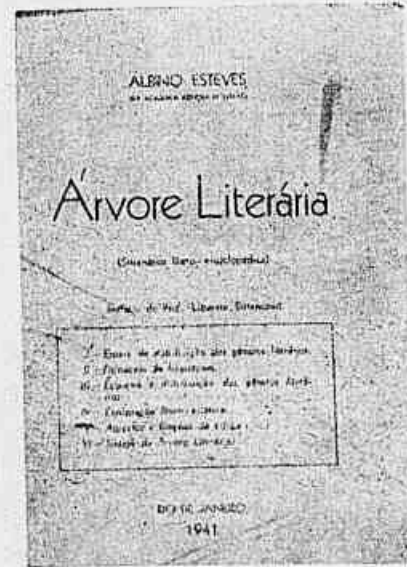
O sr. Archimedes Lima, diretor da Imprensa Oficial e presidente do Sindicato de Jornalistas de Mato Grosso, escreveu para o jornal *O Estado de Mato Grosso*, também sob a sua direção, uma série de artigos em que advogava os interesses daquela terra e daquela gente. Obedecendo todos eles ao mesmo propósito de exaltar as belezas e virtudes da região, apontando ao mesmo tempo os erros que nela dominavam e as reformas ou inovações que se lhe tornavam necessárias, esses trabalhos de exame cuidadoso e apreciação sincera vieram a formar um conjunto sem demasias consideráveis nem deficiências de se notarem, um sistema bem unido e bem harmonioso, digno, enfim, de assumir a forma de livro. E é agora que o trabalho do sr. Archimedes Lima adquire a legítima expressão e a verdadeira utilidade. Os seus estudos de economia, higiene, instrução, comércio em geral, industria de transportes e todas as outras industrias que o Estado comporta ou que a ele se podem adaptar devem ser meditados por aqueles de quem depende a aplicação de tais idéias e a sua prática realização. Ali se trata do babaçu, da borracha, das madeiras, do manganês, das minas, das fontes termas, de todas as abundancias e preciosidades do torrão à espera de serem mais racionalmente desenvolvidas, mais convenientemente aproveitadas. E no fim um mapa estatístico demonstra o que já se fez, claramente indicando, depois dos argumentos e demonstrações de cada capítulo, o que é mais ou menos urgente fazer.



Observa o autor, no prefácio, que não teve a pretensão de fazer obra literária. Mas também a não fez anti-literária. Disse as coisas com singeleza e claramente. A mais não era obrigado.

ARVORE LITERARIA, de Albino Esteves, da Academia Mineira de Letras — Rio de Janeiro, 1941.

Todos os estudos sobre a correção literaria e a linguagem em geral merecem o respeito, além da maior simpatia, daqueles que exercem a profissão de escrever e, como é sua obrigação, a presam e amam o mais possível. O sr. Albino Esteves pertence á categoria de cultores das letras que não visam o êxito sensacional, espetaculoso — ou espetacular, como agora se diz — dos mostradores vistosos; des faixas de apologia redigidas pelo próprio autor; das edições sucessivas em muitos casos antes de esgotada a primeira... O trabalho destes homens obedece á sua consciência, á sua convicção, e sobretudo lhes valerá o jubilo de o terem dignamente concluído. O seu esforço quasi despreza o apreço alheio. Não sofre de decepção verificando depois que o resultado de tantos dias de pesquisa, reflexão, confronto, dedução, organização final, só alguns oficiais do officio ou da rara espécie dos que estudam por amor ao estudo, por amor á arte, recebe o prêmio sagrado da admiração. Põem o seu ideal acima de todos os interesses e todos as pretensões. Anima-os uma especie de heroísmo. E são poetas também.



O livro do sr. Albino Esteves estabelece as ramificações da "árvore literária", para lhe mostrar a variedade das frondes, das flores, dos frutos — e das próprias sombras que á sua volta se podem gozar. Classifica e distingue todos os gêneros criados no poema, na novela, no teatro, na oratória, na sátira, na lenda, na anedota. Destroe numerosas noções errôneas e correntemente adotadas; e pela profusão dos exemplos, justifica o acerto das suas definições e das suas interpretações. Se todos aqueles que tirariam real proveito do conhecimento desta obra a adquirissem, os seus milhares editoriais se sucederiam vertiginosamente — e de verdade.

Quando lhe doem os Pés

TODO O CORPO DÓE...

O sofrimento dos pés pode affectar muitas partes do corpo. As dores nos pés e nas pernas, a fadiga, etc., são muitas vezes causadas pelas doenças dos pés. Observe nas gravuras seguintes qual desses males é o seu.

O Dr. Wm. M. Scholl creou um producto para cada mal-estar dos pés. Verifique as illustrações abaixo e verá que é possível alliviar a dor ou o mal-estar dos seus pés. Compre na sua pharmacia ou drogaria o producto indicado ou visite as Lojas Dr. Scholl.



ARCOS DEBEIS

O Foot-Eazer Dr. Scholl allivia os pés e calcanhares doloridos e os arcos abattidos e planos.



CALLOS PLANTARES

O Lastik-Meta-pads Dr. Scholl allivia os callos plantares e a dor na planta dos pés.



DEDOS TORTOS

O Toe-Flex Dr. Scholl accomoda os dedos tortos e evita a deformação do calçado.



JOANETES

O Reductor de Joanetes Dr. Scholl, efficiente e pratico, allivia a dor e reduz o joanete.



SALTOS TORTOS

As Meias Calcaneas Walk-Strate Dr. Scholl distribuem o peso e evitam a deformação do calçado.

CALLOS

Os Zino-pads Dr. Scholl para callos acalmam a dor e suprimem rapidamente os callos.



CALLOSIDADES

Os Zino-pads Dr. Scholl para callosidades abrandam a dor e eliminam os callos plantares.



JOANETES

Os Zino-pads Dr. Scholl para joanetes alliviam rapidamente a dor.



CALLOS BRANDOS

Os Zino-pads Dr. Scholl para callos entre os dedos alliviam a dor e a irritação.



PÉS DOLORIDOS

O Balsamo Pedico Dr. Scholl acalma e descansa os pés sensíveis.



UNHAS ENCRAVADAS

O Onixol Dr. Scholl é indicado para as unhas encravadas. Acalma a dor.



ODOR DESAGRADAVEL

O Pó Bromidrosis Dr. Scholl faz desaparecer a transpiração excessiva.



Os peritos Dr. Scholl dirão a V. S. como alliviar o mal estar dos seus pés — sem compromisso algum da parte de V. S. Visite os nossos departamentos dos Serviços de Chiropodia, Massagens, Practipédia, etc.

LOJAS DR. SCHOLL - Rua São José, 114 - Rio — Em São Paulo: CASA ANGLO-BRASILEIRA, Succ. de Mappin Stores, - Pça. Ramos de Azevedo

Serviço Dr. Scholl para conforto dos pés

O PRINCEPE GALANTE, peça histórica de Christovam de Camargo — Rio de Janeiro, 1941.

Mais uma vez veem à cena a Marquiza de Santos e D. Pedro I. Trá-los agora o sr. Christovam de Camargo, escritor de larga e admirada bagagem no romance, na poesia, no conto, no ensaio, e a quem o teatro não promete menos invejáveis triunfos.

O sr. Camargo começou procedendo como frequentemente se usa no cinema e na comédia mesma se tem já tentado. Faz um jornalista entrevistar a marquiza, velhinha, na sua casa da rua do Carmo, em São Paulo. Dá-se um qui-pro-quá: o homem de imprensa passa por ser o médico chamado a ver uma escrava doméstica; e isso empresta à peça histórica uma nota de *vaudeville* que depois há de reaparecer de vez em quando, para variar e alegrar o desenvolvimento da ação. Desfeito o equívoco e depois de se recusar, um tanto revoltada, a falar do seu passado — como alguém que visse estranhas, grosseiras mãos procurando revolver as reliquias mais sagradas — a anciã condescende em contar os seus amores com D. Pedro desde o começo, desde o primeiro encontro com o "príncipe galante", a 30 de Agosto de 1822, na colina do Ipiranga. Mas logo a narrativa se interrompe para dar lugar ao quadro em que Domitila, moça, formosa, ativa, inteligente, ambiciosa... e mal casada, inicia a sua grande aventura, o seu grande sonho. Dai por diante, o autor segue, mais ou menos as crônicas, preferindo, porém, a versão segundo a qual a heroína amou sinceramente, profundamente D. Pedro; foi a sua leal conselheira, a sua nobre inspiradora; mereceu

dalgum modo a elevação a imperatriz do Brasil — e a tudo renunciou, sobrepondo ao ideal do seu coração apaixonado os impulsos da sua alma de patriota. As frases que ela profere, de abnegação, de sacrifício encerram a reconstituição histórica; e no epílogo, em que a velhinha se declara envergonhada, embora ao mesmo tempo deliciada, pelo que acaba de recordar, o jornalista lhe responde com a palavra de Cristo, afirmando-lhe que muito lhe será perdoado porque muito amou. Tais as linhas gerais da peça do sr. Christovam de Camargo, a qual merece e nos faz desejar a realização em cena, para então verdadeiramente revelar, a par das suas qualidades literárias, as suas virtudes de técnica teatral.

J. L.



**SEMPRE
USEI...**

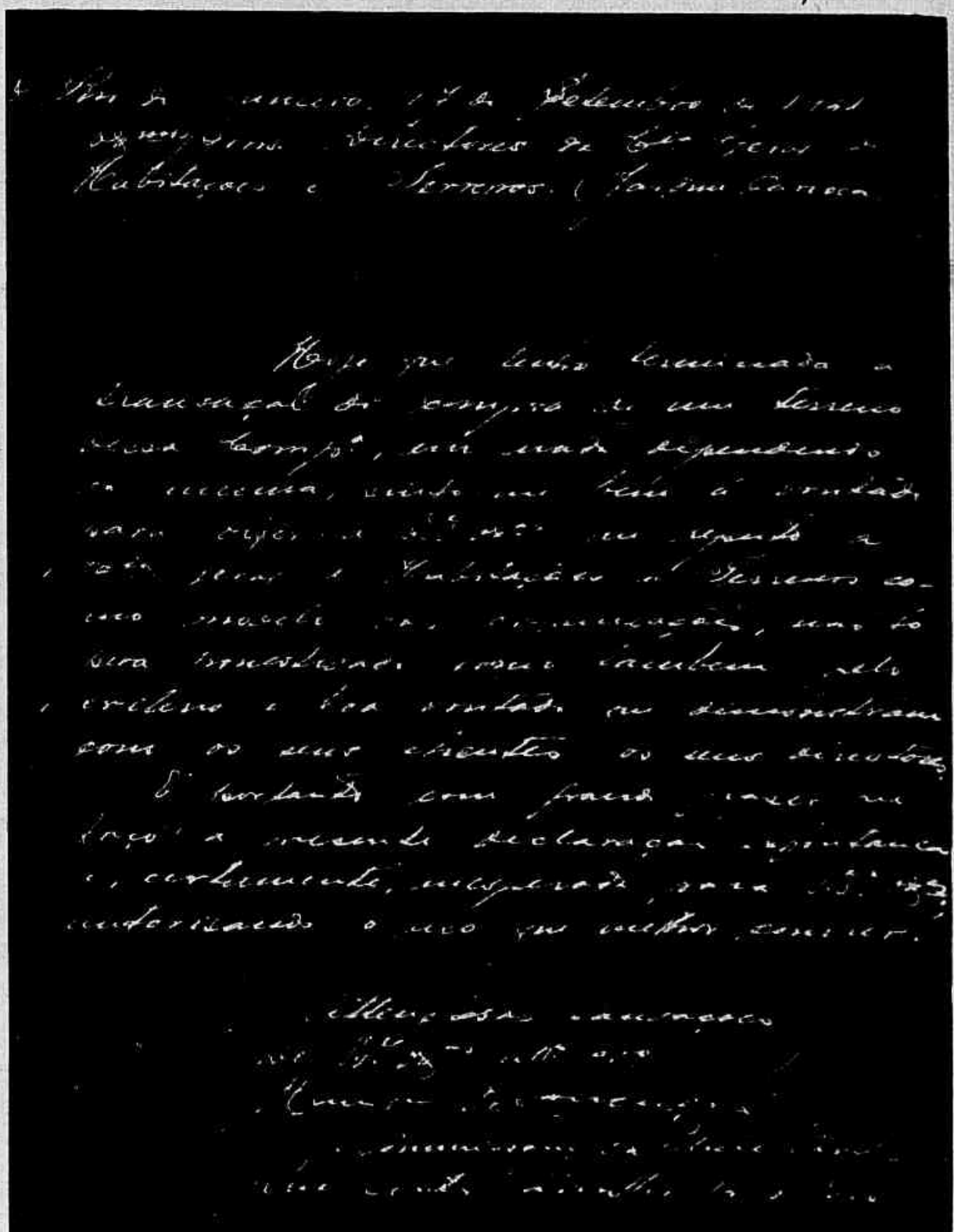
**PASTA
DENTIFRÍCIA
S.S. WHITE**



E graças a este excelente dentífrico
Meus dentes são verdadeiras jóias!

CADA CLIENTE E' - UM. AMIGO...

Os Diretores da Cia. Geral de Habitações e Terrenos, proprietaria do JARDIM CARIOCA, Empresa de terrenos N.º 1 da Ilha do Governador, receberam de seu antigo cliente, sr. Henrique da Conceição, dd. comissário de Polícia, residente nesta capital, a seguinte carta:



Com o documento supra, a Cia. Geral de Habitações e Terrenos externa publicamente a maneira pela qual desenvolve a sua atividade no comércio imobiliário da Capital da República. A carta acima diz bem de sua organização, tida como modelo; de sua honestidade, de seu critério, de sua lisura e de sua boa vontade para com os seus clientes. Cada comprador de terrenos no JARDIM CARIOCA se transforma num amigo da Companhia! E' que JARDIM CARIOCA procura pautar as suas normas de negócio dentro do espírito de seriedade absoluta, limitando-se a um lucro razoável e honesto.

Ainda existem lindos terrenos desde 6 contos, para pagamento em módicas prestações mensais, sem juros e com direito a sorteios de quitação!

Compre por **Cobre** o que vale **Ouro**!

INFORMAÇÕES E PROSPECTOS:

Avenida Rio Branco, 108 — 6.º andar

Fones: 42-3554 e 42-3812

(Edifício Martinelli)

RIO DE JANEIRO

Diretoria:

Gustavo Olyntho de Aquino — Presidente

Ludovico Rolim de Oliveira — Superintendente

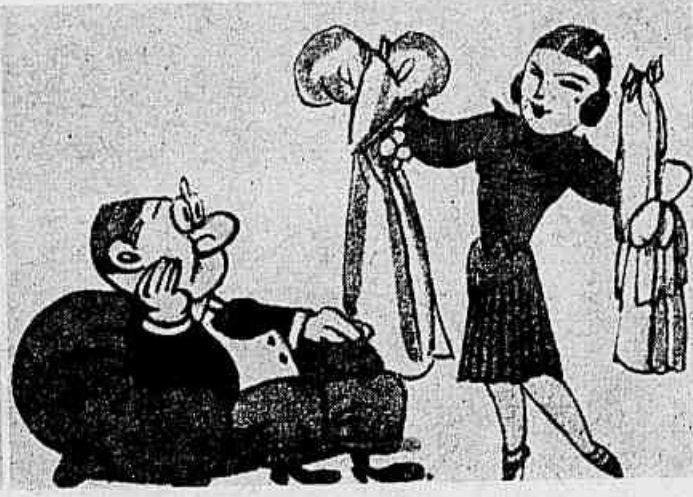
Joaquim Felinto Cavalcante — Secretario

N. B.: — Os terrenos do JARDIM CARIOCA estão inscritos e legalizados sob N.º 1, no 7.º Ofício de Imóveis, conforme o Decreto-Lei, N.º 58.

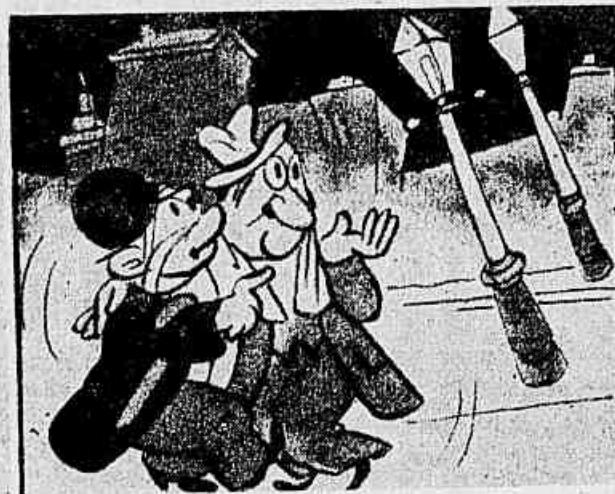
OS OUTROS RIRAM



— Se soubesses quanto me mortifica ver que pagas sempre! Empresta-me vinte mil réis. Hoje quero pagar eu.



— Então, compraste dois vestidos?
— Sim, querido. Este me agradou, mas pensei que poderias gostar mais deste outro e comprei os dois.



— Não te parece que esses postes estão tronchos?
— Sim, devem ter feito assim para que os bebados os vejam direitos.



— Dizem que a musica exerce grande influencia sobre o desenvolvimento das plantas.
— E', querida? Por que não vais então tccar no jardim?



— Mas... esta pscada não está fresca...
— A culpa é sua. Por que não a levou na semana passada?



— Veja, moço, neste vaso ha uma mosca.
— Pode tirá-la sem medo, senhor, está morta.



— Quando nos casarmos, satisfarei teus mercre: desejos.
— E os outros?



— O professor de canto diz que a voz dela tem pouca extensão.
— Devia então ouvir a opinião dos vizinhos!



— Então! não foi o senhor mesmo que me disse para voltar com todos os meus papeis!

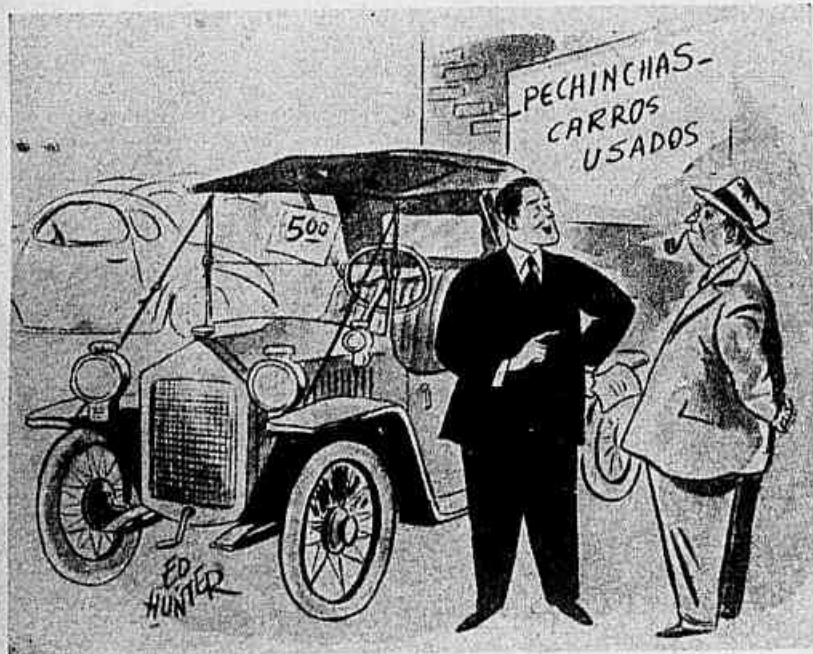


Duas doses por favor.



NA REGIA-FILME

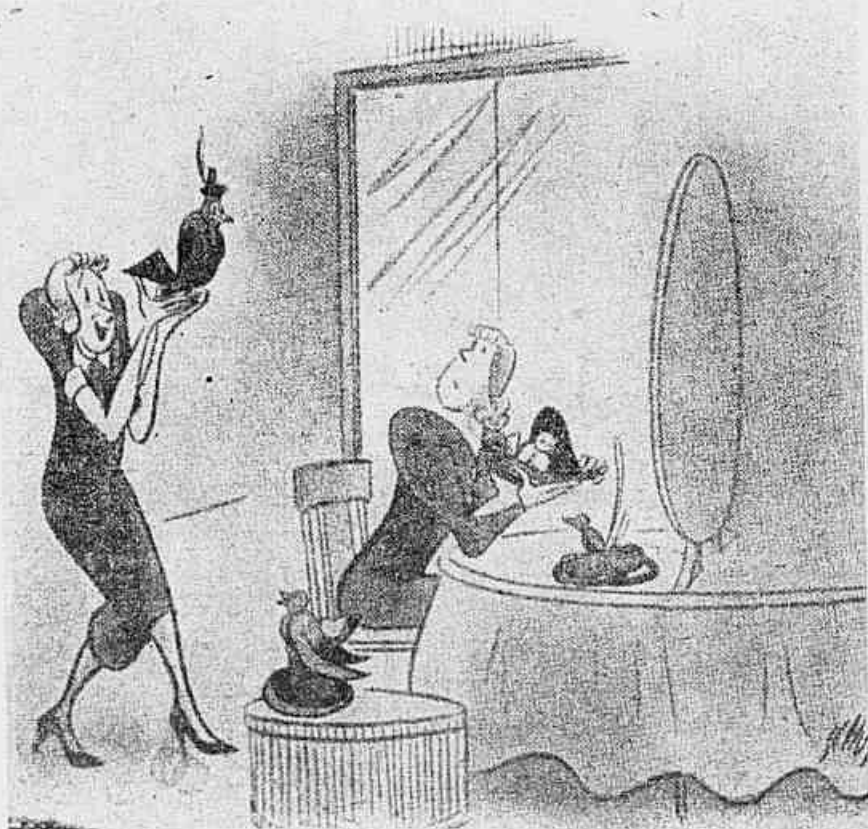
— Pedro Ferreira: — Quantos metros tinha "Entra na Farra?"
— O cortador: — 4.428.
— E agora?
— Estes três pedacinhos.
— Corte mais...



— Velocidade não é tudo meu caro; conforto e durabilidade é que são elas.



Chamam do avião estratosferico — querem saber o caminho para descer.



Neste modelo, madame, o chapéu é sobre o passaro.

ÁRVORES
QUE
TEEM
HISTORIA

Interrompemos neste número a série de árvores célebres que a REVISTA DA SEMANA vem publicando, para prestar uma homenagem às duas cidades de Prudente de Moraes: Itú e Piracicaba. No texto da "Revista" daremos uma reportagem em torno da figura do estadista que dirigiu o Brasil nos albos da República, e cujo centenário vem merecendo a atenção de todos os centros cultos do país.

A nossa série de árvores será continuada com a inserção de "O Carvalho de Ruy Barbosa".

NOSSA TERRA

O berço e o túmulo de PRUDENTE DE MORAES



ITÚ E PIRACICABA

(LARGO DE S. FRANCISCO)

VISTA PARCIAL

ITÚ — o berço de uma das maiores figuras dos primórdios do Império — foi o mesmo berço de uma das mais eminentes personalidades dos primeiros tempos da República. A mesma terra, na planície paulista de Pirapetingui, que viu nascer Diogo Antonio Feijó, viu abrir os olhos para a vida, em 4 de Outubro de 1941, a Prudente José de Moraes e Barros.

A trajetória da vida desse varão singular que saiu da banca de advogado para a suprema magistratura do seu Estado, para o Senado Federal e, por último, para a Presidência da República, envaldece o berço.

Mas outra cidade de São Paulo não tem menos vaidade. Piracicaba teve a Prudente de Moraes no seu âmbito por muito mais tempo do que Itú, e foi para a sua tranquilidade que, ao cabo de um quatriênio de sacrifício e agitação, o grande brasileiro tornou. Piracicaba não embalou o primeiro sono de Prudente de Moraes, mas vela o último, o sono eterno, porque foi aí que o 1.º Presidente que o povo brasileiro elegeu exalou o derradeiro suspiro, em 3 de Dezembro de 1902.

As duas cidades são dois marcos, os extremos, da vida de um homem venerável. O país, no entanto, recorda a figura do notável republicano evocando-a na sua geografia política, através dos nomes do município paulista de Presidente Prudente, do município paranaense de Prudentópolis e do distrito mineiro de Prudente de Moraes, do município de Pedro Leopoldo.



HISTÓRIAS QUE O TEATRO NOS CONTA:

Quando a imaginação domina o amor...

ELENCO: Dulcina Morais, Odilon Azevedo, Armando Rosas, Suzanna Negri, Jorge Diniz, Aristoteles Penna, Sarah Nobre e Roque da Cunha

SÍNTESE DE TERRA DE SENA

Catharina Vidal amava o marido, o bom e generoso Alexandre Vidal. Casara por amor, um amor puro e leal, o que não pode ser julgado impossível visto que só um sentimento de afeto muito forte pode levar uma bonita mulher, jovem e elegante, a unir-se a um sr. Alexandre Vidal. Sim, porque o homem que dá o seu nome e a sua fortuna a Catharina, deixaria muito a desejar, como tipo de beleza, a outra mulher que não dispuzesse, como a sedutora Mme. Vidal, de um poder sobrehumano de imaginação.

Catharina amava, pois, o marido. Idolatrava-o mesmo. Mas sobre esse amor pairava, num plano mais alto, a sua imaginação, quasi doentia, que chegou a crear-lhe na mente apaixonada o tipo de marido que tanto desejára nos seus tempos de menina-moça.

E ela assim o descreve a Françoise Charny, sua grande amiga, que acabára de regressar da America do Norte:

"Meu marido, Françoise, é moço, elegante, distinto, sedutor! Um amor de esposo, minha querida! Disputado por todas as mulheres de Paris!"

Esta Françoise, trefega, futil, em face da expansão amorosa de Catharina, conta-lhe também alguns capitulos da sua vida sentimental em plena New York. O seu primeiro casamento fôra um fracasso. Divorciára-se do homem que havia conquistado com os seus recursos de sedução. Por que? Porque tivera conhecimento de que o marido não era, positivamente, um modelo de fidelidade. Toda a Broadway sabia das liberalidades amorosas do esposo que, sem maiores e inuteis discussões, aceitou o divorcio, quando este lhe foi proposto, como unica solução para o caso.

Mais tarde, appareceu outro marido. Bem melhor que o primeiro. Mas feliz ou infelizmente — Françoise é a primeira a não saber muito bem — o segundo morreu, deixando-a não somente viúva, o que não deixa de ser naturalissimo em acidentes dessa ordem, como senhora de seus atos e de alguns milhões de dollares.

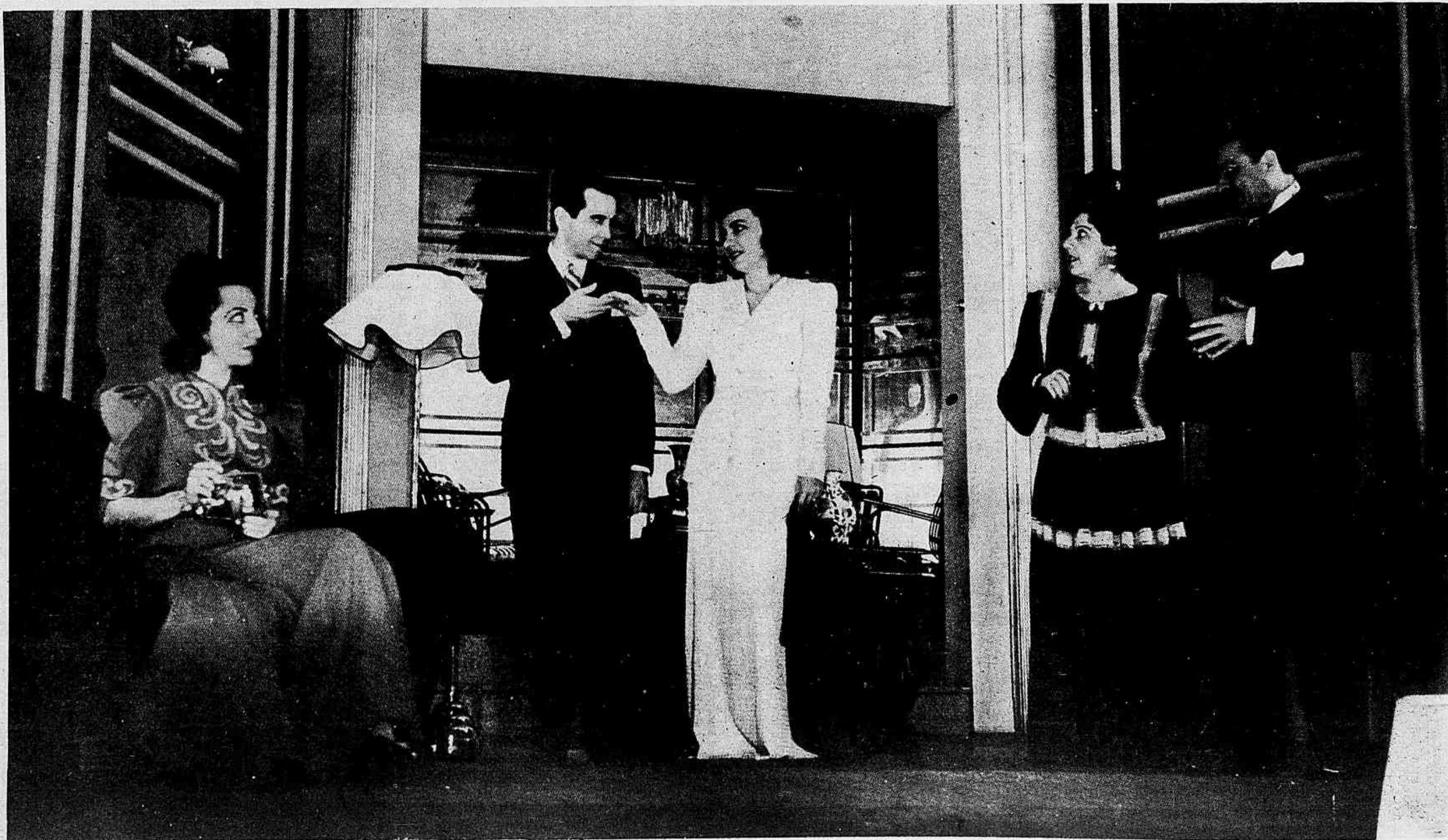
O segundo desastre da amiga pouco interessou a Catharina. A morte, afinal, seja qual fôr a sua característica, nada de novo pode trazer á nossa imaginação. Interessou-se, porém, em saber o drama conjugal de Françoise, a sua tortura intima, ao suspeitar da lealdade do primeiro marido, o adorado galan de todas as mulheres da Broadway. E, á revelação dos mais curiosos detalhes descobertos pouco a pouco pela joven esposa, a imaginação de Catharina exultou: havia creado naquele momento sublime, o seu drama intimo, a "débâ-le" daquele casamento que ela julgava ser um traço de união entre a felicidade e o amor...

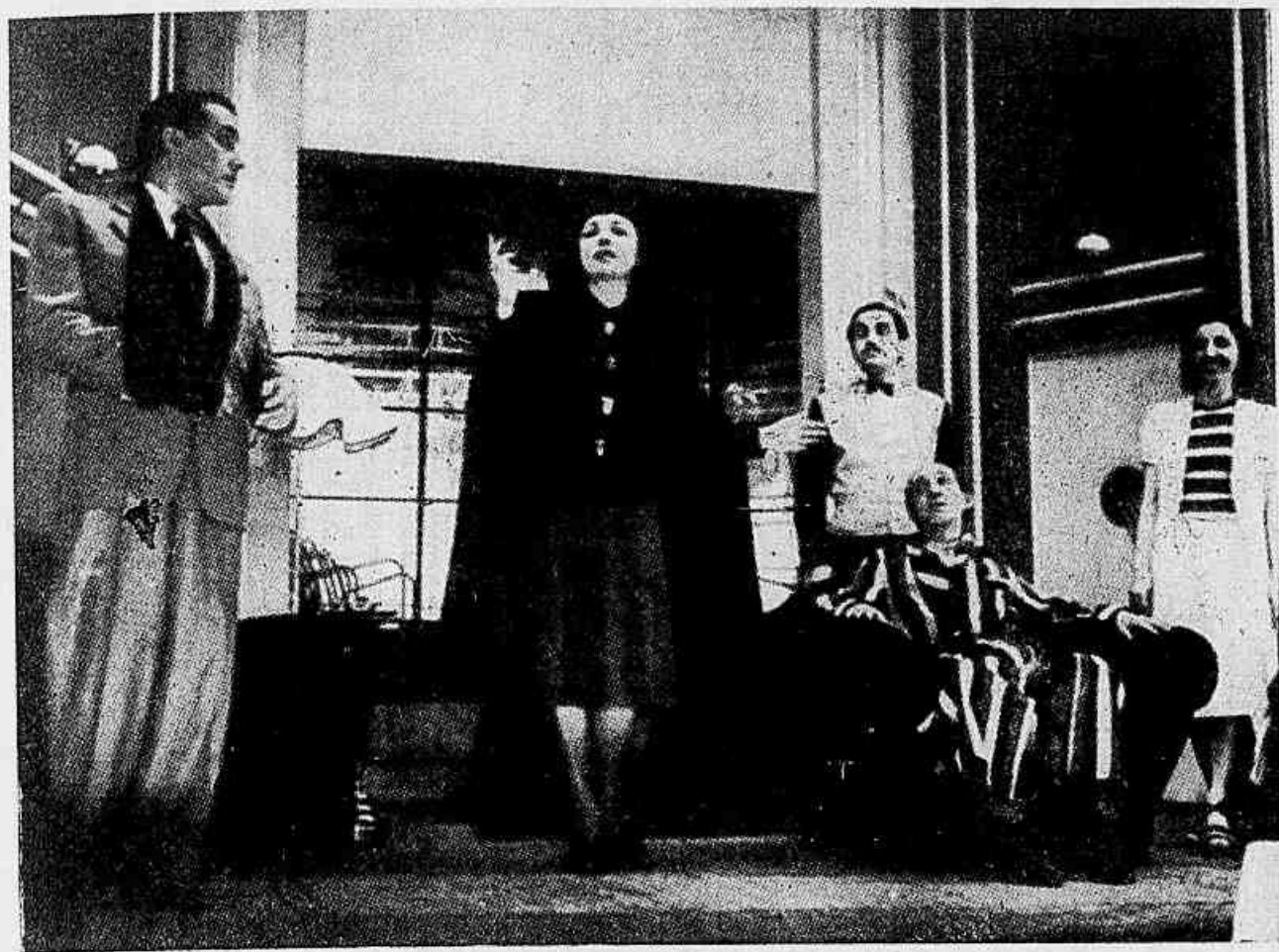
Como a sua tão querida Françoise Charny, ela, Catharina Vidal, a respeitada, admirada e requestada Mme. Vidal, era também uma esposa enganada, vilipendiada por aquele monstro a quem dá o nome, com todo o ardor dos seus vinte e tres anos, o seu coração, o seu amor, a sua vida...

Sim, porque agora ela estava certa, certissima, de que o respeitavel sr. Alexandre Vidal, a enganava atrozmente. Mas com quem? E a sua imaginação assume o comando das suas reflexões. Naquele momento, Catharina sofre a angustia, não de uma duvida, mas de uma certeza. Alexandre Vidal presentemente está fóra, em viagem de negocios. A classica viagem de negocios. Mas não estará em Nice?

AO LADO: E A FELICIDADE PARECE VIR
TAMBEM FAZER A SUA VILEGIATURA EM
CAROURG...

EM BAIXO: AGORA, NÃO É MAIS A IMA-
GINAÇÃO QUE A EMPOLGA. É A REALI-
DADE DA MEIGUIÇE DAQUELES OLHOS,
DAQUELE SORRISO...





AO ALTO: ...E MADAME VIDAL, CERTA DE QUE SÓ O AMOR DO MARIDO PODERÁ TORNA-LA FELIZ...

AO LADO: ...NAQUELA VIVENDA DE SONHO E DE POESIA, MARCELLIN ESQUECE A NOIVA.

Lembra-se agora... As gavetas do marido poderão delatar a verdade... Mas as gavetas estão fechadas. Evidentemente, o sr. Vidal tomara as devidas precauções. Telefona para o "chauffeur". E este conta que o patrão dispensou o carro antes de chegar à estação da estrada de ferro. Aumenta a inquietação da pobre senhora. Uma busca rápida sobre a mesa. Enfim, lá está a prova do crime. Sobre a folha do mata-borrão, umas palavras... "Espero-te em Nice...", copia de um telegrama enviado de Nice a outra mulher...

♦ ♦ ♦

As mulheres são terríveis nas represalias. Esquecem o passado, desprezam o presente, não vêem o futuro... Mme. Vidal não podia fugir à regra geral... O sr. Vidal a engana? Pois ela o enganará também. Com escândalo. Arrastará o nome do marido à irreverência cruel de Paris.

Fernand de Brezolles é um jovem elegante que, ha dois annos seguramente, ronda as portas e as janelas do coração de Mme. Será Fernand seu amante. Amante, porém, para o Cartéz, que pretende espalhar pelos salões elegantes que frequenta. Nada mais. O amor, que ele tanto almeja, este continuará a ser do seu Alexandre.

Brezolles recusa a proposta. Catharina revolta-se contra o homem que poderia ajudá-la a reaver o marido, pobre ovelha dispersada naquele turbilhão de mulheres que roubam os maridos honestos...

♦ ♦ ♦

Felippe Marcellin é um jovem elegante, de olhos meigos. Mas pobre. E, além de pobre, noivo. Marcellin precisa casar e para casar necessita de um emprego. Uma apresentação leva o jovem à presença de Catharina Vidal, na ocasião em que a esposa do sr. Alexandre necessita de um amante. Marcellin tem resquícios ainda de dignidade. Rejeita os 4.000 francos que Mme. lhe oferece para que ele, sem abandonar a noiva, aceite o alto cargo de amante.

6.000 francos, porém, e a perspectiva do casamento proximo, fazem-no vacilar e tomar posse naquele mesmo dia do emprego inesperado.

E vão os dois para Cabourg. Pobre sr. Alexandre Vidal! A sociedade elegante que se diverte em Cabourg tem pena do sr. Vidal. E Mme. Vidal diverte-se também. Não vê o abismo que a rodeia, como também não vê os olhos meigos de Marcellin. É preciso que Françoise, cúmplice da imaginação de Catharina, exalte as "qualidades" que emolduram o jovem Felippe.

E Mme. Vidal repara, então, no seu "empregado". Agora, não é mais a imaginação que a empolga. É a realidade. A realidade da meiguice daqueles olhos, daquele sorriso, daquele senso de responsabilidade que o rapaz demonstra pelo cargo.

Catharina passa a sofrer. Catharina tortura-se. Baila-lhe no espirito aquela frase de Brezolles: — Porque dar a impressão aos outros daquilo que não é?

E Catharina Vidal resolve apaixonar-se por Marcellin, tornar-se sua amante de verdade, ser feliz no amor...

E a felicidade parece vir também fazer a sua vilegiatura em Cabourg, hospedando-se na vivenda de Catharina, vivenda de sonho e de poesia... Marcellin esquece a noiva, esquece a sua situação de "empregado" e aceita o amor que a esposa de Alexandre lhe oferece...

♦ ♦ ♦

Um telefonema ofusca, ou melhor destrói a paixão, fugace como todas as paixões, de Marcellin pela bela Mme. Vidal.

A noiva está em Coburg. E Felippe não esquece os momentos felizes passados junto à mulher que o domina, mais, muito mais, que os seiscentos mil francos. E ao sair daquela vivenda para o amor puro da noivinha ele encontra o sr. Alexandre, que ele não conhece que não sabe quem é, mas a quem ele diz que é feliz porque vai para junto da noiva.

Depois, o sr. Alexandre lê as cartas anônimas.

Será possível? Sua mulher o engana? Brezolles tira-o da duvida terrível. Catharina é honesta.

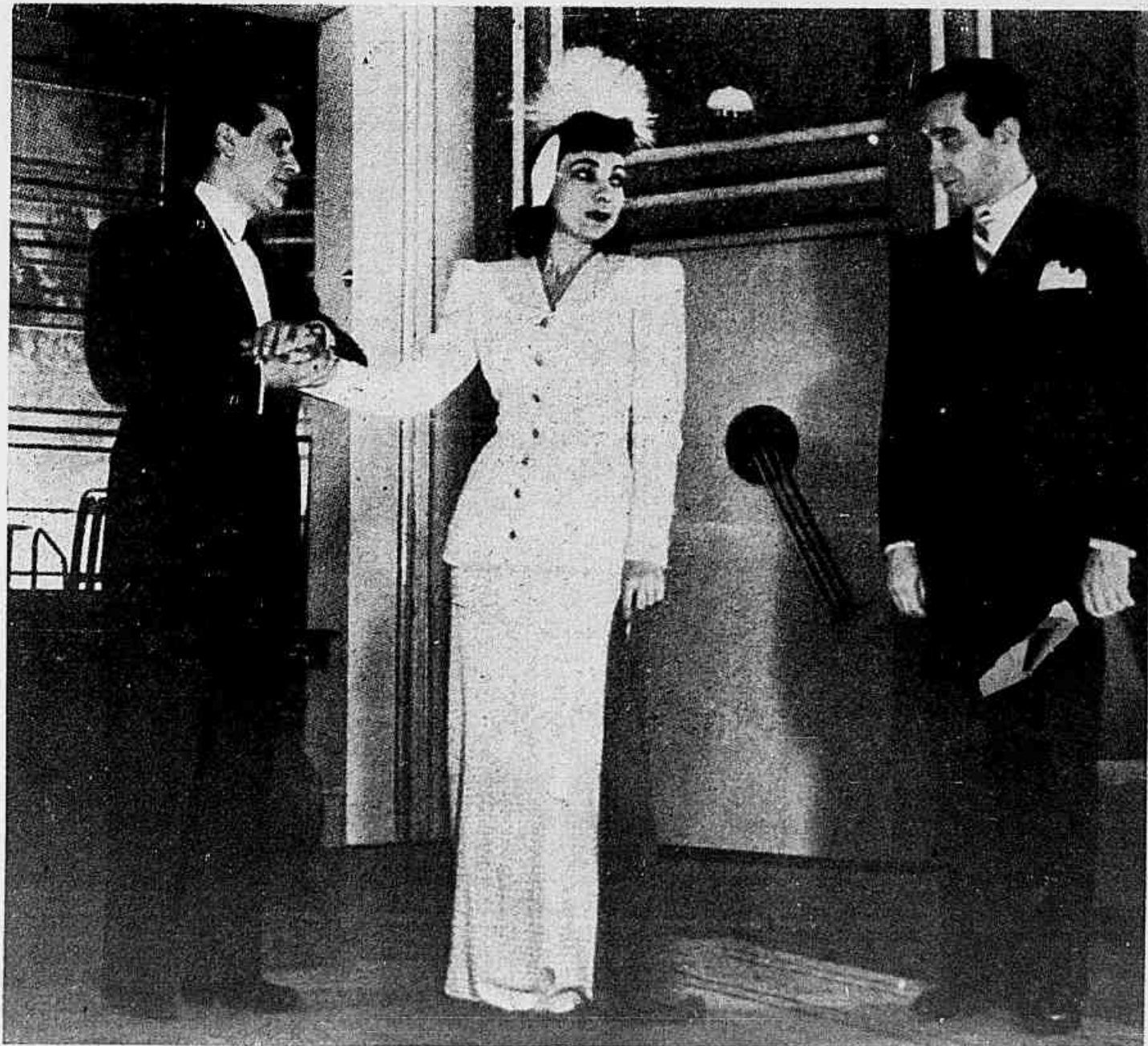
Desvenda ao marido, ao bom sr. Alexandre, o misterio da aventura amorosa de Mme. Vidal. E a felicidade conjugal volta a ocupar o lar dos apaixonados esposos, tão seriamente comprometido pelas loucuras de Mme. Vidal pela imaginação de Mme. Vidal que se atira, afinal, aos braços do sr. Alexandre, certa de que só o amor do marido poderá torná-la feliz e de que o telegrama de Nice fora dirigido a ela mesma...

♦ ♦ ♦

Louis Verneuil, ao escrever esta peça — **As Loucuras de Mme. Vidal**, que Odilon e Dulcina estão representando no "Regina", em tradução de Bandeira Duarte, estudou com admirável psicologia, não só a pobre Catharina, mas outras tantas Catharinas que andam por aí, na trefega Paris como neste Rio ainda burguez e moralista.

Coitadinhas das mulheres quando se deixam vencer por um amor insensato; mais dignas de comiserção porém quando elas, como Catharina, se entregam, com todos os sentidos algemados, a uma imaginação mais insensata ainda que o proprio amor...

AO LADO: UMA APRESENTAÇÃO LEVA FELIPPE MARCELLIN À PRESENÇA DE CATHARINA VIDAL.



Noticiário Elegante



HOMENAGEADO O COMANDANTE AMARAL PEIXOTO NA EMBAIXADA DO JAPÃO

O Embaixador japonês junto ao Governo brasileiro ofereceu ao Intendente do Estado do Rio e senhora Amaral Peixoto, um jantar de gala, honrosa homenagem com a presença de numerosas pessoas da nossa alta sociedade. A distinta festa do sr. Itaro Ishii levou aos salões da Embaixada do Japão os srs. major Helio de Macedo Soares, secretário da Viação do Estado do Rio; Jacques de Moraes e senhora; Manoel Ferreira Guimarães, presidente da Associação Comercial, e filha; Georgino Avelino, diretor do Departamento de Turismo e Propaganda do Distrito Federal; Boija de Almeida, professor Ruy de Lima e Silva e senhora; Myasaka e Awazu, Suetaka Hayao, cunhal geral; Katzuyama, adido comercial, e senhora, e Aryama, secretário da Embaixada.

ANIVERSARIOS

4 Senhora Maria da Gloria Couto, esposa do professor Miguel Couto Filho. Professor Clovis Bevilacqua, da Academia de Letras. Jornalistas Licurgo Costa, Ernesto Simões Filho e Elmano Requião. Ministro Rubem Rosa, do Tribunal de Contas.

5 General Leite de Castro. Drs. Renato Bittencourt e J. Pereira dos Santos. Menina Clecy Cardoso, filha do nosso colega de imprensa sr. Humberto Cardoso.

6 Embaixador José Carlos de Macedo Soares, da Academia de Letras. Professor Antônio Cardoso Fontes.

7 Senhorita Alice Penna de Aarão Reis. Senhora Noemia Frota Louzada, esposa do sr. Domingo Louzada. Dr. João Maia de Lacerda. Capitão tenente Levy Penna Aarão Reis. Sr. Raul Roulien.

8 Senhorita Dirce Ribeiro. Sra. Porciana Goulart. D. Antonio dos Santos Cabral, arcebispo de Belo Horizonte. Drs. Augusto Vianna do Castello e Daciano Goulart.



D. GEORGINA DE ALBUQUERQUE Por motivo da inauguração no Palace Hotel, na última semana de Setembro, de sua Exposição de Pintura, a conhecida artista brasileira D. Georgina de Albuquerque mereceu de amigos e admiradores uma afetuosa homenagem. Damos aqui um grupo de pessoas de nossa sociedade apanhado durante a abertura do Salão da estimada artista.

9 Senhora Carola Rodenburg de Medeiros Netto, esposa do dr. A. G. de Medeiros Netto. Viuva Caio Carneiro da Cunha. Dr. Mario de Pimentel Brandão, embaixador do Brasil em Washington. Almirante Arnaldo Pinto da Luz.

10 Dr. Raul Regis de Oliveira, embaixador do Brasil em Londres. Almirante Carlos Frederico de Noronha.

CASAMENTO

Ao segundo dia deste mês, realizou-se o enlace matrimonial da senhorita Vera Regina de Brito com o sr. Antônio Wanderley Torres.

CONFERENCIAS

— O prof. Antoine Bon, da Universidade do Brasil, vem realizando interessantíssimo curso de Historia da Arte, às 17.30hs. nas segundas-feiras, no salão da Escola Nacional de Belas Artes. Presentemente o prof. Bon está analisando com muito vigor a arte dos séculos XIX e XX, e a sêta assistencia tem sido cada vez maior.

— Consta que neste mês se iniciará um curso sobre o "Mobiliário Brasileiro" no Instituto da Arte, feito pelo prof. José Mariano Filho.



Senhorita Zita Coelho Neto, talentosa cantora brasileira do cast da Radio Sociedade Mayrink Veiga.



ASSOCIAÇÃO CRISTÃ FEMININA No próximo dia 11 de Outubro terá lugar no Fluminense F. C. uma originalíssima festa que constará de variados números particularmente referentes aos encantos de recantos tropicais do mundo: Miami, Cuba, México e Bahia. A comissão organizadora dessa "Festa Tropical", que pertence à Associação Cristã Feminina, está reunida na foto acima: srtas. Kathleen Dutt-Ross Junqueira, Léa Miranda, Stella Oliveira de Barros e Helena Dunshee de Abranches. Sis. Fernando Robles e Lino Villas Boas, stas. Virginia Hein e M. Clara Rodrigues.



Sr.^a Vera Regina Brito Torres.



CHÁS DE PRIMAVERA NO HIPODROMO DA GAVEA!

O sábado á tarde, no Rio de Janeiro, ultimamente, é sempre um dia de pouca expressão social pela carencia de acontecimentos e festas mundanas de alta significação para a elite Carioca.

Por isso, a noticia de que o Jockey Club vai realizar uma serie de chás elegantes, com "SHOW", no Hipodromo da Gavea, nas tardes de sabado, vem encher de entusiasmo aqueles que pertencem ao quadro dos socios da maior entidade esportiva do paiz e que assim, nesses deliciosos sabados de primavera, terão oportunidade de comparecer a uma reunião mundana da mais alta expressão social e artistica.



LENINGRADO,



No coração de Leningrado: fundada por Pedro, o Grande, como São Petersburgo, veio a ser chamada mais tarde Petrogrado (durante a última guerra). Após a revolução de 1917, a cidade passou a ser chamada Leningrado. Aqui temos uma vista da mais importante rua da antiga Veneza do Norte, como a denominavam na época dos Tzars.

A marcha dos exércitos alemães no setor norte da frente oriental, colocou em evidencia Leningrado, a antiga capital da Rússia imperial celebrada em todo o mundo pelas riquezas dos seus palácios fabulosos e esplendor da corte dos tzars.

Colocada à margem do mar Báltico no extremo ocidental do imenso território russo, Leningrado era a menos russa das cidades do antigo Império e simbolizava a luta das elites pela ocidentalização do país, pela assimilação da cultura européia. O nome mesmo que se

lhe deu ao fundar-se — São Petersburg — revela a presença dos preceptores germânicos ao lado dos governantes da nação. Na verdade, o Império Russo veio caminhando um tanto atrasado na marcha da civilização. Apenas no fim do segundo quartel do “século das luzes”, dezenas de anos depois da Revolução Francesa, é que um czar benevolente houve por bem proclamar cidadãos livres todos os homens que habitavam o seu Império. Até então o servilismo era instituição oficial na Rússia.

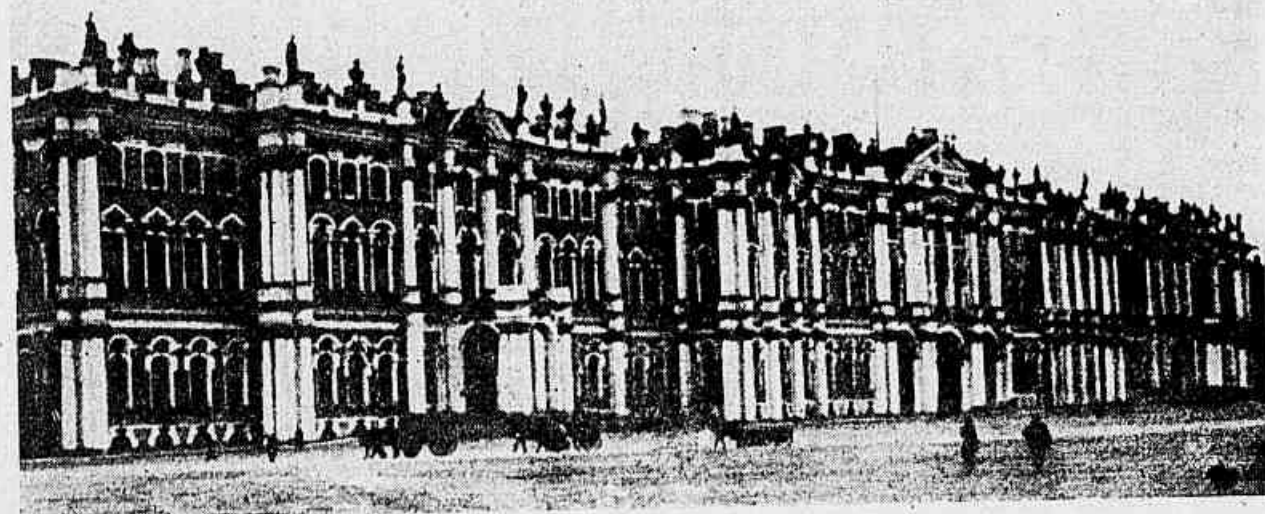
A política de ocidentalização,

que varios soberanos empreenderam, tem sua mais bela expressão nessa maravilhosa cidade construída na embocadura do Neva. Os tzars supunham poder civilizar a nação cultivando elites e desprezando a instrução do povo, que é a fonte onde as classes abastadas e esgotadas bebem a energia de sangues novos. A Rússia apresentava altas expressões culturais, fornecia genios às artes, e Leningrado recebia nos belos salões de suas Academias sabios de todo o

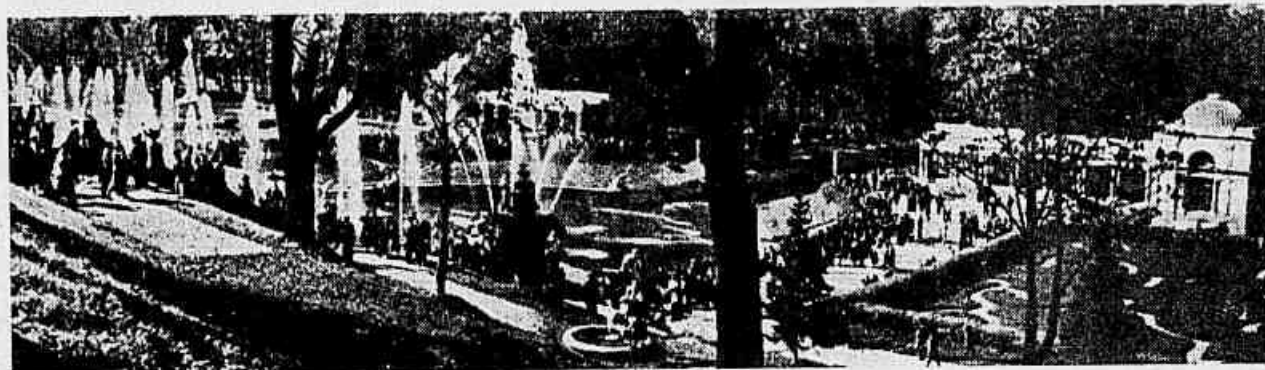
mundo. No entanto a media cultural da nação era baixa, talvez a mais baixa da Europa. Leningrado, portanto, era mais uma cidade européia do que russa.

Durante a guerra passada, os patriotas vernaculizaram-lhe o nome, que passou a ser Petrogrado. E' ela o maior centro populoso do norte da Europa, contando, ao iniciar-se a última guerra, com cerca de 3 e meio milhões de habitantes.

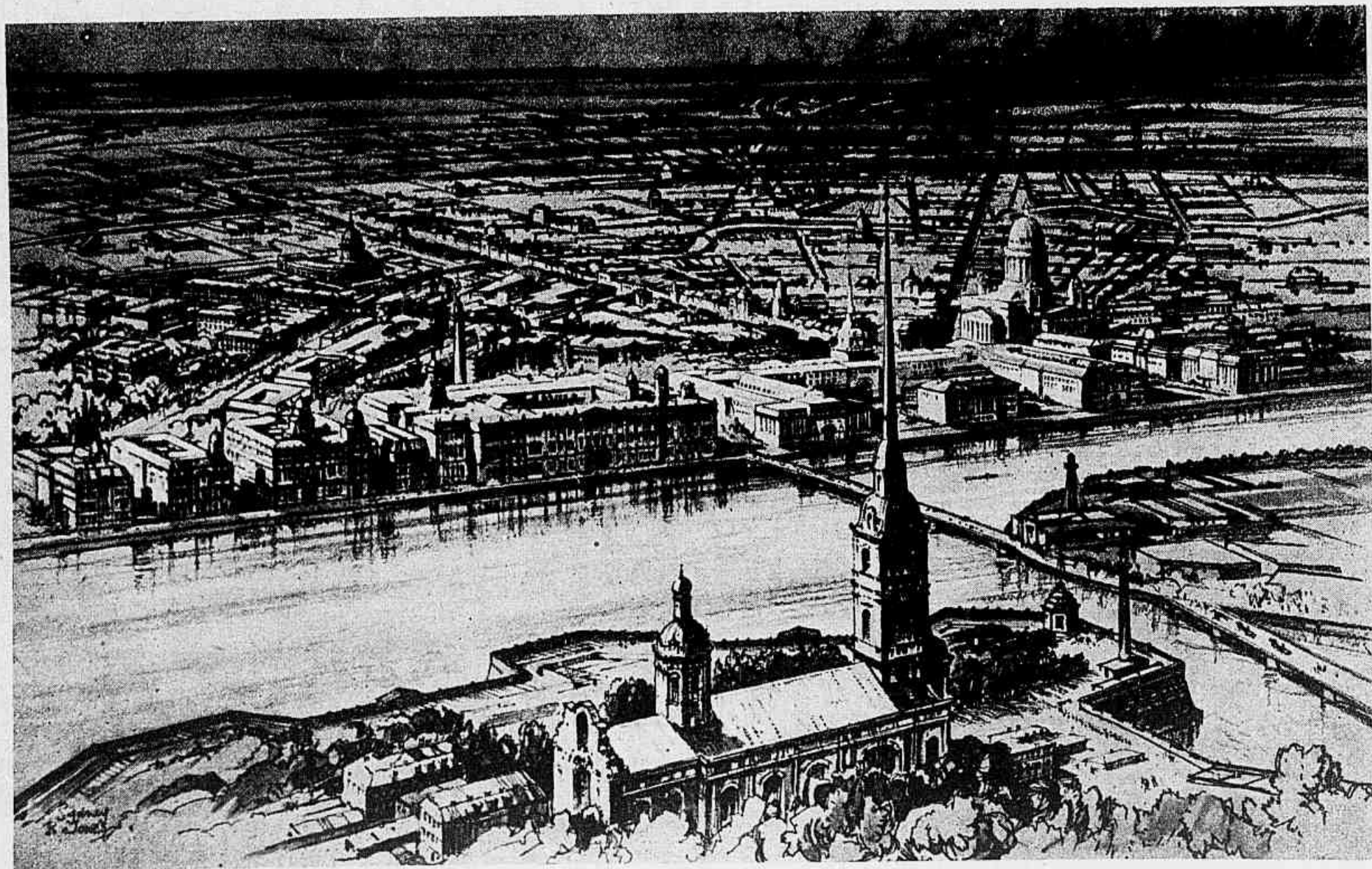
O maravilhoso dessa cidade to-



O antigo palácio de inverno de Leningrado, depois transformado em Museu e Galeria de Arte.



Primitivamente reservados para o veraneio dos Tzars — os parques do palácio de Peterhof, nas proximidades de Leningrado, vieram a ser local muito apreciado dos habitantes da cidade.

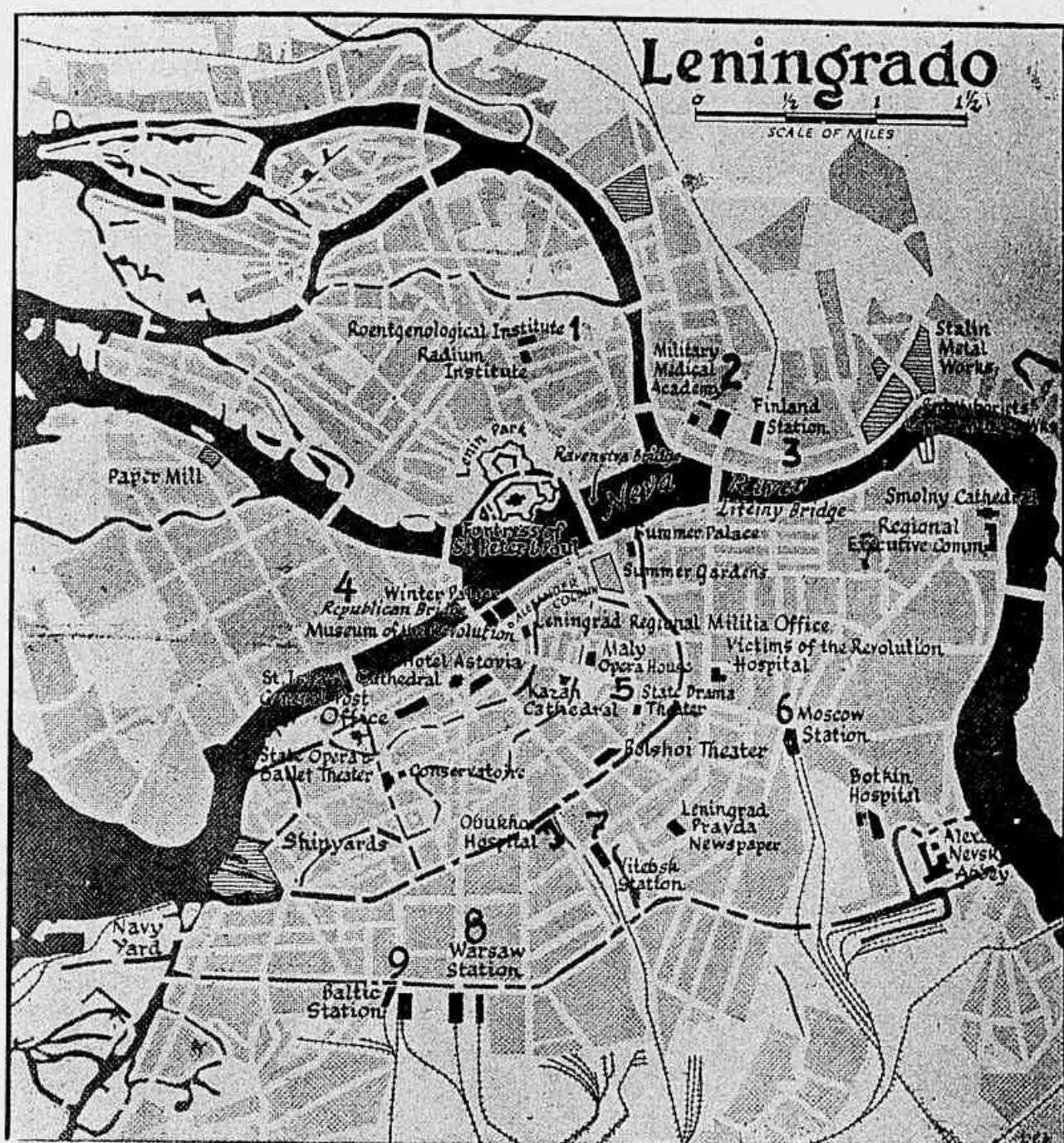


A meta dos exércitos alemães no setor norte da linha de batalha russa: Leningrado. Damos aqui uma vista da cidade, apinhada do castelo de São Pedro e São Paulo e olhando através do rio para o centro da cidade.

da cortada pelo Neva e que foi chamada “Veneza do Norte”, é a suntuosa coleção de palácios, que atesta a nobreza do seu passado. À margem do rio que banha a cidade encontram-se o Palácio de Mármore, o Palácio de Vladimir, o Palácio de Nicolau, o grande Palácio de Inverno, o palácio do príncipe Menshikoff. Logo atrás está a soberba catedral de Santo Isaac com suas ricas torres, no começo da mais importante rua da cidade: a Nevski Prospekt, com suas três milhas de comprimento e apinhada de armazens, escritórios, palácios, edificios públicos etc.

No lado oposto da cidade espalha-se a praça Suvoroff, que abre para o campo de Marte, lugar tradicional das paradas militares. A um dos lados do campo estão os

a cidade dos palacios



A cidade de Leningrado, assinalados os seus pontos principais: 1) Institutos Científicos; 2) Academia Médica Militar; 3) Estação da linha de ferro para a Finlândia; 4) Palacio de Inverno, Ponte da República e Museu da Revolução; 5) Teatros; 6) Linha ferrea para Moscou; 7) Linha ferrea para Vitebsk; 8) Linha ferrea para Varsovia; 9) Linha ferrea para os países bálticos.

jardins de Verão cercando o antigo palacio de Michael, mais tarde transformado na conhecida Academia de Engenharia de Leningrado.

No entanto, fora do perímetro urbano de Leningrado é que se encontram os mais belos palacios residenciais dos soberanos orientais que pretenderam occidentalizar a Russia. À margem do golfo da Finlândia, à altura da ilha Kronstadt, Pedro o Grande fez edificar o suntuoso palacio de Peterhof pelo arquiteto francês Leblond que muito imitou Versailles. Esse castelo é alguma coisa de demasiado ostensiva, com seus terraços e escadarias resplandecentes e pesados ornamentos de ouro. Dele tem-se uma maravilhosa vista do golfo que, conforme a estação do ano, apresenta quadros de belíssimos coloridos. Nada obstante, diz-se que Pedro o Grande desprezava toda forma de ostentação e que, enquanto os comensais do trono dançavam e jogavam nos salões de mármore e ouro, ele fumava o seu longo cachimbo em meio à simplicidade de sua pequena vila localizada no parque e à qual deu o título romântico de Mar Plaisir.

Também fora de Leningrado, longe porém da costa, encontra-se

o imenso palacio denominado Tzarskoye, que serviu de residência a muitos soberanos russos, mas que foi essencialmente a obra do espírito requintado e da imaginação hipertrofiada de Catarina II. Três belos portões esculpidos em ferro guarnecem a entrada desse



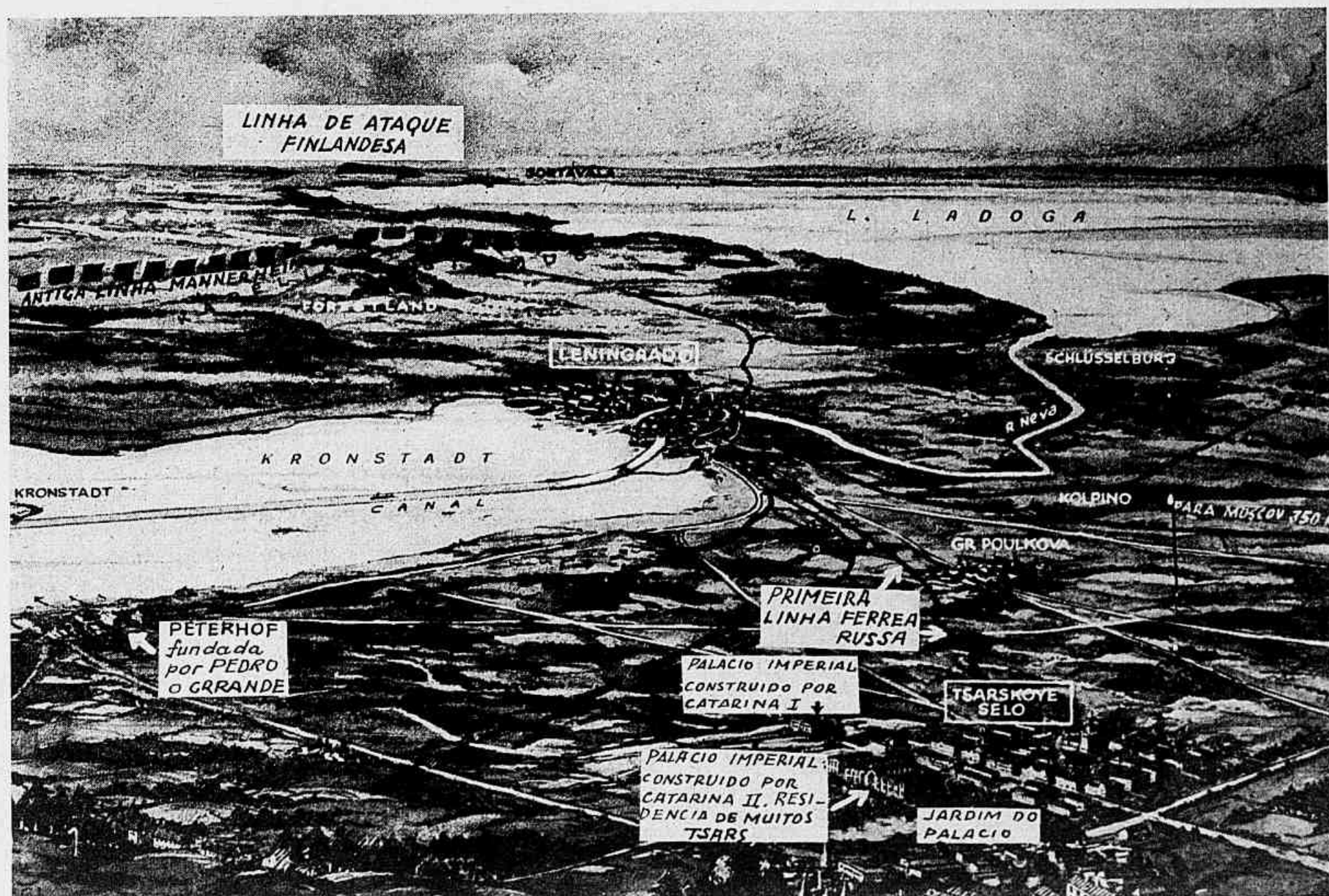
Leningrado vista do teto da catedral de Santo Isaac. À direita vê-se o rio Neva, que corta a cidade para desaguar no Báltico. Esta cidade tem sido submetida a violentos ataques aereos enquanto os exércitos alemães, vindos de dois lados, a assediam.

castelo branco, de teto verde e artísticas colunas de mármore amarelo. Nos seus famosos parques encontra-se uma engenhosa miniatura de jardim chinês que despertou a admiração de quantos a conheceram. Teatro, Galerias, Salões de Concerto — tudo havia na residência real. Era nesse lugar encantado que Catarina, a “Semíramis do Norte”, ia passar o verão. E em todas as maravilhosas salas desse incomparavel castelo, onde os mais diferentes gostos se cruzam e os requintes artísticos de variadas civilizações se confundem, desde as colunas de prata até o engenhoso arranjo dos espe-

lhos e pelas pinturas dos tetos, o espírito da grande imperatriz se afirma como uma vontade de verdadeira rainha nascida para reinar sobre os homens e sobre as coisas.



Nos jardins do parque Catarina, do palacio Tsarskoe, está a “Galeria Cameron”, onde a “Semíramis do Norte” passeava imperturbavel enquanto fora caía a chuva.



A situação da cidade de Leningrado: na embocadura do Neva e na cabeça da bahia de Kronstadt. Na outra margem do lago Ladoga mostra-se o territorio finlandês. Podemos ver também os antigos palacios residenciais dos Tzars, que são verdadeiras maravilhas de requinte artístico.



O menino João Victor, filho do major Aleneastro Guimarães com os cachorros "Joy of Marjolear" e "Good Neighbor Marjolear" da raça "Cocker Spaniel", o vencedor do bronze "galgo" para os melhores cães de raça.



Dna. Zilda de Araujo com "Daisy" de raça pastor alemã que obteve "bronze" e medalha de ouro.



Sra. Andrade Gil com "Zumbo", cachorro de raça "Boxeur Alemão" que obteve uma das taças mais importantes da Exposição.

Com o mesmo sucesso dos anos anteriores, realizou-se no domingo passado a Exposição Canina de 1941. A chuvinha fria que caiu durante toda a tarde não foi suficiente para comprometer a elegância e a distinção que sempre tem caracterizado essa iniciativa do Brasil Kennel Club, que a par do seu aspecto curioso apresenta agradável espetáculo mundano. No local da exposição, Avenida Maracanã, próximo ao viaduto de São Cristovão, desde cedo automóveis luxuosos paravam trazendo distintas senhoras, que traziam cães de todas as formas e feitios, inscritos no certame deste ano.

Das 14 às 18 horas os juizes das diversas provas, senhores Ernesto Paulsen, Bernardo Sichtenfels, Jaime Pinheiro de Aguiar, Paride Marchesi, Hugo Lammait, Everardo Cruz e Edgar Duvivier, passaram em revista as muitas dezenas de cães competidores afim de conferir o Grande Prêmio, as taças "Utilidade" e "Beleza", os bronzes "Galgo", "Bulldog", "Bom Pastor" e outros prêmios.

Entre as pessoas presentes notamos as: sra. Adalgiza Neiry Fontes, sra. Hamoir do Rio Branco, sra. Andréa M. Snell, sra. Carmen Alves de Lima, sra. Eugenia Floresco, sra. Bernardino Mattos, sra. Heiena Bittencourt, srta. Wilma Araripe Ferreira, srta. Sussan Flores Rebelo, sra. Aracy Flores Gontijo, sra. Pingret Losada, sra. Judith Maurity Santos, sra. Cecília Rub Barbosa e outras.

EXPOSIÇÃO CANINA DE 1941

Damos hoje os vencedores do certamen. No proximo número estamparemos os mais belos concorrentes que não foram agraciados.



Mme. Mimi Coutinho com dois "Poodels", um dos quais alcançou o Grande Prêmio da Exposição.



Sr. e sra. Almeida de Gonzaga Jr. com o cãozinho "Wire Haired" — o fox-terrier que alcançou a taça "Utilidade".



A sra. Aurora Eiras com "Palmella" — bulldog que obteve o premio destinado ao melhor cachorro dessa raça.

PRUDENTE DE MORAES

E O SEU QUATRIÊNIO ACIDENTADO

Como a imprensa ilustrada via o Presidente da República

PRUDENTE DE MORAES, o promulgador da Constituição de 1891, mercê da qual investiu o marechal Deodoro da Fonseca no cargo de 1.º Presidente da República, não sonhava talvez nesse momento histórico da vida nacional que, pouco mais de três anos após, iria, no imediato período presidencial, de 1894 a 1898, exercer a suprema magistratura do país, como 1.º Presidente civil dos Estados Unidos do Brasil.

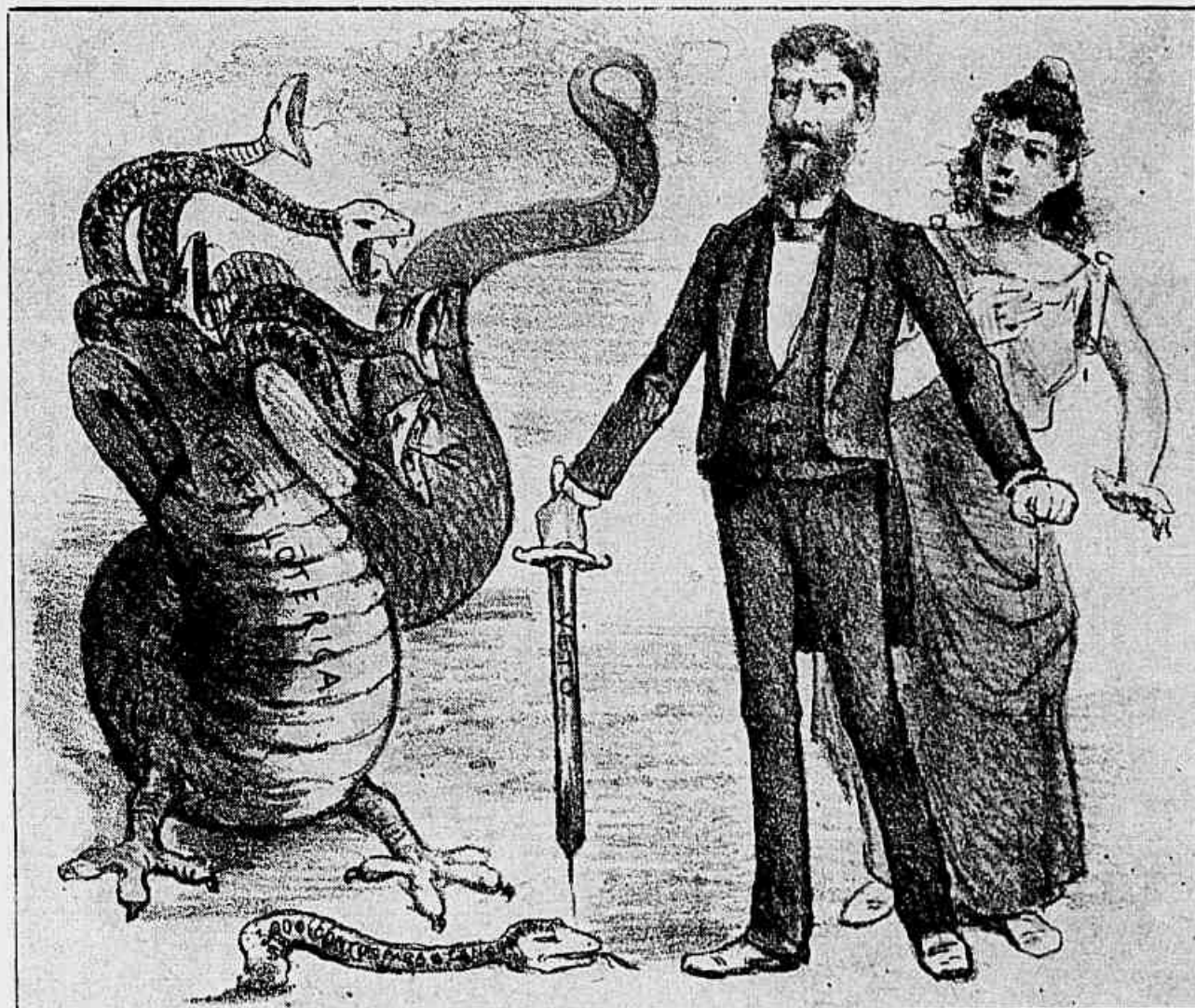
As pesadas apreensões que punham em dúvida a posse de Prudente de Moraes no cargo para o qual havia sido eleito não se confirmaram, felizmente; da mesma sorte não se verificaram apreensões outras, constantes e bem sérias, que pareciam prenunciar a queda do grande filho de Itu do poder.

A História registrou sem o menor indício de surpresa as vicissitudes, as estranhas dificuldades que o memorável quadriênio do paulista eminente teve de enfrentar.

Prudente de Moraes recebera a 15 de Novembro de 1894, no Palácio Itamaraty — então sede do governo — um espólio precário. A nação emergia, profundamente ferida, da revolta de 1893, que durara no Rio de Janeiro até 13 de Março de 1894, e ainda estertorava no sul do país, ensanguentando as planícies gaúchas. Esses remanescentes da fogueira que Custódio José de Melo ateara foram a primeira preocupação do presidente civil, para quem se voltava o país inteiro, na justa ansiedade de vêr terminada a horrível luta fratricida. Foi quando Prudente de Moraes sentiu as primeiras amarguras da sua *via-crucis*, acoimado de inércia, de indiferença, de irresolução. No entanto, com a ponderação que foi sempre uma das luminosas características do seu governo, aquele que teria de receber na consagração do futuro o cognome de "Pacificador" agia sob o nune tutelar do seu próprio nome, e o fazia com tamanha caridvidência que conseguiu a pacificação de 23 de Agosto de 1895.

Essa foi a primeira oportunidade a propiciar-lhe eloquente demonstração de apreço popular.

As relações entre o Brasil e Portugal achavam-se rompidas desde 13 de Maio de 1894. Dolorosa contingência decorrente da revolta de 93. Entretanto, graças aos bons

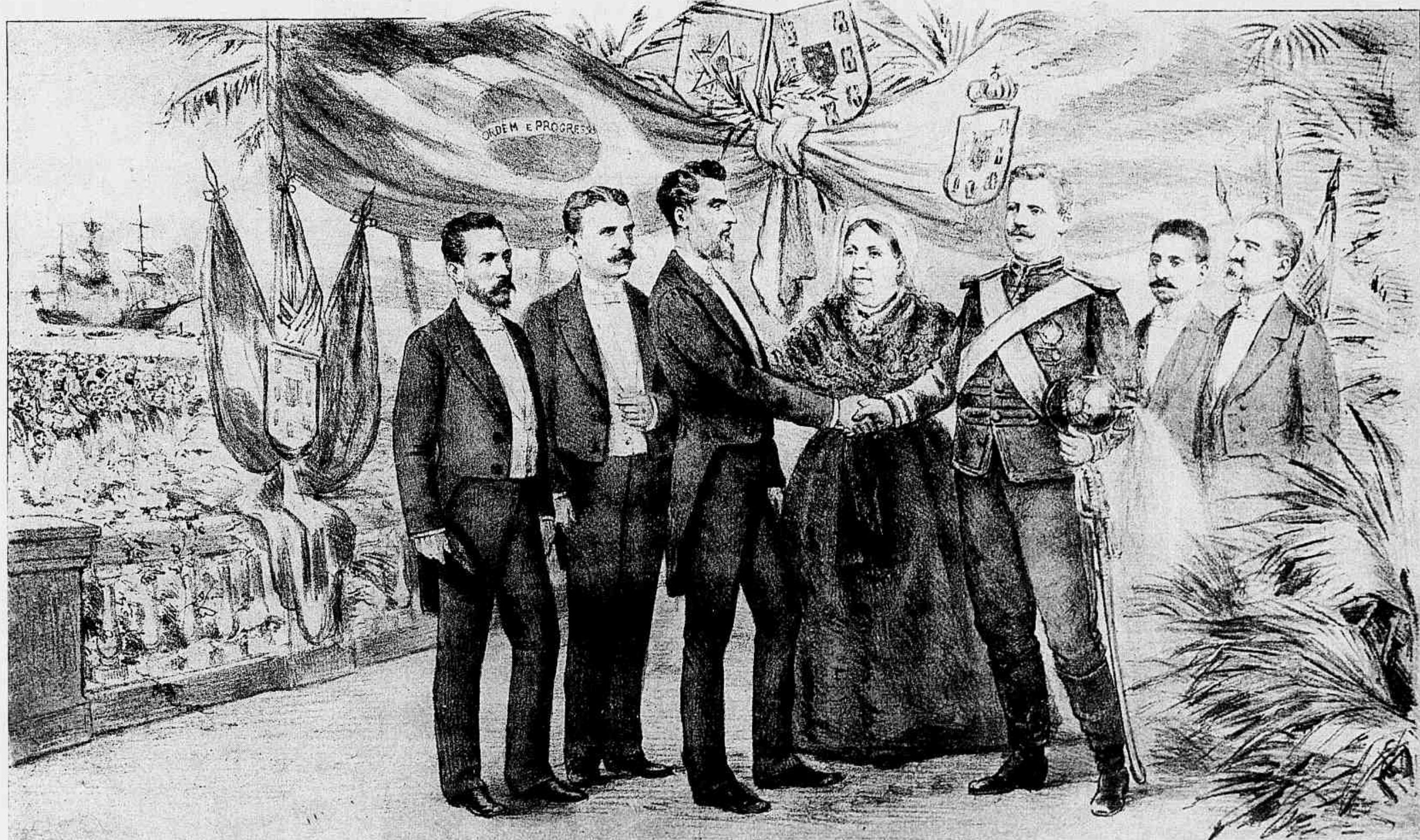


A hydra do jogo continua na arena, mas parece que o Hercules que já lhe cortou uma cabeça, não deixará a clava sem liquidá-la de uma vez. Pau nos bichos...

Já naquele tempo o jogo merecia a atenção dos chefes de Estado: Prudente de Moraes cortando uma das cabeças da "Hidra Lotérica" ("Don Quixote" de Outubro de 1895).

RESTABELECIMENTO DAS RELAÇÕES ENTRE PORTUGAL E O BRASIL

Don Quixote



Dr. Carlos A. de Carvalho
Ministro das relações exteriores
do Brasil

J. George Greville
Representante do
governo Britânico

Dr. Prudente de Moraes
Presidente da República
Brasil

Rainha Victoria
de Inglaterra

Dr. Carlos I.
Rei de Portugal

Dr. Assis Brasil
Ministro brasileiro
em Portugal

Cons. Thomas Ribeiro
Ministro português no Brasil

Gracias aos bons officios do governo de S. M. Britannica e ás notas de cordial affecto trocadas entre os respectivos ministros de Portugal e Brazil, foram a 16 de Março de 1895 restadas com honra para ambas, as relações diplomaticas entre as duas nações irmãs.

Como o "Don Quixote" de 23 de Março de 1895 registrou o reatamento das relações entre o Brasil e Portugal.

Anno 20

Revista Illustrada

Número 676



Olitigio das Missões. O Presidente da Republica dos Estados Unidos da America resolve a questão das Missões, dando o seu voto a favor da Republica Brasileira, coronando-a de louros pela grande victoria do direito e da paz. Honra a America, que dá assim um exemplo ao mundo!

Desenho de Pereira Netto, na "Revista Illustrada" de Fevereiro de 1895, alusivo á questão das Missões.

ofícios da Inglaterra, foram reatadas as relações diplomáticas entre os dois países em 16 de Março de 1895.

Mas três dias antes dessa data festiva, que apagou diminutos ressentimentos luso-brasileiros, vira-se o governo a braços com uma revolta da Escola Militar.

Destarte, alternavam-se, para Prudente de Moraes, as alegrias e tristezas, aquelas rápidas, fúlbres e estas persistentes, continuas.



*Aos poderes publicos e a imprensa, honra pela animação a arte.
Aos artistas expositores — um bravo!*

O Presidente Prudente de Moraes, com um tempo bastante chuvoso, compareceu á inauguração do Salão de Bellas Artes, em 1.º de Setembro de 1895. ("Don Quixote" da época).

Surgira um novo motivo de apreensão e desgosto: a ocupação da ilha da Trindade pelos ingleses, em começo de 1895. Semelhante ocorrência agitou a opinião publica e a politica. Alvirava-se a arbitragem. Mas arbitragem por que? Por que motivo, se a própria Inglaterra, ao decidir Portugal a reconhecer a independência do Brasil, havia afirmado que a ilha em litigio era dominio português e, portanto, passara a ser brasileiro?

As razões do Brasil calaram no espirito britânico e em fins de 1896 a Inglaterra desocupou a Trindade e mandou remover os marcos de ocupação.

O grande Presidente — que em 1895 havia adoecido e fôra residir no morro de Santa Tereza — viu seus padecimentos agravados e em Outubro de 1896 foi submetido a uma intervenção cirurgica na sua residencia de verão, na ladeira do Ascurra, no morro do Inglez. A 10 de Novembro seguinte, a conselho médico, passou o governo a Manoel Vitorino, vice-presidente da Republica, e foi convalescer em Teresópolis.

Por essa ocasião, Antonio Conselheiro alarmava os sertões da Bahia. Canudos surgia, como uma fortaleza improvisada, a desafiar a ação legal dos poderes publicos, absorvendo as expedições que Manoel Vitorino enviára contra os fanáticos do terrivel reduto das margens do Vasa-Barris.

Prudente regressara de Teresópolis em 4 de Março de 1897, sem aviso prévio, chegando inesperadamente para reassumir o poder. Não foi mais



A limpeza que fez o Sr Presidente na Ilha da Sapucaia, isto é das Flores, varrendo todo o lixo natural e administrativo que alli se achava.



valeu-lhe as bençãos dos imigrantes e os applausos da Opinião

A energia serena de Prudente de Moraes apreciada pela imprensa illustrada da época ("Don Quixote" de 14 de Março de 1896)

"Don Quixote"

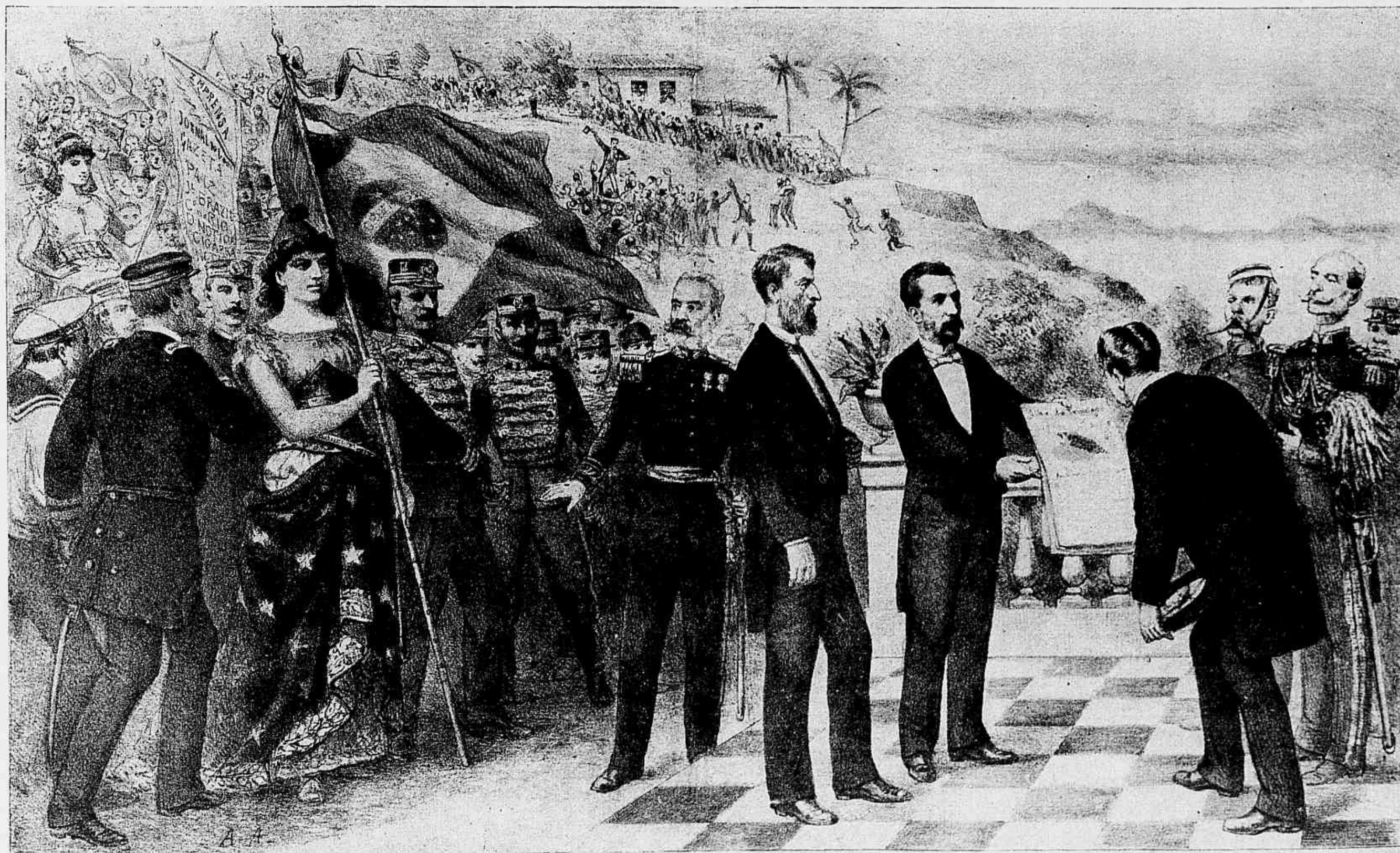


Festa da paz do Rio Grande do Sul, em Pelotas, no dia 23 de Agosto de 1895, segundo telegramma recebido de Porto Alegre.

Tres jovens, empunhando as bandeiras da União, do Estado e da Revolução, entaçam-nas fraternalmente, enquanto outra, representando o termo da luta, cobre-as com a bandeira da paz. Em seguida, são depositas as armas, entre entusiasticas acclamações.

Página do "Don Quixote" de 24 de Agosto de 1895, que registrou a pacificação no Rio Grande do Sul.

Questão da ilha da Trindade



A altitude, energia e dignidade do Governo, que tão bem sustentou os nossos direitos, sobre a posse da ilha, e o sentimento patriótico que manifestou o povo brasileiro em defender a República, fizeram com que a Inglaterra se curvasse diante de tão justo protesto.

A solução do caso da ilha da Trindade através de uma alegoria do "Don Quixote", da época.



Charge da "Revista Illustrada" de Fevereiro de 1895 que define o espirito ponderado e a reflexão notavel de Prudente de Moraes.

para o Itamarati. Manoel Vitorino havia adquirido dos Barões d' Nova Friburgo o Palácio do Cattete, onde instalara a sede do governo, e foi aí que o eminente republicano histórico retomou a suprema magistratura da nação.

Pouco depois, sobrevinha a revolta de 26 de Maio, da Escola Militar, movimento prontamente dominado.

Prudente levou a efeito a quarta e ultima expedição contra Canudos, confiando-a ao general Artur Oscar. E foi graças ao tino guerreiro deste bravo militar que os "jagunços" de Antonio Conselheiro foram aniquilados, terminando em 5 de Outubro de 1897 a página sangrenta de Canudos.

Um mês depois, a 5 de Novembro, chegava á Guanabara o "Espírito Santo", a cujo bordo voltavam ao Rio os heróis da jornada dolorosa dos sertões bahianos, e com eles o general João da Silva Barbosa, que comandara uma das colunas vitoriosas. O Presidente da Republica timbrou em dar com a sua presença o maior aprego áquele episódio; o Presidente, que não ia a banquetes e recepções, foi ao Arsenal de Guerra, transportou-se para bordo do "Espírito Santo", a homenagear pessoalmente os triumphadores. De volta ao arsenal, porém, é inopinadamente agredido por Marcelino Bispo de Melo, anspçada do 10.º Batalhão de Infantaria. O soldado — possivel mandatário — apontou uma garrucha a Prudente de Moraes, premiu os dois galinches e estaria morto o Presidente se acaso as cápsulas tivessem detonado. Mas não detonaram. Então o anspçada sacou de um punhal para novo ataque. Interpuzeram-se, porém, o marechal Carlos Machado Bitencourt, ministro da Guerra, e o coronel Mendes de Moraes, chefe da Casa Militar da Presidência. O assassino desferiu os golpes sobre os Intromissores, ferindo o coronel Mendes de Moraes e matando o marechal Bitencourt.

Os simples relatos mostram quão repetidas eram as vicissitudes que assaltavam o quadriênio de Prudente de Moraes. Ao ativo dos momentos de conforto, de alegria pessoal, já enumerados, pouquissimos se adicionarão, como o do reconhecimento dos direitos do Brasil, discutidos pela Argentina, na questão das Missões, questão que vinha de 1881



A imprensa illustrada, quando havia um caso grave, "abria os olhos" de Prudente de Moraes.

BRINDES POLITICOS DE FIM DE ANNO



Aos illustres presidentes do Senado e da Camara, D. Quixote offerece de festas alguns generos de primeira necessidade, para serem distribuidos, em doses convenientes, aos illustres parlamentares que mais precisam.

Ao Exm. Sr. Presidente da Republica offerecemos, com a nossa dedicacão, esta pequena vassoura para, com ella, afastar as aranhas, que de novo estão formando teias em torno de S. Excellencia.

e que, advoga pelo Branco, mereceu do arbitrio do presidente da República. O assassinio do court pôz em ovagem civica, que, vencendo realizou o seu de acompanhá-los pojos do seu gesto, que diz um personalidade de entusiasmo na po. O atentado a ra impunha a quer gamento. Amam-se foi decretada medida que deside aceitar — e vis flig desterro para ilha Fernando de Ronh. Entretanto, as ções politico tidar binos" insist na sistemática. Por outro o, a ceira aprese os aspéctos e cambi de baixar. Fortão q em 15 de Junho de 18 loan, o primo da lizado por (bos triênio imedi. Entretanto, meo xlmava o dia de 1898, término se dente de Mas cre damente na dião. ra-se um veneiro teóse desenda a regresso a SPauie pres cidadão não crita. Teve utão de, uma sinciade uma vibração inter de verão atenta quatro anos tod tratempos, deustica deve ter sen na que a sua figde h prototipo denrad retidão, entr gior Historia, acida p mavei do pe pel vo, que não tei. Prudente M essa consagio n logo após a missi Poder-se-ia r qu estava bemerto energia, destiga do "Santo arão imaginar euido um entusiasmo de não era! O grande sid Rio de Jano q depois, em 21, ao casamento de Moraes no o general Mes d gare da Cel do dência do 190 Casa Milita o saudoso o pa flores e ps, s através de a n Aquele me pov vitoria e o oc sel! Era o mo ja dendo ser imado momenta or as mostrar-se de me com a mes sino mesmo enc foi, após, quinc Pruc raes regress a s seu segund ber dentro de uo, tumulto. Foi esse ultim Prudente de Moraes Rio de Janeiro e com o pr cari o exaltou.

1941

pelo Barão do Rio
solução pelo lau-
Grover Cleveland,
Estados Unidos.
do marechal Biten-
ova o animo, a co-
rudente de Moraes
conselhos: suplicas,
propósito inabalável
sepultura os des-
ministro e amigo. Esse
de um caráter e uma
deportou um notável
na popular
do Arsenal de Guer-
unquerito e um jul-
am-se os suspeitos,
do estado de sitio —
presidente relutou em
as figuras sofrerem o
ilha distante, de
prorronha.

o cessavam as agita-
cotidianas. Os "jaco-
na sua oposição

o, a situação finan-
seja os mais sombrios
cambio não deixava
ção que se negociou,
urde 1898, o fundin-
lmo da Republica, rea-
Goos Sales no qua-
di

to medida que se apro-
di de Novembro de
nito seu governo, Pru-
Mas crescia desmesura-
ção publica. Torná-
veiro idolo. A apo-
enda quando do seu
SPaulo — já um sim-
ção não pôde ser des-

uão grande majesta-
dade tão expressiva,
ão intensa, que o gran-
atentado através de
toda sorte de con-
deusligas e de traições,
seno naquele momento
fige homem de bem,
denrdez, simbolo de
ntr gloriosamente pela
acida pela voz indo-
pe pela boca do po-
ão:ntel

de Moraes recebeu
sagio memorabilissima
a missão do governo.
ia de que o povo ainda
emerto dos atos de
destiga, de honradez
to arão. Poder-se-ia
cuído isso significava
ias de momento. Mas

de presidente tornou ao
Jar) quasi três anos
em 21, afim de assistir
ment do dr. Prudente
es to com a filha do
Mes de Moraes. Da
Cel do Brasil á resi-
do igo chefe da sua
Itano Rio Comprido,
o passou por entre
pis, salvas e vivas,
de a nova apoteóse.
mes povo singular, que
o caso, reafirmava-
mo já não mais po-
mpdo de entusiasta
as timbrando em
a mesma consciência,
es sinceridade. E o
nc fbi, poucos dias
ine Prudente de Mo-
ess a sua Piracicaba,
nd berço, que iria,
zuno, ser também seu

se ultimo contacto que
de Moraes teve com o
one tanto sofreu,
pe carioca, que tanto

U

U

U

U

U

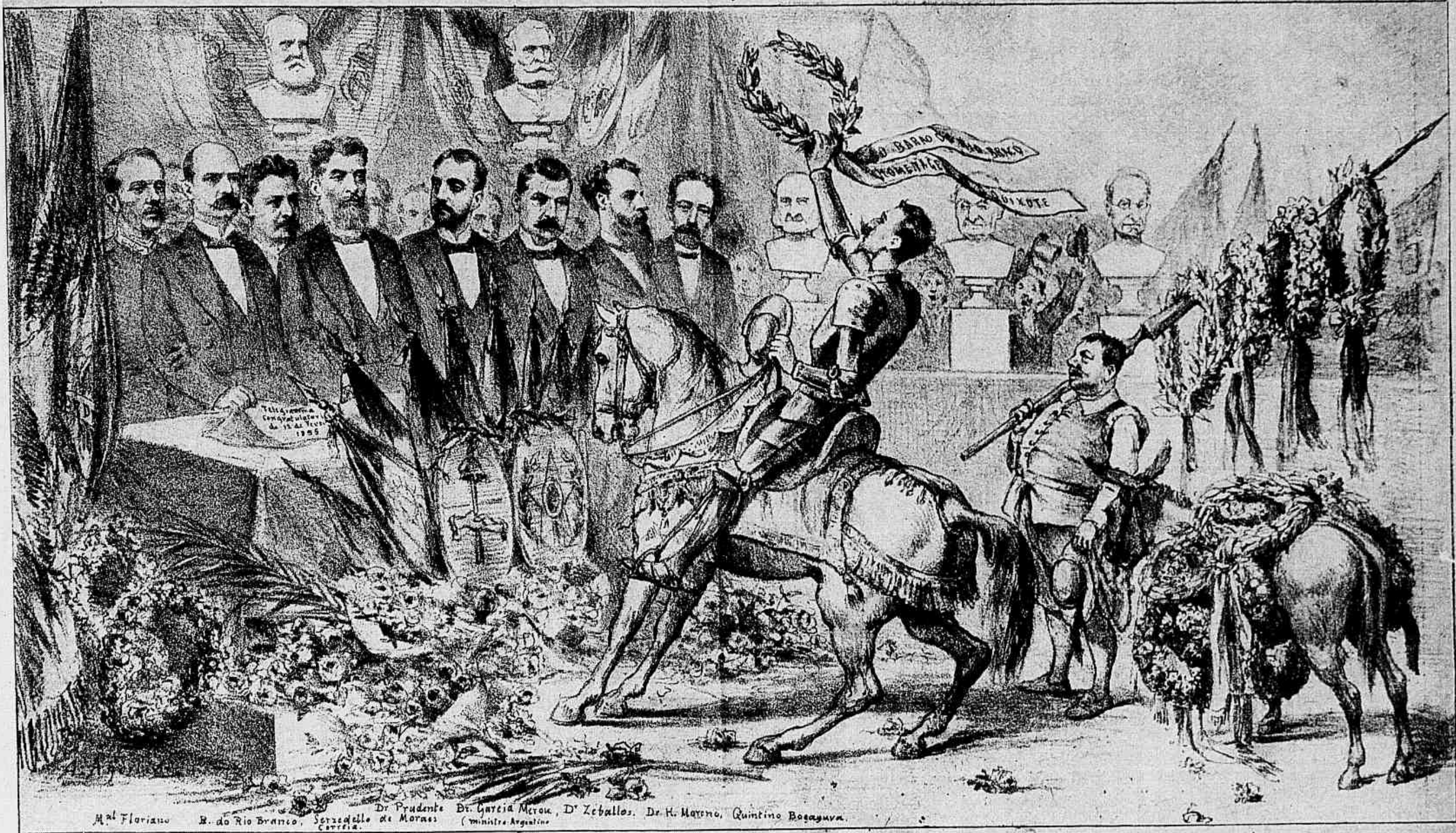
U

U

U

U

A solução do litigio das Missões



A todos os Chefes de Estado brasileiros e argentinos, e a seus illustres ministros, que durante mais de seculo souberam neste litigio manter sempre a paz entre as duas Nações, Don Quixote offerece as merecidas coroas. Viva a Republica Argentina! Viva o Brasil!

Alegoria de "Don Quixote" de 16 de Fevereiro de 1895 alusiva á solução do litigio das Missões

SEMANA SANTA POLITICA

"D. Quixote"



Coitado! Ainda bem que seus bons Cyrineus o ajudam a carregar tão pesada cruz!

Prudente de Moraes carregando a cruz ao Calvario. Da esquerda para a direita, os seis ministros: almirante Eliário Barbosa, Rodrigues Alves, Antonio Olinto, Gonçalves Ferreira, Carlos de Carvalho e general Bernardo Vasques.

Prudente de Moraes



O sr. J. J. Seabra falando á "Revista da Semana".

A VOZ do sr. J. J. Seabra teve sempre majestade. Eis por que a REVISTA DA SEMANA foi ouvir sobre Prudente de Moraes o velho e eminente brasileiro, antigo deputado, governador do seu Estado Natal, senador e ministro mais de uma vez.

A proverbial gentileza do venerando homem publico acolheu-nos na sua residência nas Laranjeiras.

Se ele nos dissesse tudo o de que se recorda!

O quatrienio presidencial de Prudente de Moraes, acidentadissimo como foi, deve ter-lhe deixado no espirito um infinito de recordações. Seria muito, porém, o desejarmos que o ardoroso tribuno chegasse ao extremo das minucias.

De muito, porém, de alguma coisa ao menos poderia lembrar-se e relatar-nos.

— A coisa de que mais me recordo mesmo porque é a mais importante havida

entre mim e Prudente de Moraes, foi a proposta que fiz á Camara, por ocasião da revolta da Escola Militar. No dia immediato ao dessa rebelião não houve na Camara uma só manifestação. Eu, porém, que tinha sido revoltoso em 93 e passara dois anos exilado no Rio da Prata, senti que poderia haver oportunidade para provar que nesse momento estava com a legalidade.

"Morava então com meu tio, o almirante Barbosa, na Pensão Airosa, na rua Marquês de Abrantes. Meu tio era ministro da Marinha e quis que, nesse dia, eu ficasse em casa, pronto a ajudar e proteger a familia. Disse-me que me desculparia junto do Presidente, justificando a minha ausência.

"No outro dia, passava eu de bonde pelo Cattete. Desci e fui declarar o meu apoio, como deputado, ao chefe da nação. Prudente estava sentado junto de seu cunhado, Adolfo Gordo. Recebeu-

me da melhor maneira e disse-me que meu tio já me havia justificado.

"Disse-lhe então que "exprimia a minha reprovção ao ato de insubordinação da Escola Militar e que me admirava de que não tivesse sido apresentada moção alguma na Camara, estando, por isso, com a idéia de propô-la eu.

— Aceito e agradeço — disse-me o Presidente.

Com gestos largos, o sr. J. J. Seabra fala como se estivesse vivendo precisamente o momento evocado. A pala do seu boné lança um pouco de sombra sobre os seus olhos que brilham.

Acomoda-se na poltrona de couro e prossegue:

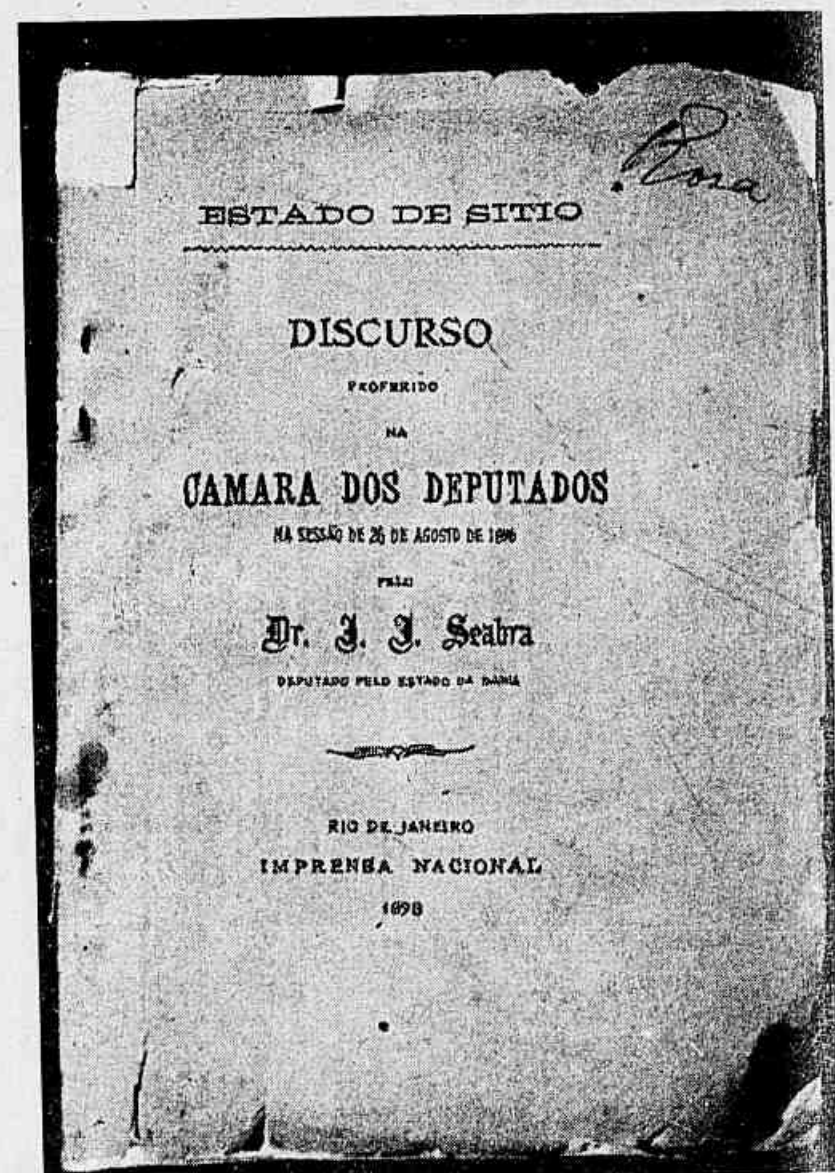
— Varios colegas meus tenderam dissuadir-me dessa proposta que eu iria

apresentar na Camara, como o Severiano, por exemplo, ao nos encontrarmos na rua do Ouvidor, e o Artur Rios, então presidente daquela casa do Congresso. Mas apresentei-a!

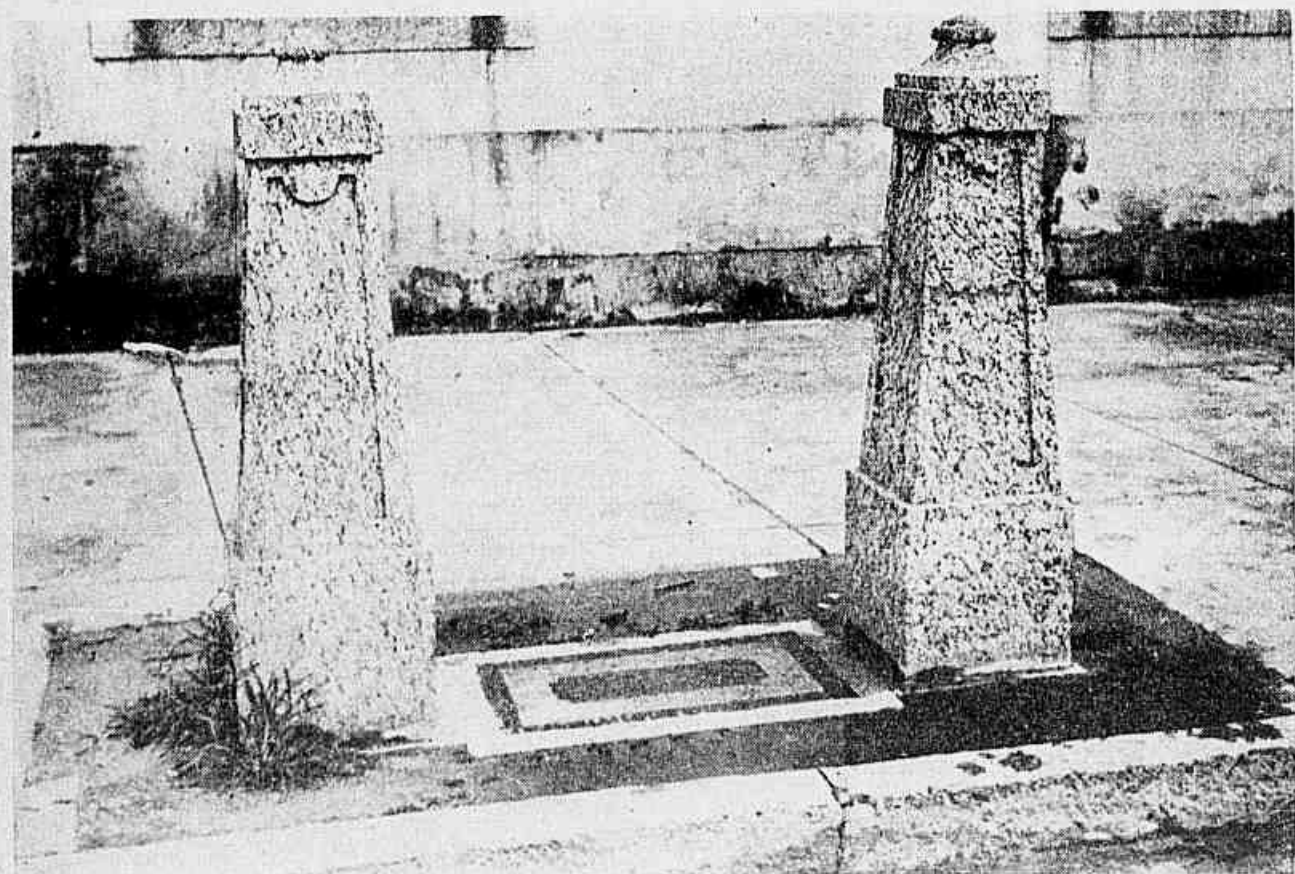
Aí, a voz do velho tribuno nos dá a impressão de querer readquirir a imponência de outras idades; mas volta a uma relativa calma, que é quasi mansidão, quando o integro politico bahiano retoma o fio das recordações.

— O Glicério opôz-se. E a moção caiu! No dia immediato, o "Jornal do Commercio" publicava na secção politica: "Estamos autorizados a declarar que o deputado Francisco Glicério não representa o pensamento do Governo na Camara:

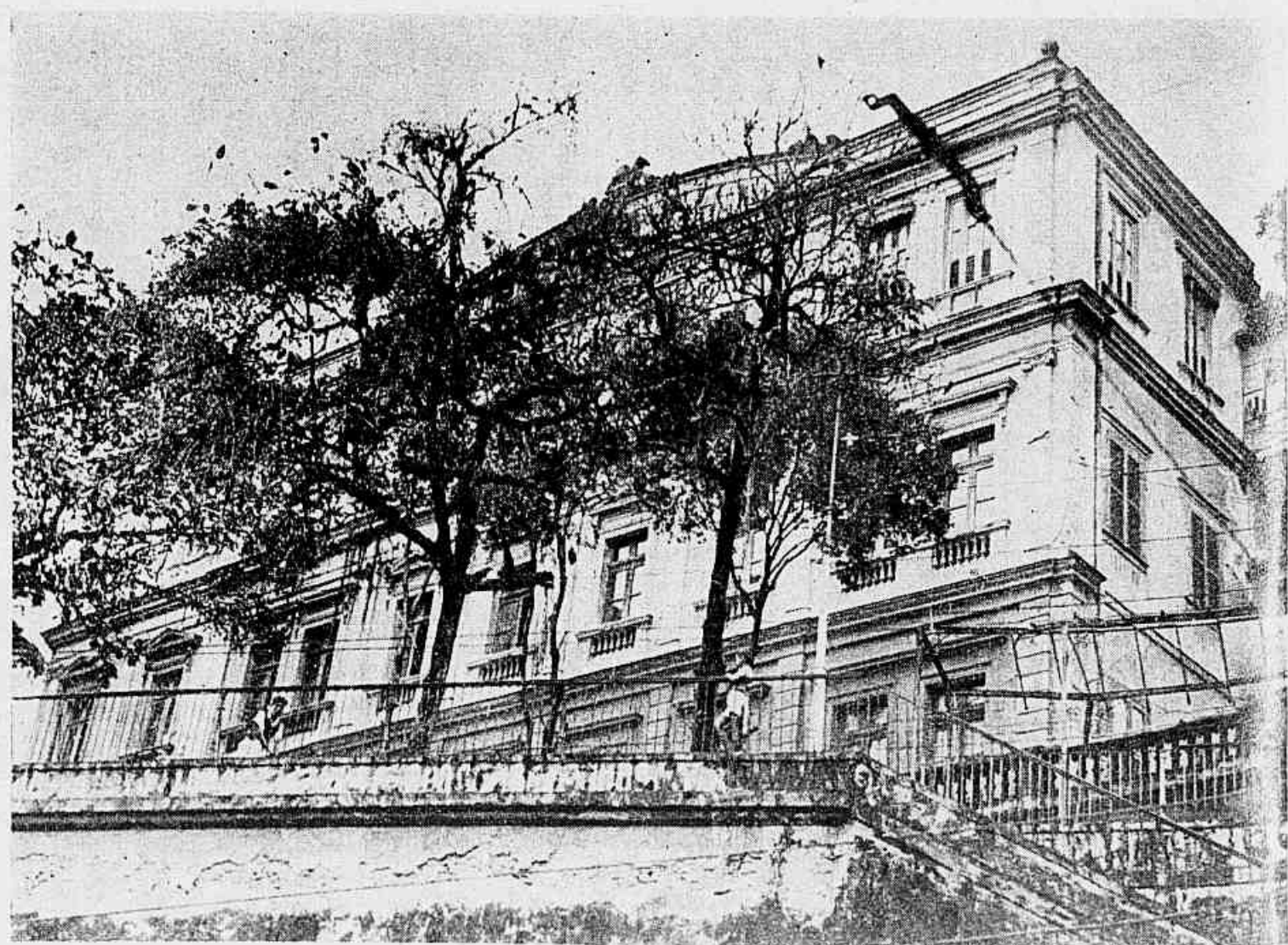
"Artur Rios pediu demissão da presidencia da Camara. Semelhante renuncia



A capa do plaquette do discurso de J. J. Seabra sobre o "Estado de Sitio" proferido em 26-8-1898.

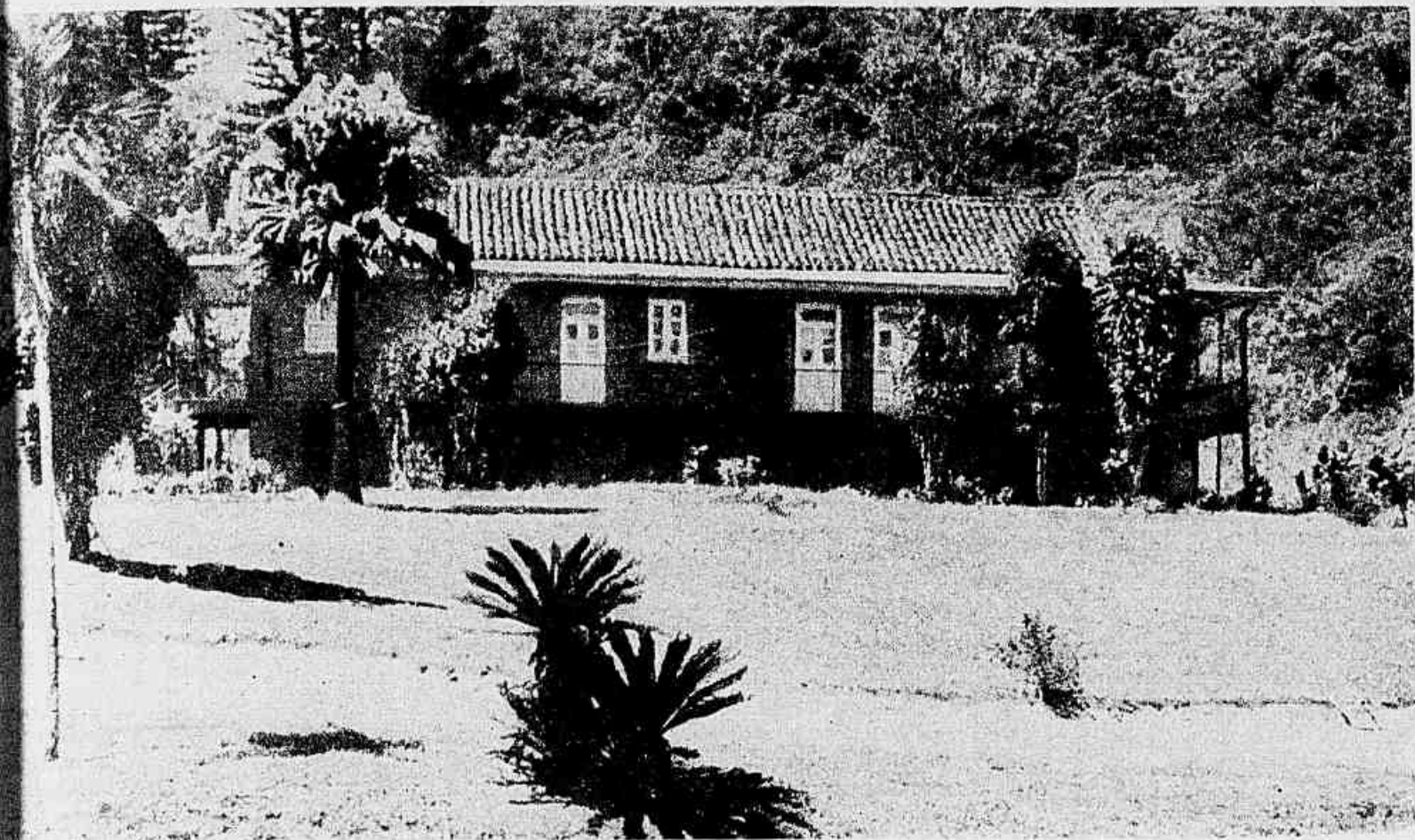


O local onde atentaram contra a vida de Prudente de Moraes, em 5 de Novembro de 1897, e onde foi assassinado o marechal Bitencourt.



O hotel em Santa Tereza, onde Prudente de Moraes foi residir em Junho de 1895.

Visto por J. J. Seabra



"Ermitage", a prazível residência da família Vieira em Terezópolis, onde Prudente de Moraes esteve convalescendo de fins de 1896 a princípios de 1897.

determinou que se procedesse á votação para escolha de novo presidente. Glicério é derrotado por dois votos, sendo reeleito Artur Rios. Vencera o Governo! Com pequena maioria, mas vencera.

O sr. J. J. Seabra recorda então que o Presidente residia no próprio Palácio do Cattete. Rememora os apelidos que davam a Prudente de Moraes. Para alguns era o "Biriba"; para muitos era o "Santo Varão".

— Lutou com paixões desordenadas que existiam depois do governo de Floriano — acentua o venerando parlamentar.

E é então que faz um quadro vigoroso da intolerância reinante, da intransigência dos florianistas.

— Nessa época — diz o sr. J. J. Seabra — nem se dizer podia que Floriano morrerá, porque nos responderiam: "Floriano nunca morrerá!" Uma verdadeira exacerbação de animos!

Quase ao fim da entrevista, que já estava longa, o digno varão definiu o seu juízo sobre a individualidade, sobre a personalidade de Prudente de Moraes.

— Foi um Presidente ideal! Enfrentou situações épicas, que se diriam invencíveis. Um grande patriota e um grande cidadão!

Prudente, que exercia a advocacia em Piracicaba, ao deixar a Presidência da Republica em 1898 voltou para a tranquilidade dessa cidade paulista.

— Quando partiu para São Paulo, acompanhei-o. Ao chegar á estação do Norte, foi delirantemente aclamado. Procurou, para hospedar-se, o Hotel França, o mesmo onde sempre se hospedava ao ir á Paulicéa. Não mudara, portanto, de hábitos. Em plena apoteóse, no aturdimento da significativa manifestação, Prudente de Moraes, voltando-se para mim disse-me:

— Sr. Seabra: agradeça á multidão...

"Foi então que eu, começando a falar, disse: **Ecce Homo!** E um delirio fremente passou pela multidão!"

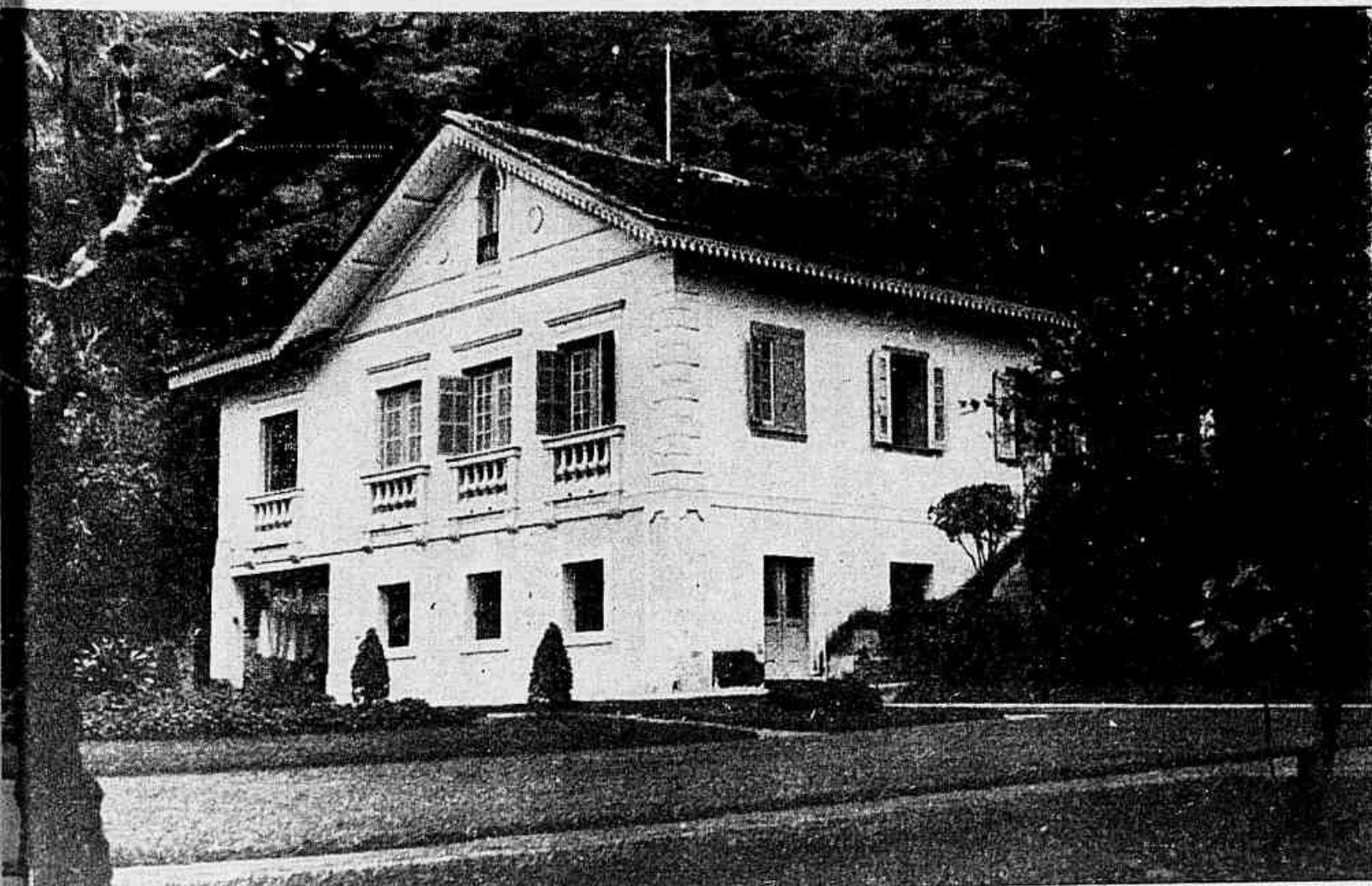
Tinha razão o grande homem publico. Aquele "Santo Varão" tinha, realmente, acabado de levar a sua cruz ao Calvário...



A antiga Pensão Beethoven, na Gloria, onde Prudente de Moraes e sua família, ao fim do quadriênio se hospedavam em 15 de Novembro de 1898.



A placa que ha no local onde tombou o marechal Bitencourt.



A casa da ladeira do Ascurra, nas Laranjeiras, onde Prudente de Moraes foi operado em meados de 1896.

NÃO VÁ ESQUECER !

EM NOVEMBRO PROXIMO CIRCULARÁ O **ALMANAQUE EU SEI TUDO** — O MAIOR ANUARIO DO BRASIL. NÃO OBSTANTE O AUMENTO DE TIRAGEM, NÃO HA DUVIDA DE QUE SE ESGOTARÁ DENTRO DE 30 DIAS.

PEDIDOS PARA A REDAÇÃO:
RUA MARANGUAPE, 15 — RIO

Beneméritos dos Mares

Não faltam, até gelados, oceanos ao orbe terraqueo. Todos, inclusive o Pacifico, encerram os maiores perigos para navegadores e derrotas mesmo curtas quaes as costeiras. Obediente ao fundo instinto de conservação, o homem, no evitar o mais possível os riscos do mar, recorre aos faróis, indicadores dos pontos de morte no desdobrar das vagas. Durante o dia pelo vulto, á noite pela iluminação fixa ou breve, os faróis são amigos. Abençoa-os o marítimo mesmo na bonança, pela poesia curiosamente tida por mar de leite.

Publicado em 1913 pela Imprensa Naval, um opúsculo fruto de meritoria pesquisa e da lavra de funcionário civil de Secretaria da Marinha, o Sr. Aluio Reis, traça o historico dos nossos faróis, no que respeita sua antiguidade, sua construção e seu prestimo.

Em 1845, era autorizada a criação de capitânias de portos nas provincias marítimas do Imperio, tanto vale dizer em quasi o seu todo. A medida transferio a administração dos faróis até então neles localisada, para as capitânias; em 1853 a administração e o custeio dos faróis da ragão dos Patos confiados á marinha de guerra.

Em 1856 reconhecia-se a necessidade de uma repartição de faróis aplicada á construção e manutenção dos o imposto chamado Direito de Faróis, provincialmente cobrado desde 1820.

Localisada em 1876 na ilha das Cobras, e nascida afinal depois de reclamada por não poucos ministros da Marinha, a Repartição dos Faróis, teve por primeiro diretor o capitão de fragata Francisco José de Freitas coadjuvado por dois subalternos e um ajudante, o 1.º tenente Fernando Schiffler de Almeida.

Proclamada a Republica, Custodio de Mello, ministro da Marinha, tratou de crear a Repartição da Carta Marítima importando na fusão das repartições de Faróis, de Hidrografia e de Meteorologia, a segunda datando de 1876 a terceira de 1888.

Repartidos os serviços da Carta Marítima em directorias, a dos Faróis conservou-se na ilha das Cobras, a de Hydrografia alojou-se em prédio da rua Conselheiro Saraiva, a de Meteorologia subiu no morro de Santo Antonio após passagem pela Secretaria da Marinha.

Em 1906 o governo adquirio o edificio do Club Naval, na rua D. Manoel, para onde se mudou a Carta Marítima, em 1908 superintendencia de Navegação. Em 1907 a Repartição dos Faróis passou para o imovel da rua D. Manoel, o mesmo acontecendo á Repartição de Meteorologia, ao seu observatorio, e ao deposito de faróis, da ilha do Riço.

Depois de sofrerem ainda novas modificações acham-se hoje os serviços de faróis superintendidos pela Diretoria Geral de Navegação e até ha bem pouco superiormente orientados pelo vice-almirante Tacito Reis de Moraes Rego secundado por officiaes da marinha qual mais dedicado, qual mais interessado na natureza e nos fins da repartição.

Segundo informa Almir Reis, o vapor José Bonifácio foi o primeiro a inspecionar em 1878 os faróis do sul do Imperio, em 1885 cabendo a mesma incumbencia no Norte ao vapor Madeira. Em 1898 este vapor teve substituto, o vapor Itapera, denominado Comandante Freitas, em homenagem ao primeiro diretor da Repartição dos Faróis.

A decania dos nossos faróis cabe ao da Barra do Rio Grande, construido em 1820 ao tempo da capitania de S. Pedro do Sul, governada por quem no patrio Portuga! daria pancas como duque de Saldanha. Construido o farol da Barra sem maior cuidado violenta chuva de pedra lapidou-o a ponto de inutilisá-lo, substituíram-o então pelo mais rudimentar dos faróis, uma fogueira acesa nas noites de plena escuridão junto ás ruínas do farol de 1820, so reconstruido em 1852.

Capital do Imperio, como o fôra de Vice-Reinado e de Reino Unido, e ainda é de Republica, o Rio de Janeiro recebeu o seu farol maior o inicial no Primeiro Reinado, por inauguração em 1829. Antes da construção daquele farol na ilha Rasa prevaleceu o sistema do farol-fogueira, a crepitar todas as noites e acesa por um homem recompensado com mil reis mensaes.

O visinho mais proximo e apreciado da capital carioca é a ex-provincia do Rio de Janeiro. Na Regencia Permanente recebeu a provincia o seu primeiro farol no mais alto pinheiro da ilha do Cabo, para ser substituido por novo farol em 1861.

O juiz de direito de Cabo Frio, dr. Macedo Soares, posteriormente ministro do Supremo Tribunal Federal, copiou em 1883 a inscrição do farol velho cabofriense, gravada em chapa de cobre e transferida para o novo farol.

Dizia a inscrição: "Imperando o Muito Alto e Muito Poderoso Principe D. Pedro II e Sob os Auspícios do Ministro da Marinha Joaquim José Roiz Torres Propicio aos Navegantes Se Ordenou e Começou Em 1833 e Acabou em 1836 A Luz Te Salve e Guie".

Até para faróis ha diferenças de sorte, São determinadas pela acessibilidade ou inacessibilidade dos pontos onde se acham colocados para que a luz "salve e guie", como desejava a inscrição do primitivo farol de Cabo Frio.

Para exemplo de agrestia eis o farol de Abrolhos na Bahia e tal nome já indica asperesa de sitio. Outro farol da especie fica em S. Paulo, o da ilha de Sebastião na Ponta do Boi, paragem de sinistra tradição por sossobros.

A vigilância de faróis da nossa alongadissima costa, vigilância a cargo do Ministerio da Marinha e nele da Diretoria Geral de Navegação abrange hoje faróis incandescentes (29), faróis automaticos (72), faroletes (115) e nossa quantidade de outros aparelhos, bolas de varia especie, balizas, etc., tudo destinado á encaminhar ou salvar navegantes.

Missão continua, quanto a funcionamento, conservação, reparo e d. espas, estes dificeis de prévia determinação pois só as determinam os pontos de localisção dos faróis.

Entretanto velhos faróis foram erguidos com a maxima solidez e não poucos de taes construções podem ser considerados obras de arte pelas condições de acabamento e resistencia, condições muito de prezár visto como a aparelhagem e a conservação dos arôes acarretam gastos enormes aos quaes não correspondem verbas condignas. Para

acudir á desproporção entre despesa e verba, o serviço faroleiro lança mão de radio-faróis e de radio-goniometros no aqui, ali e acolá de nosso litoral. Nele cerca de 300 luzes indicam rota segura e desvio de perigo aos navegantes. E na barra sul do Estado de Santa Catarina um farol, o de Naufragados está de aviso na denominação assaz significativa.

Para verificar luzes e serviços ao longo da costa, a Diretoria Geral de Navegação dispõe de dois navios, o José Bonifácio e o Vital de Oliveira. Este nome é de gloria na marinha de guerra e pertencente a notabilissimo hidrografista nosso de trabalhos mencionados nas cartas hidrograficas de Mouchez, o almirante francês de estudos em nossas águas litoraneas.

Atualmente o radio presta serviço á navegação e a navegantes anunciando, por parte da repartição tecnica da Marinha, as alterações ou supressões momentaneas de luzes nos faróis disseminados pela nossa Costa. Alem disso a Diretoria Geral de Navegação possui rede radio-telegrafica, a qual sem detença permite achar-se em comunicação com os navios-faroleiros em viagem, com os faróis, com tudo quanto depende da Diretoria e de suas providencias.

A Diretoria de Navegação funciona atualmente na ilha Fiscal. Basta conhecer historia patria de outiva para saber que nessa ilha se realizou baile historico poucas horas antes da proclamação da Republica, Grande tela de Aurelio de Figueiredo fixou em côres e recordou personagens e convidados da memoravel festa.

A ilha Fiscal, antiga dos Ratos, deu pequeno sóio a construção destinada a serviços aduaneiros fiscalisadores. Foi o edificio construido de 1887 a 1889 pelo engenheiro Adolfo Del Vecchio. A obra sobremaneira lhe recomenda arte e memoria. Com a maior justiça e por iniciativa do almirante Moraes Rego o retrato de Del Vecchio se destaca no bellissimo salão nobre do edificio, gabinete do diretor de Navegação. Na peça, em vitrais, figuram as efigies de D. Pedro II e da princesa D. Isabel, substituta do pai em três regencias.

Percorrer a sede da Diretoria de Navegação na Ilha Fiscal, onde tantos melhoramentos se devem ao almirante Moraes Rego, é visitar um mundosinho de atividade, cheio de interessantes celulas de labor.

Outras tantas celulas, estas de isolamento ou sacrificio, se encontram nos faróis onde vive população reduzida, a dos faroleiros. Nalguns faróis ha espaço para residencia das familias dos faroleiros, noutros o faroleiro é o solitario forçado a bem da humanidade.

"Poucos são — observa o almirante Moraes Rego — dos que conhecem a vida de sacrificios, de abnegação e de enervante isolamento vivida por esses humildes servidores da Marinha, em meio do Oceano bravio, trepados em rochedos batidos furiosa e incessantemente pelas ondas e pelos ventos de todos os quadrantes". Os faroleiros, serenos, impassiveis, por sobre as cabeças o céu, o abismo aos pés, cumprem missão como se nada fosse. Uns a desempenham em rochedos isolados, inhospitos, outros em pontos sem socorro facil de qualquer especie, inclusive o da subsistencia. Não raro do seu castelo de rochas onde o mar baba na tempestade, o faroleiro espera manutenção. O navio-faroleiro portador de provisões lá se acha a meia milha, sem atracação possivel, que não a consentem o vento e as ondas. Quando não o faroleiro recebe viveres entrouxados e que lhe chegam pelos cabos de vae e vem.

Rigorosa verdade se encerram nas seguintes palavras alheias: "Quem passa ao largo em luxuoso paquete jorrante de luz, confortado em fôfas poltronas, servido por criadagem de libré, ignora que por traz daquela pequenina luz que pisca ao longe, mostrando rota ao oficial de quarto, ou advertindo ao timoneiro da proximidade do perigo, ha a vida de um humilde que se imola na garantia e na vigilia de todas as vidas que passam".

A sentinela luminosa em certos faróis nem por instantes pôde sair de posto. Não ha descanso nem rendição. Assim no farol da temível Ponta do Boi. Para atingi-lo o faroleiro escala a mais não poder. Sobe, sobe, sobe em local fundo, aprisionado entre montanhas, local onde o só, não vae, tanto que o sitio se chama O Sombrio. Para chegar á morada a 600 metros de altura, o faroleiro, pé calcante tem de vencer 18 quilometros. A principiar por isso e a acabar numa reclusão de meses, o farol da Ponta do Boi representa para faroleiros ultra-sacrificio. Nem vale a pena pôr em claro quanto ganham faroleiros de qualquer classe, eles em geral sahidos de gente já de traquejo na marinha. Não vamos dizer qual o ordenado de tão modestos servidores, poderiam crêr que representam uma fortuna quando migalhas.

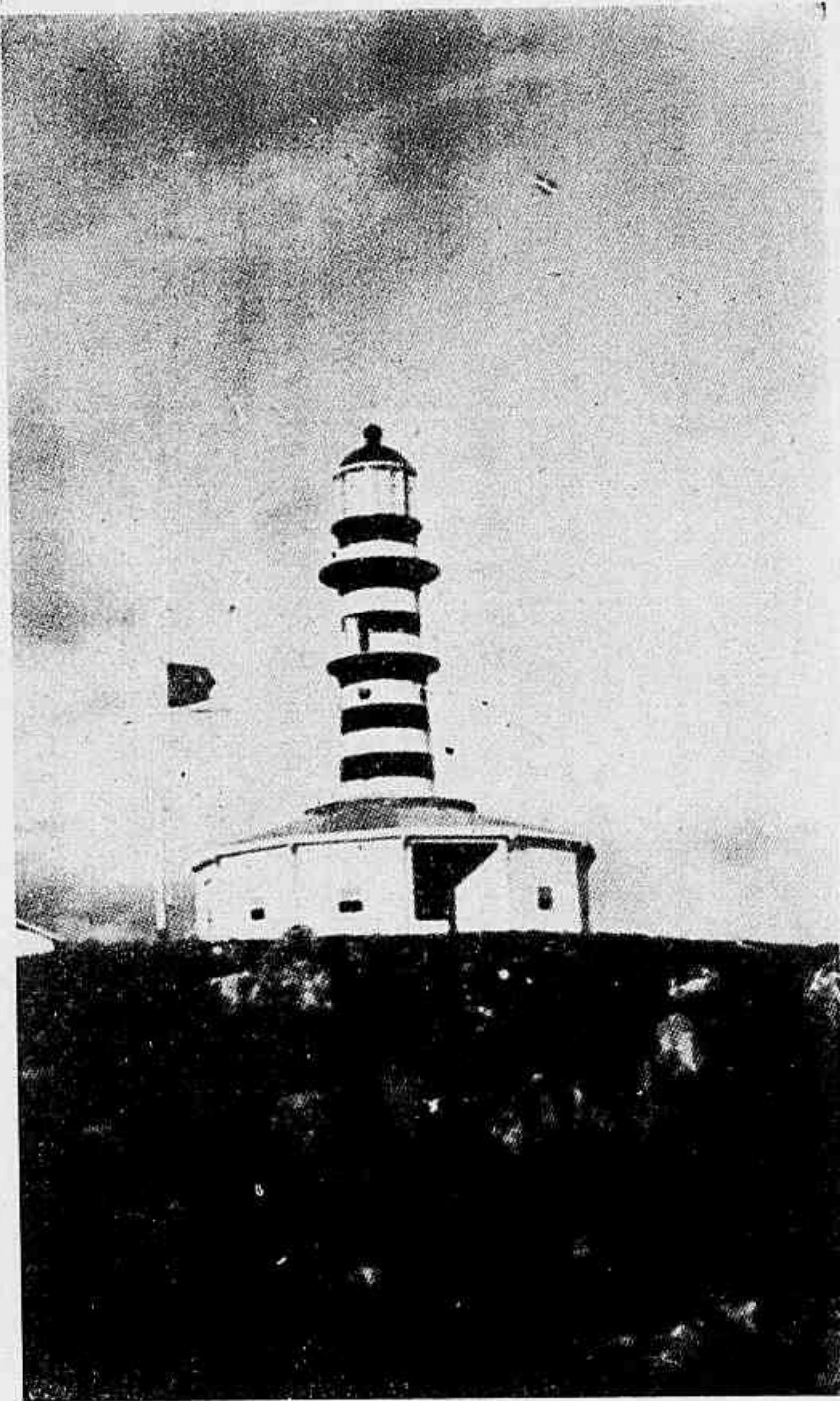
Felizmente para os faroleiros existe quem os estime e compreenda o valor infinito de sua alevantada missão sempre altruista, não raro heroica. Haja vista o louvor emanado da justiça do almirante Moraes Rego no seguinte elogio oficial.

"Tendo chegado ao meu conhecimento que o faroleiro Jurandir Novais, do farol de Santa Luzia, Espirito Santo, em obediencia ás ordens recebidas, realizou o recarregamento do farol da Escalvada, funcionando mal, prestes á apagar-se, em difficilimas condições de vento e mar, atirando-se n'agua a fim de efetuar o desembarque na ilha dos respectivos acumuladores de gás por meio de uma ligação aos mesmos, é com satisfação que elogio o referido faroleiro por seu abnegado exemplo e exata noção do cumprimento do dever."

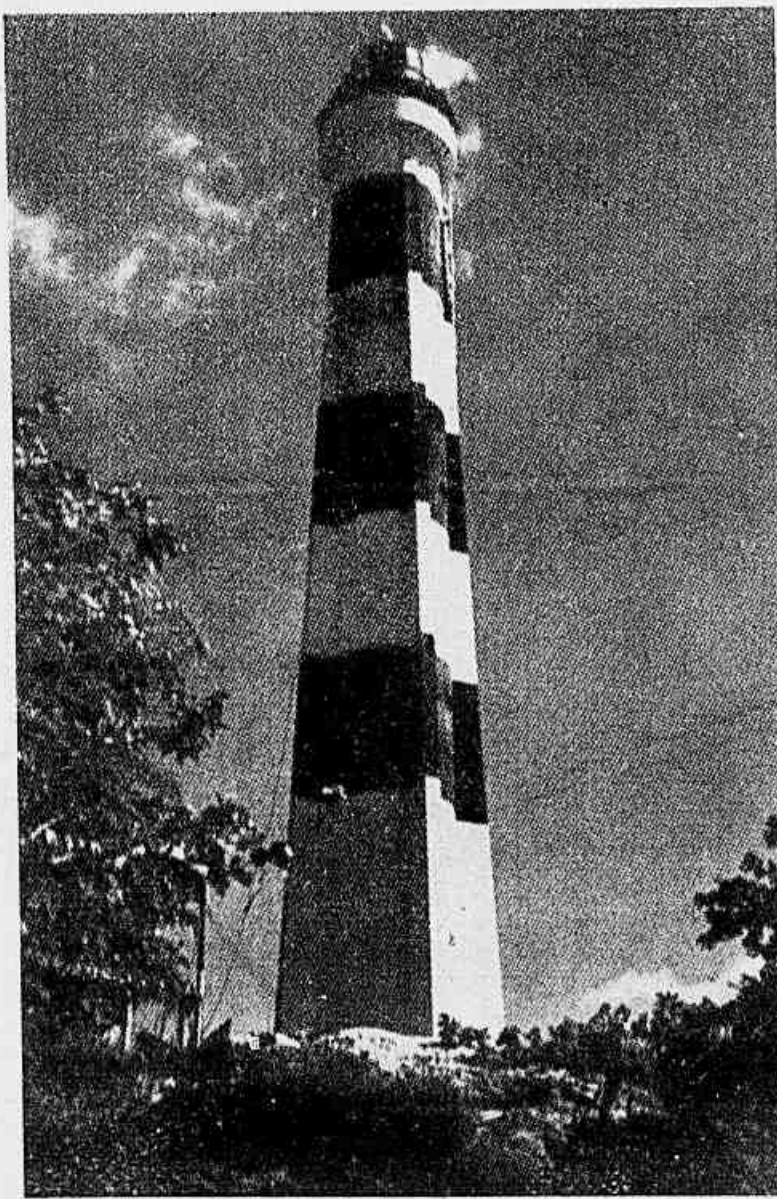
Quanto ao peito de um Justino Novais ou de companheiro dele de tal porte assentaria condecoração humanitaria em outros países concedida a faroleiros admiraveis. Até a mulher de faroleiro recebeu alhures premio honorifico. Morto o marido, no farol, em noite de procela solta, a abnegada através de suas lagrimas velou até raiar o dia a tomar conta da luz salvadora.

Fique nestas comovidas linhas o preito de quem nas terras que andou, nos mares que o baloiçavam só encontrou um titulo para os sempre desconhecidos e ás vezes sublimes faroleiros, o de beneméritos dos mares.

Escragnolle Doria

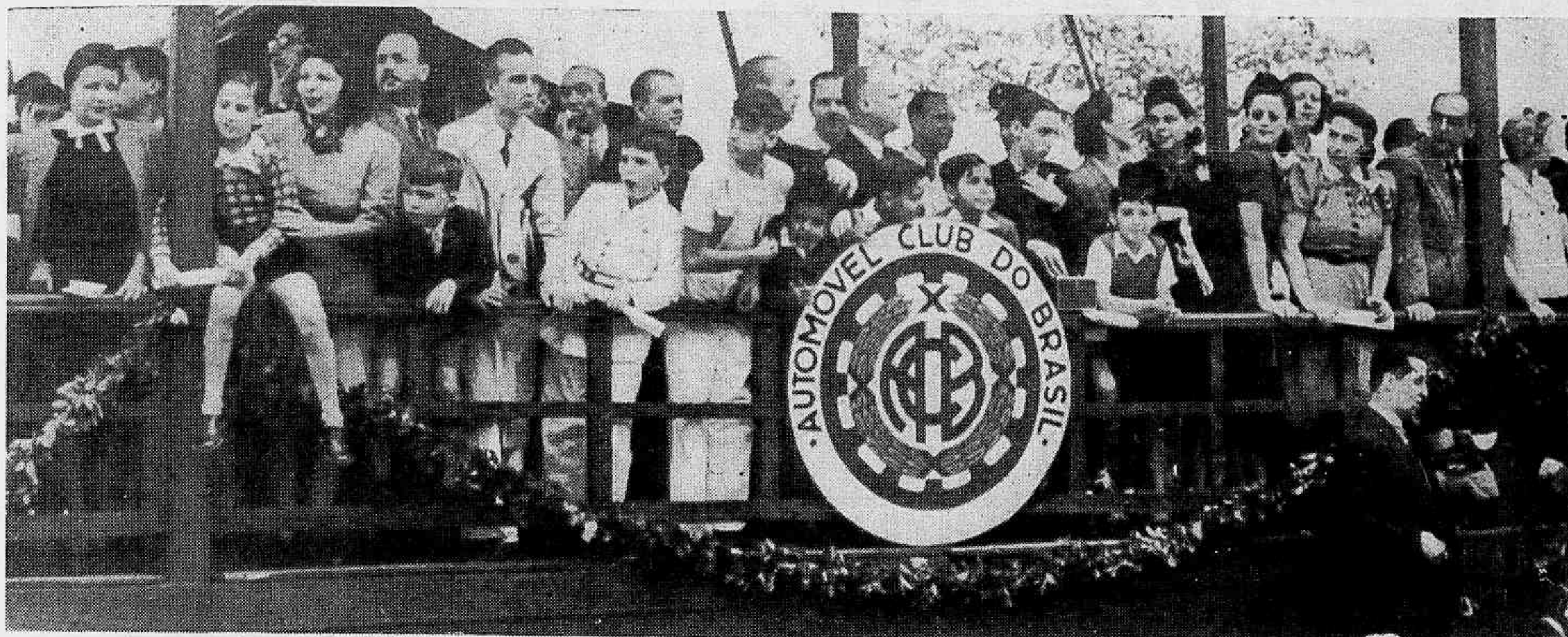


Farol de Abrolhos, inaugurado em Abril de 1941.



Farol de Olinda, inaugurado a 7 de Setembro de 1941.

* * A GAVEA DE 1941 * *



A galeria de honra, vendo-se o dr. Henrique Dodsworth, prefeito do Distrito Federal.

O MAIOR CONCURSO AUTOMOBILÍSTICO JÁ PRESENCIADO PELA CIDADE: VENCE FRANCISCO LANDI

A grande peleja automobilística ao redor da Gavea, que o carioca já se acostumou a contar entre os melhores espetáculos do ano, realizou-se no último domingo com um brilho tão inesperado que certamente ficará como ponto de referência nos nossos anais esportivos. Tempo ruim, público um tanto cético pela ausência de nomes de repercussão internacional, e em vista da decadência nos anos anteriores — é o ambiente em que se realiza a competição que anos atrás levava as multidões ao delírio. No entanto o povaréu está em forma e as 19 máquinas que se alinham na partida merecem a atenção de milhares de palpiteiros. Logo à primeira volta a arrancada magnífica deixou bem claro que não haveria motor frio naquela manhã, e que ninguém teria tempo para se entediar. Completada a primeira volta os concorrentes formavam assim: Francisco Landi, Geraldo Avelar, Oldemar Ramos, Rubem Abrunhosa, Quirino Landi, Kalil Hadad, Benedito Lopes, Domingos Lopes, A. Sartorelli, Manoel Teffé, José Bernardo, A. Alonso, Rodrigo, Angelo Gonçalves, Claudionor Pacheco, Waldemar Faria, Ary Cortes e Mauricio Torres. Constatou-se a ausência de Santos Mauro, Luigi Bianco, Julio de Moraes e Marcelo.

Todo o desenvolver da contenda foi assinalado por dois duelos que fizeram vibrar a assistência e elevar bem alto o nome dos volantes que galhar-

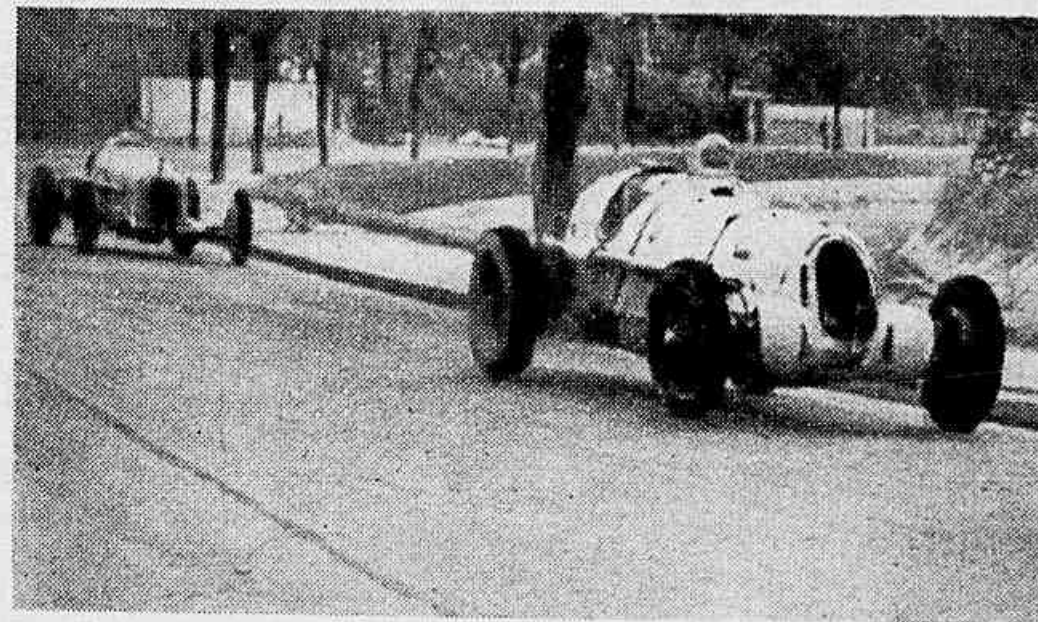
damente neles se empenharam: em disputa do primeiro e do segundo lugares. A primeira posição mereceu uma luta titânica de mais de duas horas entre Francisco Landi e Oldemar Ramos. As poderosas máquinas destes sportmen perseguiram-se e substituíram-se sem desfalecimento, superando records no maior duelo de que se tem memória desde a peleja Von Stuck x Pintacuda. Um golpe da sorte, porém, inutilizaria o carro de Oldemar Ramos cujo imenso esforço, já nos últimos momentos, foi irremediavelmente anulado. O papel deste grande volante na Gavea de 41 foi cobrar a Francisco Landi um altíssimo preço pela sua vitória, preço este que o vencedor bem soube pagar.

O segundo lugar, por outro lado, deu motivo à duríssima contenda entre Quirino Landi, Teffé e Abrunhosa. Esta luta, independente da primeira, fez com que a Corrida deste ano constituísse um espetáculo inédito, em que as atenções do público se dividiam e multiplicavam numa ansia sófrega de aproveitar os dois cenários. Quirino venceu, e esteve digno da vitória. Seguem-se Teffé, com 10 segundos de diferença, e Abrunhosa distando menos de 4 segundos do terceiro colocado. O vencedor do Grande Premio Cidade do Rio de Janeiro — 64 contos de réis — atingiu a meta final 4 minutos antes de Quirino Landi.

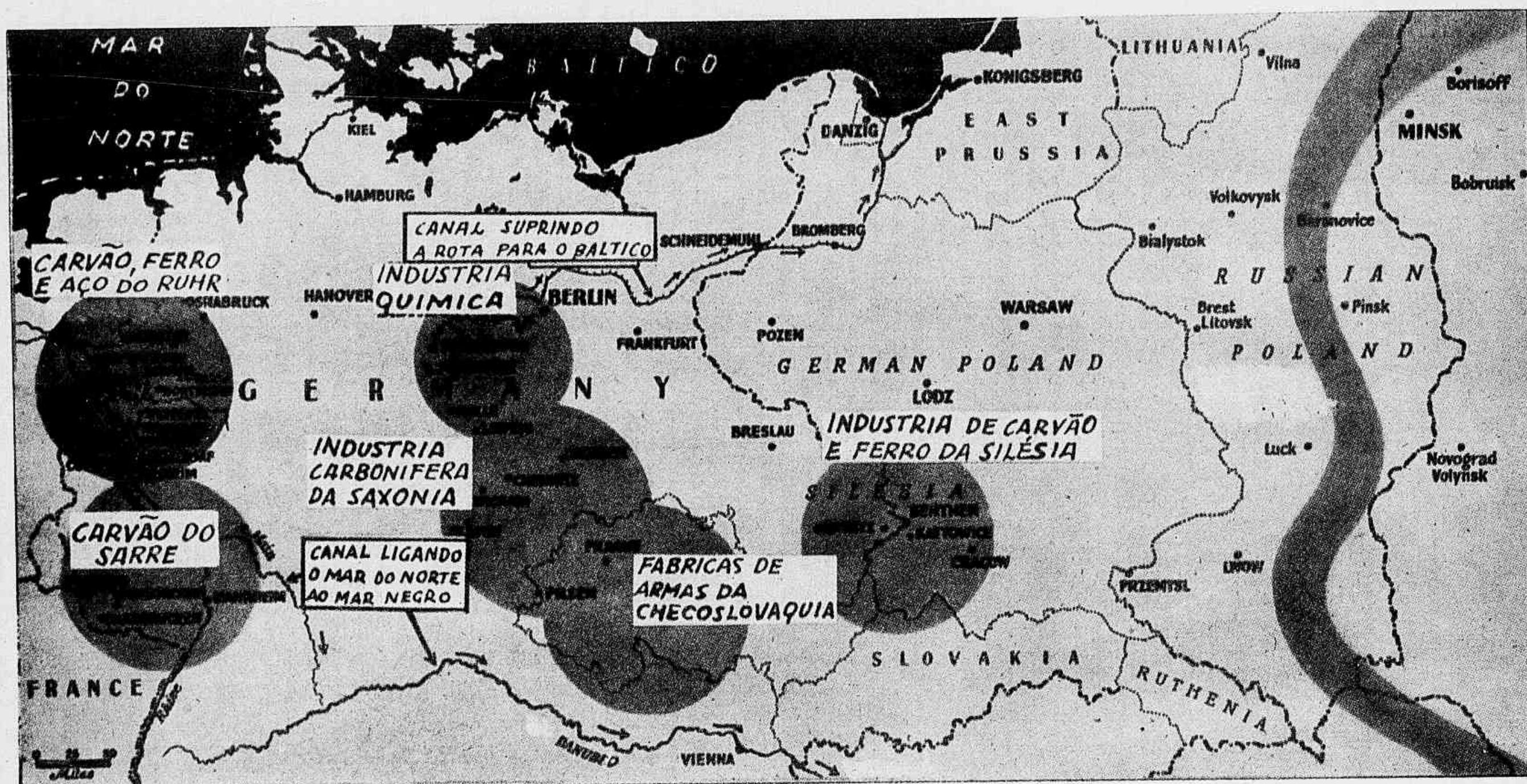
A' direita: Flagrante do duelo travado entre Oldemar Ramos e Francisco Landi na disputa da primeira colocação.

A' esquerda: Os dois vencedores da Gavea de 1941: Francisco e Quirino Landi.

Em baixo: A' chegada de Francisco Landi, quando o Embaixador da Republica Argentina, assinala o termino da prova.



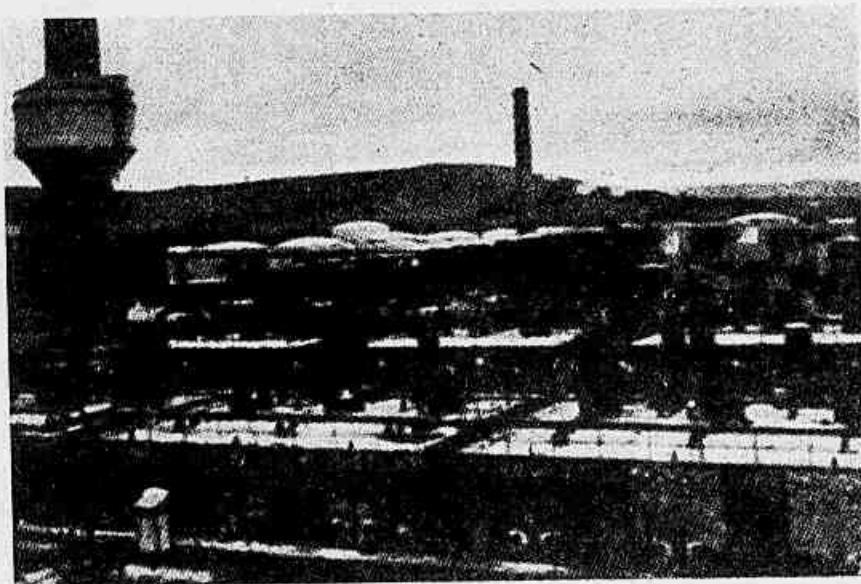
Os grandes centros



Os principais centros de produção industrial alemã com relação ao front de batalha oriental: — o mapa acima leva-nos a constatar que a Alemanha se encontra neste momento a braços com o importante problema do transporte de material bélico. E' que a linha de frente oriental está grandemente afastada dos centros do seu parque industrial. Vemos aqui esses centros: 1) a zona da Silesia, parte alemã e parte da Polónia; 2) indústria bélica da Checoslovaquia, localizada principalmente em Praga e Pilsen; 3) indústria carbonífera da Saxonia; 4) indústria química da Prussia; 5) indústria carbonífera do Sarre; 6) indústrias siderúrgica e carbonífera do Ruhr, onde estão os grandes centros de Essen, Gelsenkirchen, Mannheim, Colonia, etc.

Os centros de produção da Alemanha podem ser catalogados em quatro grupos: 1) as cidades industriais das grandes regiões carboníferas — o Ruhr, o Sarre, a Saxonia e a Silesia; 2) os grandes centros portuarios, onde, ao lado de estaleiros, numerosas outras indústrias se desenvolveram em vista da acessibilidade das materias primas; 3) outras grandes cidades com suburbios industriais, produzindo principalmente aviões, automoveis, equipamentos elétricos, aparelhos científicos etc.; 4) locais secretos onde fábricas de material bélico e outras foram construídas sob o solo ou devidamente camufladas.

A região carbonífera do Ruhr mede 50 milhas de comprimento e 10 de largura, na



Uma grande refinaria de petroleo em Campina, na Rumania — Depois da Russia, a Rumania é a nação européia que maior quantidade de petroleo explora: 6 milhões de toneladas anuais, antes da guerra. A posse dos campos petrolíferos rumenos é apontada como uma das circunstancias que possibilitaram à Alemanha dilatar a presente guerra no tempo e no espaço.

bacia do Ruh, tributario do Reno. Aí trabalham milhões de operarios em minas, fábricas, indústrias químicas etc., constituindo a região de mais alta produção da Europa. De Duisberg-Ruhrort, às margens do Reno, para Dortmund, no canal Dortmund-Ems, há praticamente uma cidade contínua. Essen, dos Krupps, Gelsenkirchen, Bochum estão lá. Fechando a região estão Wuppental, Crefeld, Munchen-Gladbach, Dusseldorf e os centros do aço de Solingen e Remscheid, todos alimentados pelo combustível do Ruhr.

Nas proximidades da região carbonífera da Saxonia estão os centros industriais de Churnitz, Plaanen, Zwickan, Dresden, Leipzig e outras cidades.

Importantes depósitos de sais deram origem aos centros de indústria química da região prussiana, compreendendo Stassfurt, Hanover, Halle e Magdeburg.

A Silesia, rica em carvão e metais de importancia para a guerra, esteve em parte nas mãos dos poloneses até Setembro de 39. Os principais centros silesianos são: Benthen, Gleiwitz, Cracow e Kattowice. A região do Sarre é essencialmente carbonífera e compreende três importantes cidades industriais: Sarrabruken, Nervig e Mounkirchen.

O petroleo, sangue negro das máquinas de guerra, tem suas refinarias principalmente nos portos de mar e fluviais, e perto das grandes cidades das regiões carboníferas.



Os campos de petroleo da Polonia são outro elemento de vital importancia para a máquina militar do Reich. Daqui, de Boryslav, sai em regular quantidade aquele precioso oleo negro que é a seiva dos engenhos de guerra.



A Checoslovaquia foi sempre apontada como um dos maiores centros de indústria bélica do mundo. Aqui temos uma vista parcial das fábricas Skoda, situadas na cidade de Pilsen, e que veem desempenhando papel importante no abastecimento do exército alemão.

industriais da Alemanha



Na Áustria — os grandes terraços de Erzberg. Localizados na província de Styrian, são de enorme importância para a Alemanha. Estas ricas minas de ferro tornaram-se famosas porque de longe brilham ao sol dando a impressão de que a montanha é de cobre polido.



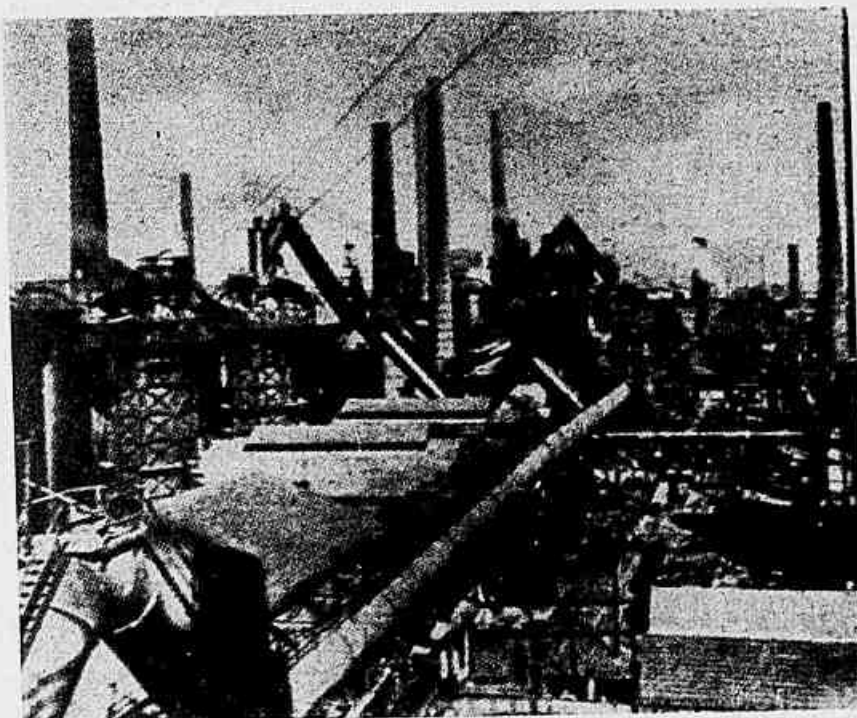
Essen, no coração da zona industrial alemã do Ruhr. Temos aqui uma vista parcial das fábricas Krupp, de onde saem os engenhos de guerra mais completos que a Alemanha tem utilizado. O nome destas fábricas depois da Grande Guerra era citado com o mesmo tom de espanto com que na antiguidade se referiam às lendárias oficinas de Vulcano nas cavernas eruptivas da Sicília.

— O Ruhr, o Sarre, a Saxonia, a Silesia

— A indústria química da Prússia

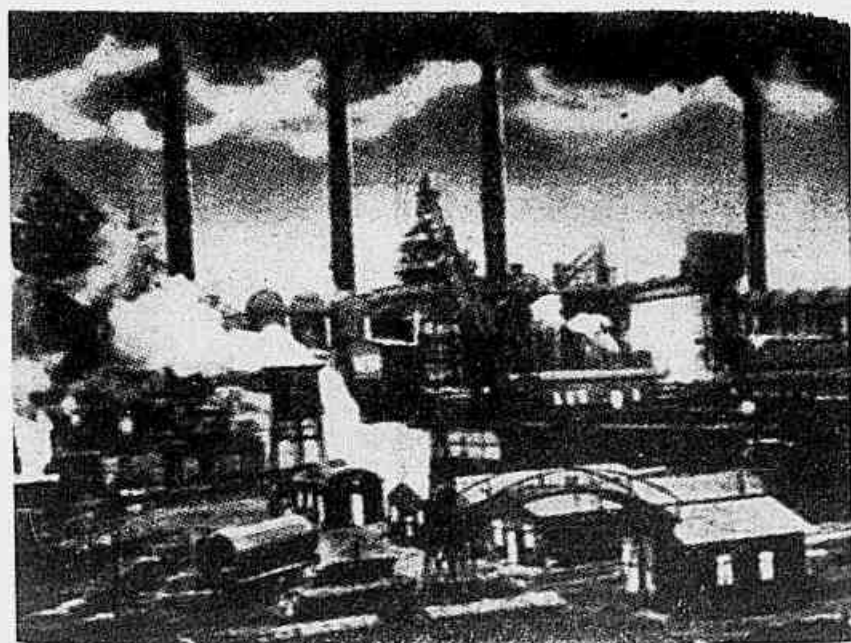
— As fábricas Skoda na Checoslováquia

A Alemanha procura suprir a precariedade dos lençóis de petróleo de que dispõe — pois mesmo a posse dos poços rumenos e poloneses ainda não constitui um suprimento razoável para as imensas necessidades da indústria e da máquina de guerra alemãs — com uma produção em larga escala de óleo sintético, extraído da hulha. Leuna e Gelsenkirchen são dois grandes centros dessa indústria vital para o Reich. O petróleo da Rumania é transportado para a Alemanha em carros-tanques de estrada de ferro e pequenos navios-tanques que sobem o Danúbio, quando o inverno não interrompe a navegação neste grande rio que os alemães já ligaram ao mar do Norte.



A indústria de carvão germânica tem um dos seus mais importantes centros no Sarre. Este território após a Grande Guerra foi entregue à França, que por muitos anos explorou suas inesgotáveis jazidas. Uma vez devolvido à Alemanha, o Sarre constituiu-se em esteio do rearmamento do Reich. Temos aqui uma vista de Sarrabrücken.

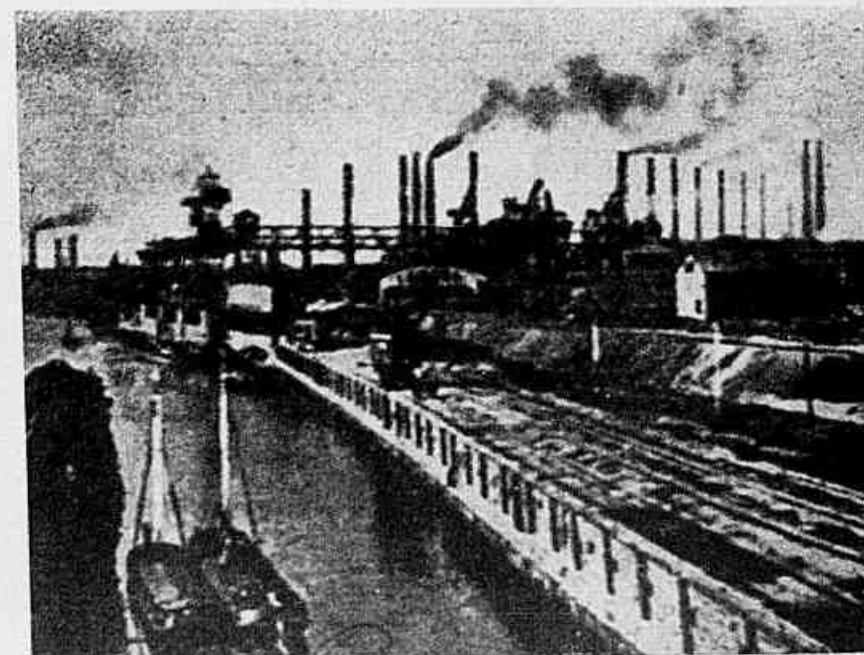
O sistema de canalização da Alemanha, que foi sempre de magna importância para a nação, deve estar sendo utilizado intensamente na atual luta no Oriente europeu. Os canais alemães põem as regiões industriais do Ruhr e do Sarre em comunicação com o extremo oriental do país. Os dois sistemas principais são: o do canal Mittelland (concluído em 1938) que liga o Reno, via Magdeburg, Berlim, Schneidemühl e Bronberg, com a capital da Prússia Oriental: Königsberg; e o que liga os rios Reno, Mein e Danúbio, comunicando o mar Negro com o mar do Norte, pondo a Alemanha propriamente dita em contacto com a Áustria, a Iugoslávia, a Hungria, a Bulgária e a Rumania.



Uma vista da cidade de Dortmund, situada na zona industrial do Ruhr. Aqui se encontram grandes parques siderúrgicos de onde saem o ferro e o aço para as divisões blindadas germânicas.



As ubérrimas terras do Sarre, em cujo sub-solo se encontram as jazidas de hulha que dão vida aos auto-fornos e refinarias do parque industrial alemão.



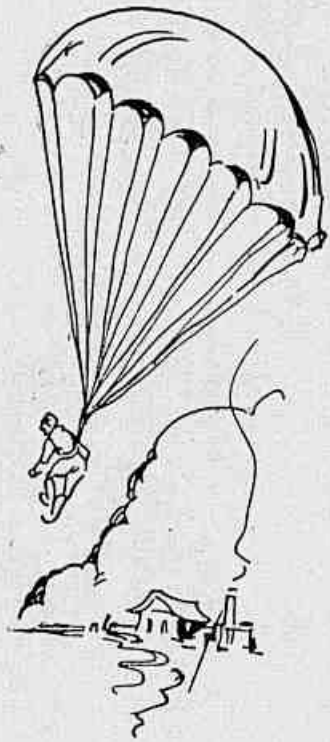
A cidade de Duisburg. Desta cidade para a de Dortmund há quase uma cadeia ininterrupta de fábricas de primeira importância para a indústria pesada de guerra da Alemanha.

A SEMANA QUE PASSOU

(DE SEGUNDA A DOMINGO)

As notícias culminantes da semana chegaram dos Estados Unidos, que estão já à entrada do pórtico da guerra, e prendem-se ao cataclisma que subverte o mundo.

O Presidente Roosevelt falou, definindo a atitude da grande nação do norte do nosso continente, e fê-lo num momento que caracteriza todo o estranho potencial da dinâmica terra de Washington, coroando objetivamente o "Dia da Frota da Liberdade". Dos estaleiros norte-americanos foram lançados ao mar quatorze navios, em águas orientais, ocidentais e meridionais, do Atlântico, do Pacífico e do golfo do México. Essa foi uma das mais eloquentes demonstrações de poderio, de vitalidade, de propósito de força, entre as que são relatadas ao mundo sobre a gigantesca forja em que se veem transformando os Estados Unidos.



Da mesma procedência, foi divulgada a notícia da criação, na Califórnia, de um batalhão-hospital de mulheres paraquedistas. Não se trata de pôr em mãos femininas instrumentos de terror e máquinas de destruição, e sim de armá-las com tudo o que puder levar a esperança de vida àqueles que estiverem a pique de ser arrebatados pela morte. As paraquedistas completarão as seções de ambulancias das retaguardas das linhas de batalha, com o papel sagrado de acudir aos feridos. Quantos deles terão de ver as santas criaturas descendo da altura para reanimá-los, em verdadeiras ressurreições, como se acaso caíssem mesmo do Céu!

A GEOGRAFIA FÍSICA EMENDADA

Os compendios da nossa Geografia física, que haviam levado do Itatiaia, nas Agulhas Negras, para o pico da Bandeira, na serra do Capará, o ponto culminante do sistema orográfico brasileiro, fizeram outra corrigenda mais: transferiram do cabo Branco, na Paraíba, para a ponta de Pedras, ao norte da cidade pernambucana de Olinda, o extremo ponto oriental do Brasil continental.

Nunca mais se pôs em dúvida aquela primeira retificação; a segunda, entretanto, não logrou sorte igual. Porque de Pernambuco e da Paraíba levaram agora uma comissão de oficiais da marinha brasileira, composta dos capitães-tenentes Newton Tornaghi e Rubens Figueirôa a concluir pela verdade do primitivo extremo leste da nossa terra. Fica, assim, o ponto Seixas, no cabo Branco, restabelecido, em lugar da ponta de Pedras, na categoria de extremo oriental do Brasil.

Fica-se a imaginar que um dia, por efeito de erosão, o cabo Branco recuou, deixando que a projeção granítica da velha cidade fundada por Duarte Coelho Pereira lhe arrebatasse a honra de figurar como uma das quatro extremidades territoriais. E agora? Teria sido a sedimentação o fator que reintegrou o cabo Branco na categoria que já tivera?

Si, acaso, o inanimado pode ter um momento de reflexão, a ponta de Pedras, que é mais dura de "roer", poderá esperar novamente por melhores dias, que poderão determinar o prosseguimento da alternativa.

QUEM É QUE QUER MORRER?

Istambul divulgou uma notícia interessante, que chama a atenção pela originalidade. Mais que original: inédita, ao que parece.

O facto é que os jornais turcos publicaram, mandada pelo consulado do Iraque, uma nota, que seria pitoresca si não contivesse no bojo algo de trágico. Essa nota convidava o ex-primeiro ministro e o ex-ministro da Defesa Nacional... Para que? Para que — pura e simplesmente — se apresentassem ao tribunal de Bagdad, corte de justiça que os havia condenado à morte!

Ignora-se si os dois cavalheiros referidos leram o notável convite. A notícia não faz referencia a essa particularidade, nem precisaria fazer... O que menciona, e mesmo que não mencionasse seria subentendido, é que os dois ex-ministros não se dignaram de dar resposta à estranha convocação.

Está certo ou não está?

Os grandes expoentes de candura — Mr. de La Palice, Mr. de Crac e o conselheiro Acácio da Eça —

perderam-se na noite dos tempos... O redator anônimo da nota-convite pode substituí-los muito à vontade, como perfeita encarnação da ingenuidade.

Quem é que quer morrer?

PAGUE E NÃO BUFE!

Entre as muitas modalidades de iludir o próximo, a mais comum é a que se prende a questões de dinheiro. Quantias que se pedem por empréstimo e não se restituem; compras que se fazem a crédito e não se pagam... Desde que o mundo é mundo, tem sido sempre assim, e é muito difícil que não continue a ser.

Entretanto, é possível atenuar essa verdade, contrapondo os vítimas a defesa que lhes parecer mais eficaz.

E' o que estão fazendo varios comerciantes da cidade gaúcha de São Leopoldo.

Ao que se sabe, o comercio vivia aí exposto aos assaltos continuos dos maus pagadores. E até de pagadores que não eram nem bons nem maus, porque não pagavam!

Vai daí, os comerciantes confabularam, trocaram idéias, discutiram muito e chegaram à única conclusão prática plausível: uma blitzkrieg contra os caloteiros.

Os pessimistas sorrirão, imaginando que ao negociante só resta uma medida suprema e infalível para evitar o calote: é não vender. Entretanto, o comercio de São Leopoldo resolveu o problema palpitante de maneira menos radical e, possivelmente, não menos eficaz.

Como foi que encontraram a decifração do enigma? Do seguinte modo:

O expediente dos compradores inescrupulosos tinha por base uma incessante renovação de fornecedores. Compravam hoje aqui e não pagavam; iam comprar depois ali, e não pagavam também; a seguir, escolhiam nova vítima, e nada de pagamento...

Para acabar com isso o conclave dos comerciantes resolveu que nenhum deles venderia mais fiado, sem que o comprador apresentasse o recibo do último fornecedor!

Compravam e não pagavam?

Pois agora terão de pagar se quiserem comprar. E a coisa está dando resultado...

A ÉRA DO ALUMINIO

Nunca se falou tanto em aluminio no país, como agora. Há uma intensa campanha, de norte a sul, visando o recolhimento de peças de aluminio imprestáveis, condenadas à degradação do lixo e que terão a gloria de subir aos céos, no aproveitamento conveniente pelas fabricas indígenas de aviões.

A campanha tem dado resultados magníficos, porque as pequenas parcelas ofertadas por um número infinito de particulares ascendem já a respeitavel peso.

Uma aplicação oportuna do "nada se perde", de Lavoisier.

Concomitantemente, aparece na Bahia um humilde inventor que afirma haver descoberto um processo de soldar aluminio. Não é ele o primeiro, pois na mesma Bahia já dois outros apregoaram o mesmo invento. O mesmo, **est modus in rebus...**

Outros processos, naturalmente, mas com idêntica finalidade. Uma vez, porém, que surge um terceiro inventor, é bastante crível seja a sua descoberta superior às dos seus predecessores e esteja, realmente, determinada a eficacia da solda daquele metal.

E' o caso de perguntar-se: si o aluminio fôr soldado de maneira satisfatoria, não irão desaparecer as peças imprestáveis de aluminio que ora são inteligentes e patrioticamente ofertadas, em lugar de serem jogadas ao lixo?

Quem inventou a campanha do aluminio deve estar um tanto contrafeito, ante a perspectiva de perdê-la. Que pena não haver alguém que invente um meio de serem encerradas todas as campanhas de outra natureza!

Esse alguém teria, no coração humano, de ficar sendo o maior inventor do mundo!

DIRIGIR E DIGERIR...

A Europa está, há muito, com a alimentação racionada. Em alguns lugares, a ração chega a ser dolorosa! Os restaurantes são os mais visados pelas regras

do comedimento. E' comedimento mesmo, porque se trata de comer... Assim é que está estabelecido, em Londres por exemplo, que não podem ser servidos a uma única pessoa dois pratos principais.

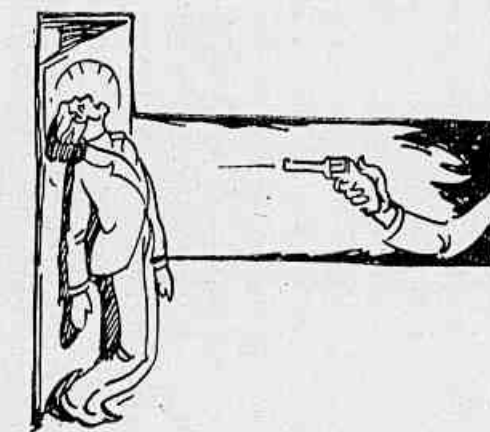
Mas a gula, esse feio pecado mortal, é profundamente humana, e há fregueses de restaurantes londrinos que não se acomodam às contingencias e querem satisfazer os caprichos do paladar. Foi assim que um desses inimigos do racionamento, não se sabe com que artimanhas, conseguiu que lhe fossem servidos, de uma vez, galinha e presunto. A justiça, na Inglaterra, não tem meias medidas: armou um processo e acabou por sentenciar a demissão do gerente do restaurante.

E' possível que esteja certo, mas não é, **data venia**, razoavel. O que transigiu foi para a rua... E o que comeu, transigindo também com o estômago? Parece que cometeu o mesmo crime. Entretanto, o gerente perdeu o lugar, por não saber dirigir, e o outro ficou impune, calmamente a digerir...

ACABOU-SE O ESPETÁCULO!

Em um circo que dava funções em Minas aconteceu um episodio que, embora não sendo banal, já se tem apresentado mais ou menos sob os mesmos aspectos.

Figurava no programa da ambulante barraca de diversões um número de sensação: um "artista" que aparava as balas que lhe fossem disparadas. Efectivamente, iam ao picadeiro sempre duas, três ou mais pessoas que deflagravam armas contra o artista, e este, no auge do triunfo, apresentava pedaços amassados de chumbo, que os espectadores criam ser das balas com que era ele alvejado. "Aparava-as" sempre!



Um dia, porém, radiante com o êxito do número, após haver colhido no ar algumas "balas", fez um convite aos espectadores: atirasse quem quisesse, que ele apanharia os projeteis!

E um atirou! Mas atirou de verdade, com tanta verdade

que o artista teve de receber a bala e entregar a alma a Deus

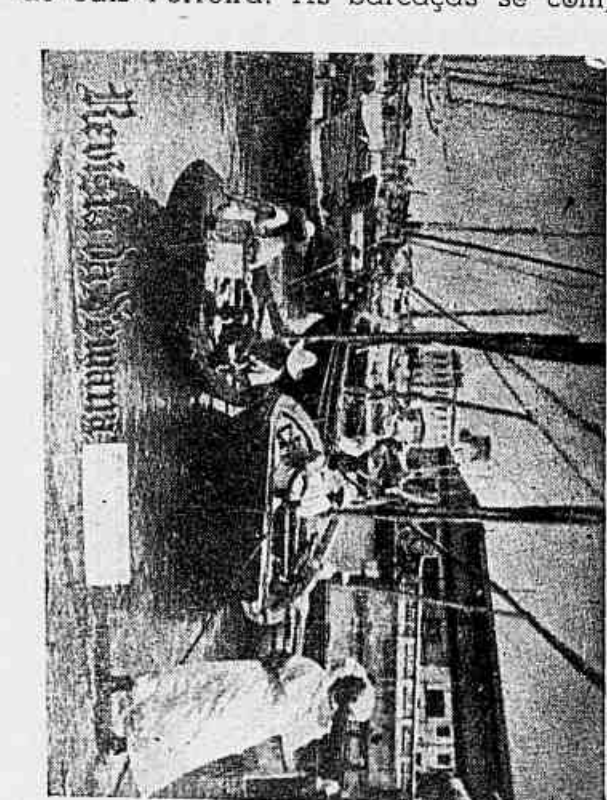
Não é em nome da liberdade que se cometem muitos crimes, como queria Madame Rolland... Quantos e quantos também são cometidos em nome da estupidez!

O assassino fortuito acreditava, mesmo, que o homem do circo pudesse agarrar as balas no espaço ou que fosse invulneravel como Aquiles...

Rigadin.

Nossa Capa

O quadro típico que a REVISTA DA SEMANA tem na capa desta edição é bem conhecido de quantos tenham estado na cidade do Salvador: são as docas do cais Ferreira. As barcas se comprime na faixa



de agua que margeia o velho cais; os barqueiros de chapéu de palha e calças arregaçadas, falando alto saboreiam as frutas que trazem em suas embarcações para a cidade; uma bahiana com gesto decidido e embrulhada no seu vestido frouxo aproxima-se.

No norte do Brasil, a barcaça de madeira puxada a vela é ainda o veículo mais empregado no transporte de lenha, açúcar, aguardente, côco e outros produtos de pequenos agricultores e engenhocas, consumidos pelas vilas e povoações do litoral. Na Bahia — como eles chamam a cidade do Salvador — essa marujada sem farda descansa o velame para se dedicar aos prazeres que a terra reserva aos homens do mar.

JORNAL DAS FAMILIAS



„Vemos aqui uma elegante de New-York com um primaveril vestido de listas brancas e azuis, turbante branco, sendo o encantador conjunto completado pela “mascotte” Lili... subjugada por uma corrente de prata.

VESTIDOS ELEGANTES



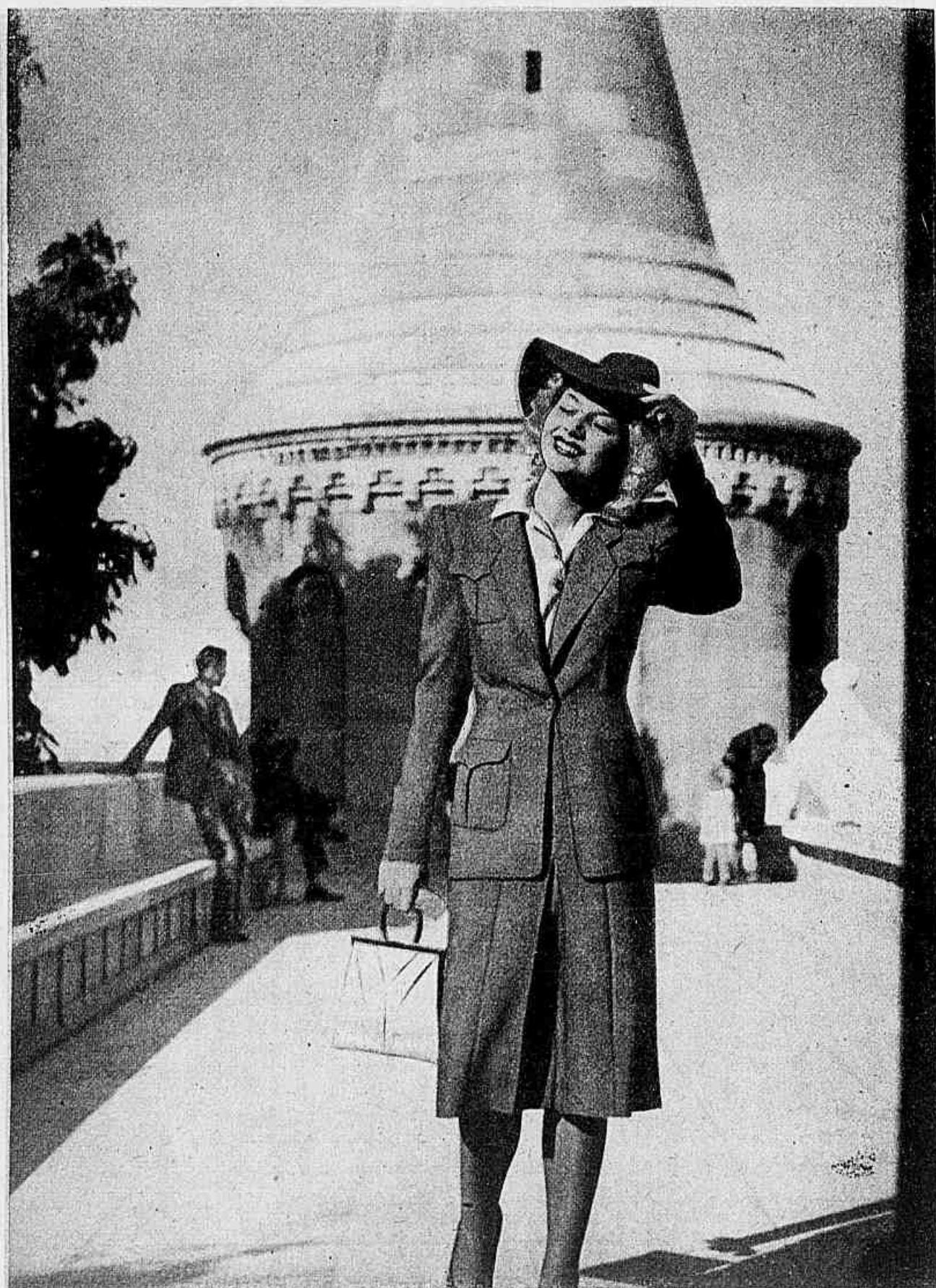
Um complet preto que se compõe de uma curta blusa com a gola de pele, moderna, saia trabalhada em alto relevo.



Elegante vestido em pesada seda shantung, composto de 2 peças. Grandes bolsos aplicados.



Um costume de pesada seda shantung abotoado em uma só carreira e bolsos aplicados.



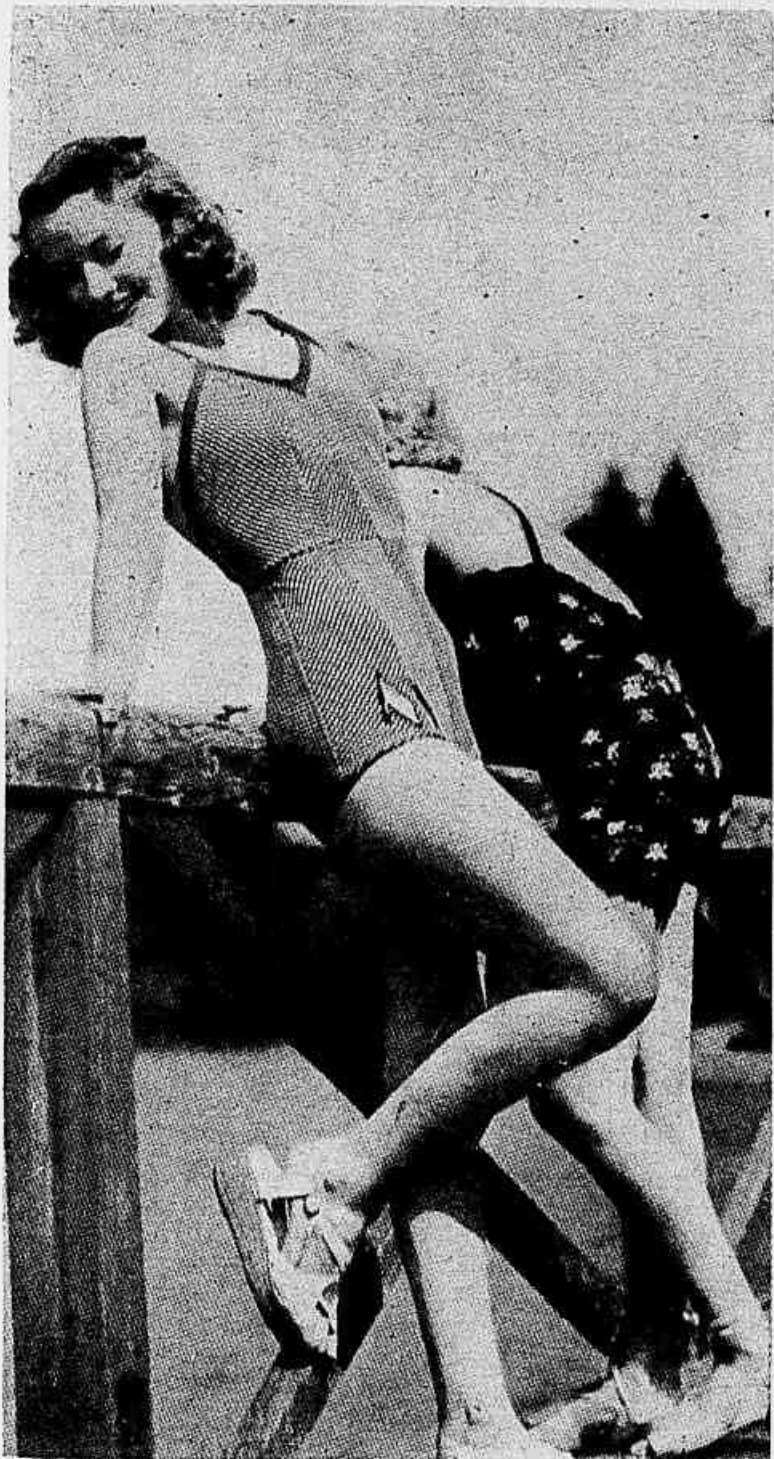
Elegante costume esporte com bolsos aplicados e uma préga macha na saia. O modelo é de seda pesada azul shantung.



Saia de marocain preto combinando com um boléro do mesmo material. A blusinha é de piqué branco com um cintuião.

(Fotos R. D. V.)

NOVIDADES PARA A PRAIA



Elizabeth



RETORNA A JUVENTUDE

Ensinando como apagar os vestígios do tempo, que qual tributo à beleza se gravaram no rosto feminino, Elizabeth Arden nos indica como retornar à juventude.

O "Ardena Oleo Adstringente" estendido ao deitar-se sobre as partes a ser tratadas, elimina gradativamente as marcas da testa, faz desaparecer as rugas em redor dos olhos e em torno da boca e alisa as linhas que no pescoço e no colo se formaram.

A fim de que o "Ardena Oleo Adstringente" produza seus benéficos efeitos, deve ser aplicado em uma cutis que com o "Ardena Creme de Limpeza" unido ao "Tônico para a Pele" foi previamente limpa e preparada.

Arden

SALÃO NO RIO: AVENIDA RIO BRANCO, 257
SALÃO EM S. PAULO: CASA ANGLO-BRASILEIRA

Estampamos nesta página as últimas novidades em trajes para a praia. Ao alto, 3 originais "maillots", todos particularmente inéditos pelas interessantes e modernas combinações de cores vivas. Em baixo, um elegante conjunto, cuja parte superior é executada em lã azul-rei e amarelo, e a calça em lã cinza, tendo os vincos costurados.

(Fotos R.D.V.)



A sapataria mais querida da cidade, onde a arte impera e o bom gosto domina.

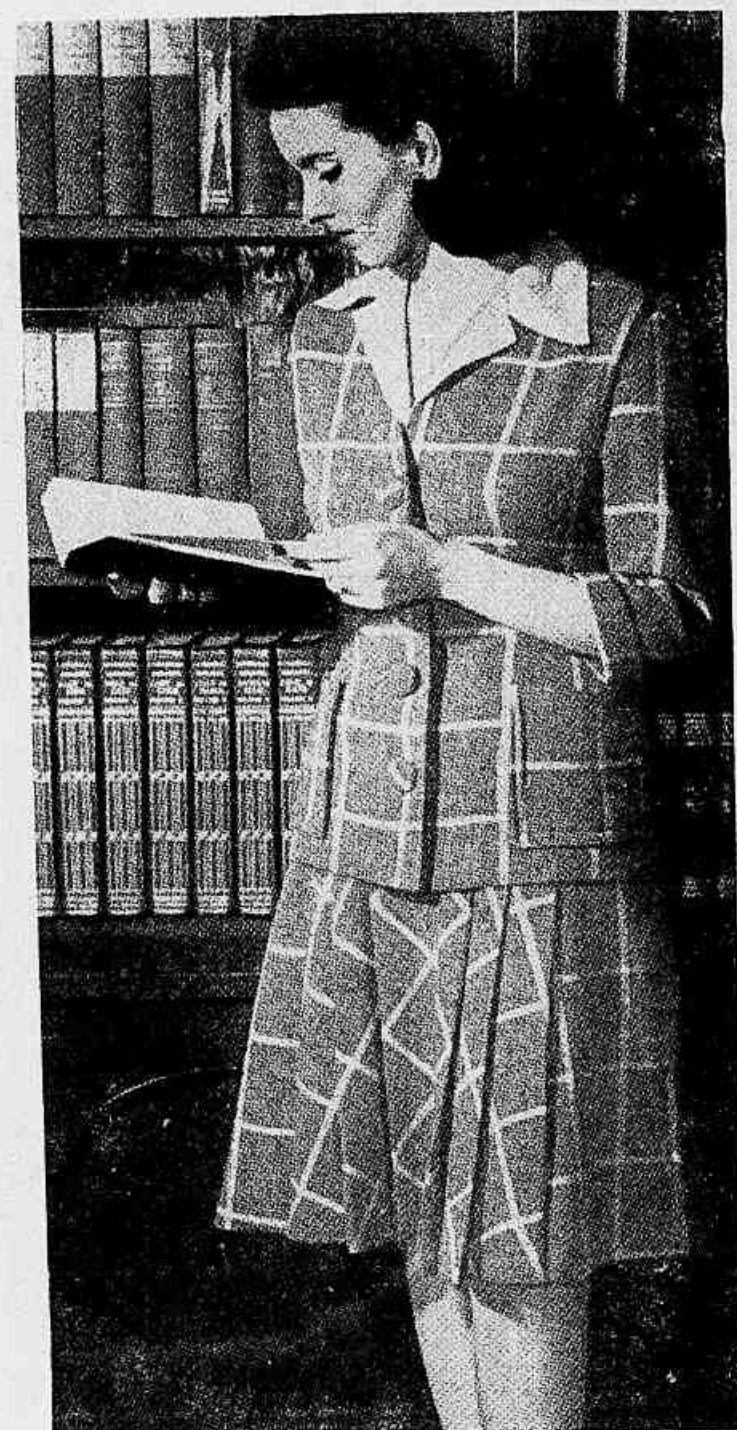
48-RUA DA CARIOCA-48
Insinuante

Compre se lhe convier, mas não deixe de ver as novas exposições.

FIGURINOS MODERNOS



Vestido de crepe marocain bege claro, guarnecidas a saia e as costas da blusa com pregas duplas, na frente da blusa nervuras.



Vestido simples, formado por duas peças, feito com lã bege estampada de branco.

1 — Vestido de crepe marocain preto, a blusa branca e preta, guarnecida com flôres. A saia com cinto alto e franzidos na frente. 2 — Vestido de crepe branco, as mangas e o painel lateral da saia são plissados. Flôres amarelas de dois tons aplicadas na blusa e na saia.



Vestido de crepe bege, guarnecido com setim do mesmo tom.



Vestido de crepe marocain marron, guarnecido com fita cirée, muito interessante o pouf.



Vestido de crepe marocain verde, guarnecido com veludo preto e preguinhas.



Vestido de renda preta com incrustações de setim preto. (Para manequim 44 — renda 3m. 55 centímetros de tecido de 90 centímetros de largura, setim 1m. 10 centímetros de tecido de 90 centímetros de largura, para a combinação setim 2m. 15 centímetros de 94 centímetros de largura.)



Vestido de crepe Georgette preto guarnecido com entremeios de renda preta.



1 e 2 — Ensemble de lã ou crepe marocain bege escuro, o vestido e o casaco. A pala e gravata do vestido em setim bege claro. O casaco guarnecido com pespontos executados com retroz g.osso.
2 — Vestido de crepe ou toile de seda cinza claro com xadrez azul marinho. A pala abotoada nas costas.

★ *Baton* **FLAME-GLO** ★
Em 10 tons moderníssimos
Côr da moda **ROYAL WINE**



1 — Costume de veludo preto, o casaco debaixo com cadarço preto.
2 — Costume de veludo cor de cinza, blusa de crepe branco.



★ **Rugas na testa:** Marcam o fim de uma mocidade... destroem a beleza...

★ **Pés de galinha:** Pequenas rugas que aparecem no canto dos olhos, dando ao rosto uma aparência de muitos anos a mais.

★ **Cravos e espinhas:** Frequentes defeitos da cutis feminina, em qualquer idade. São Rebeles aos tratamentos comuns, e enfeiam o rosto facilitando rugas prematuras.

Cravos, Manchas, Espinhas e Sardas

INDICAM

O fim da mocidade...

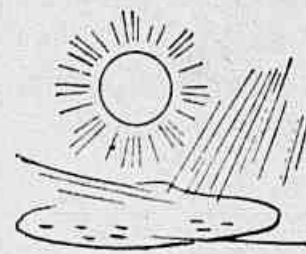


**Permaneça jovem com o uso
de um só creme
que protege a sua cutis!...**

Não deixe que as imperfeições da pele, espinhas, cravos, manchas e poros dilatados abram caminho à "velhice prematura". Proteja a sua mocidade com um tratamento completo de beleza. Use Rugól à noite, antes de deitar-se e durante o dia como base de pó de arroz. Em apenas 3 dias, a sua cutis sentirá os efeitos benéficos deste creme famoso que age cientificamente sobre as camadas subcutâneas fortalecendo e estimulando os músculos faciais.

CREME
RUGÓL

LABORATÓRIOS
ALVIM & FREITAS
SÃO PAULO



Contra os efeitos do sol, do vento e do frio, Rugól age como suavizante e protetor. Rugól é o verdadeiro embelezador da cutis!



UM TRATAMENTO DE BELEZA COMPLETO!

PENSAMENTOS

O trabalho pertinaz vence tudo. O grande segredo dos fortes está na perseverança em alcançar o fito desejado.

Bouchage.

Resiste-se muitas vezes àquele que se impõe, raramente àquele que admiramos.

♦♦♦

Lançar um filho sem educação no meio do mundo, além do dano que se lhe causa, é fazer um agravo ao resto da humanidade.

O que significa a palavra "complexo"



Zezinho, filho do dr. Salazar Sobrinho, chefe do Serviço Médico da Cia. Sul America Terrestres e de sua senhora d. Maria Nazareth Salazar.

Na maioria dos livros modernos dedicados à natureza humana, a palavra "complexo" aparece com grande frequência e com especial relevo. Vamos ilustrar o significado da palavra com um exemplo concreto. Uma criança aterroriza-se com uma palavra áspera ou um olhar repreensivo do professor, no seu primeiro dia de aula. Na memória da criança, a imagem do professor se associa à da sala de aulas, a da sala de aulas à dos alunos que lhe prenderam a atenção. Todo o ser da criança fica "tocado" pelo olhar ou palavra que a assustou. Com o passar do tempo o facto se apaga na zona do consciente, mas a impressão é retida para sempre no que vulgarmente se chama "sub-consciente". Mais tarde, pode ser que venha a ter experiências mais ou menos infelizes com professores ou colegas, experiências que isoladamente não seriam bastante gra-

ves para aborrecê-la; todas estas experiências, porém, tendem a intensificar o terrível choque do primeiro dia de aula. Esta lembrança inconsciente, por assim dizer, acumula todas as demais lembranças semelhantes que se apresentam no decorrer da vida escolar, e no fim, é uma coisa que criou raízes no sub-consciente do indivíduo. E assim torna-se um fator importante no determinar sua atitude para com o ambiente e as figuras da sua vida colegial. Mesmo adulto, o menino então assustado pode ter um certo sentimento de aversão, de mal-estar, ou de desconfiança para com os professores e salas de aula, embora esta atitude de agora lhe pareça injustificável e absurda; mas, si pudesse ele, entretanto, passar em revista suas experiências desde que entrou na escola, e si soubesse quando os sentimentos, atitudes e conduta do homem são determinadas pelo que se



Vitoria Maria, filha do casal sr. Adolfo Marino Gammaro e sra. Maria Jasmin Gammaro.

acumula no sub-consciente compreenderia como se tornou hostil e desconfiado com os professores e porque não se sente bem e feliz numa sala de aula.

Muitos pais se sentem infelizes porque os filhos não os escolhem para companheiro e amigo — não é difícil compreender porque os rapazes são desconfiados e se mostram muito mais reservados quando estão na sua presença. — "Nunca são sinceros e leais para comigo!" diz o pai.

— E qual o motivo de uma tal atitude por parte dos filhos?

Durante os primeiros anos de vida de cada um dos filhos, o pai foi o disciplinador, muitas vezes o carrasco e mesmo o algoz. Quando vinha para a casa, depois da sua faina diaria, a esposa relatava as travessuras de cada filho durante o dia. Cabia ao pai a aplicação do castigo. Durante os quatro ou cinco primeiros anos, os castigos físicos foram os preferidos e, depois disto, ainda ditava restrições e proibições, ficando os filhos sempre privados das diversões que mais gostavam. Sempre os estava molestando com os castigos corporais, ou privando-os das suas diversões ou restringindo-lhes a liberdade de ação. Deste modo, o pai ficou associado na memória dos filhos, com as experiências desagradáveis. Agora, abandonou o papel de disciplinador, mas as impressões dos primeiros anos deixaram uma cicatriz indelevel. E' tarde demais para o pai começar a estabelecer as relações de companheirismo ou amizade com os filhos, embora, naturalmente, ainda possa realizar alguma coisa no sentido de conquistar a confiança e a boa vontade dos mesmos, e, o que mais ambiciona: sua amizade.

Si um pai deseja que seus filhos o olhem como um companheiro, um amigo, um camarada para todas as suas brincadeiras depois da idade de cinco anos, ele deve ser tudo isso antes que o filho



Guiomar, filha de d. Carmina Nunes Silveira e sr. Antonio Serra Silveira, residente em Baurú — (E. de São Paulo).

atinga aquela idade. Não deve permitir que a esposa ou quem quer que seja delegue a si a missão disciplinar na vida dos filhos; deve proibir todos os relatos, ao voltar para casa, à tardinha, sobre as desobediências e travessuras dos filhos durante o dia, obrigando-o a ser austero com os mesmos, castigando-os, ou, de qualquer modo, tornando-se associado nas mentes dos filhos com experiências tristes e desagradáveis. Um pai que tem três filhos não pode deixar de ter necessidade de discipliná-los em certas ocasiões, mas para cada vez que tiver que agir assim devem existir dez oportunidades em que participe dos brinquedos dos filhos como um companheiro e um amigo.

Si conseguir isto, poderá evitar o estabelecimento no sub-consciente dos filhos do "complexo do pai", no qual será uma pessoa a ser temida, ou, pelo menos, suspeita de desejos disciplinares.

A educação esportiva

De alguns anos para cá, o prestígio dos esportes desenvolveu-se com uma tal rapidez nas novas gerações que a sociedade moderna não teve tempo para adaptar-se a uma corrente tão poderosa e tão violenta. Nossa civilização atual deixou-se transbordar por este movimento irresistível. E, agora, na ordem física e no domínio moral, verifica-se com um pouco de surpresa e uma secreta decepção que os esportes não deram tudo que prometiam.

A educação esportiva não encontrou entre nós um terreno tão bem preparado como nos países anglo-saxônicos. Para recuperar o tempo perdido, cometeram-se alguns excessos.

Os higienistas não cessam de denunciar os perigos do esfultamento físico ao qual se deixam levar muitos adolescentes embriagados por um ideal de cultura intensiva dos músculos. Sobre este ponto deve-se insistir para desfazer certos malentendidos.

Tudo o que, no esporte, pôde contribuir para a melhora da raça deve ser calorosamente encorajado, mas a "especialização" espetacular da cultura física representa um perigo certo. Quando no cinema a tela apresenta, em plena luz, o vencedor esfultado por qualquer prova heroica, surpreendemos-nos as "deformações" profissionais de certos vencedores. São muito raramente atléticos gregos os que chegam em primeiro lugar. Os triunfadores não fazem lembrar o Apolo do Belvédere. Sua musculatura é muitas vezes desequilibrada. Uma parte de seu corpo hipertrofiou-se em detrimento das outras.

Desenvolveram na sua máquina somente as peças que eram indispensáveis para seu

esforço especializado. E vemos por esta razão, a cada instante, campeões valorosos cuja anatomia é desanimadora e cuja saúde está bem abalada.

No domínio moral, o perigo é o mesmo. Todo o mundo pode constatar a importância que tomou entre nós o foot-ball, o box, a luta livre em detrimento dos espetáculos artísticos.

O sport é, sem duvida alguma, uma fonte de beleza. Tem tudo que é preciso para exaltar a alma e enobrecer o espirito. Mas cumpre ele atualmente esta missão? Tem-se o direito de duvidar.

Assistindo a esses espetáculos verifica-se que para a grande maioria só conta no sport — a luta. Torna-se preciso um vencedor e um vencido, uma recompensa e um castigo, uma apoteóse e uma humilhação — Quer se vê o mais forte esmagar o mais fraco. Todo o resto é literatura.

Tal é a deformação moral que traz o espirito do campeonato. As emoções do sport não são mais desinteressadas. Deseja-se fervorosamente que um indivíduo ou uma equipe seja vencida. Da nobre emulação dum encontro de atletas, desce-mos à paixão suspeita dos jogos do circo. E infelizmente sabemos que foi sempre na historia dos povos um dos sinais de decadência moral.

Certos campeonatos modernos lembram de mais a atmosfera da antiga Roma e de Bizancio. E' indispensavel que se reaja contra esta tendência perigosa. E' preciso inculcar nas multidões o respeito da bela técnica-sportiva e não a ingenua idolatria do sucesso.



Modernize seu barco

com um

Sea-Horse JOHNSON

Temos em estoque a série completa dos últimos modelos destes motores, assim como as últimas novidades em barcos, veleiros, lanchas e tudo quanto possa interessar aos amantes deste fidalgo esporte.

Pesa uma demonstração

MESBLA S/A

RIO — RUA DO PASSEIO 48/56
Filiais: SÃO PAULO — BELO HORIZONTE
NITERÓI — PORTO ALEGRE — PELÔTAS



Ivania e João, filhos de d. Alzira e sr. Paulo Gandarella.



CORREIO FEMININO



Aquela que ama a Poesia, de São Paulo, pergunta-me si li o livro "Terra dos Homens" (Terre des hommes), de Antoine Saint-Exupéry, Grande Premio de Literatura da Academia Francesa, tradução de Rubem Braga. Graças a Deus, não o li uma vez, porém tantas, que nem me lembro mais da conta. Você me pede impressões, minha leitora, porém eu não sei si as poderei dar, pois o livro empolga a tal ponto, que o melhor que a gente tem a fazer é se deixar levar pela beleza que emana dele todo, sem a preocupação de estudar o que se está passando em nós mesmos. Nunca me senti tão perto, espiritualmente, de um escritor, como de Antoine Saint-Exupéry, durante o tempo em que estou lendo essa "Tragedia e Poesia da Aviação Moderna" (sub-título). Fiz desse livro maravilhoso o meu breviário de rezas poéticas, e retorno às suas páginas sempre que me sobra tempo para isso. Estraguei-o todo, marcando-o à unha, a lapis, dobrando-lhe as folhas. Cada vez que o torno a abrir encontro nele novas fontes de beleza que não descobrira antes, e que não estancam nunca.

"1926. Eu acabava de entrar, como jovem piloto de linha, para a Société Latécoère, que assegurou, antes da Aéro-postale, hoje Air-France, a ligação Toulouse-Dakar". Assim começa Saint-Exupéry, de maneira bem simples, o seu livro estupendo. No prefácio, porém, já ele nos dera pequeninas amostras dessa poesia espontânea e bela que enche o livro todo:

"... uma noite escura, onde apenas cintilavam, como estrelas, pequenas luzes perdidas na planície. Cada uma dessas luzes marcava, no oceano da escuridão, o milagre de uma consciência. Sob aquele teto alguém lia, ou meditava, ou fazia confidências. Naquela outra casa alguém sondava o espaço ou se consumia em cálculos sobre a nebulosa de Andromeda. Mais além seria, talvez, a hora do amor. De longe em longe, brilhavam esses fogos no campo, como que pedindo sustento. Mas, entre essas estrelas vivas, tantas janelas fechadas, tantas estrelas extintas, tantos homens adormecidos."

Lá de cima, dominando o espaço e o avião como si fosse seu rei e senhor, esse poeta de nascença encontra poesia nas coisas mais vulgares e transmite-a ao leitor de maneira deliciosa. Perdida a rota, certa vez, imaginando que as estrelas fossem alguma luz que subisse da terra afim de orientá-lo, sem rumo entre as nuvens... nem mesmo assim ele se esquece de ser poeta, porque essa qualidade lhe é essencial à vida.

"No centro do perigo o homem conserva suas inquietações, e eu tinha sede e fome. Pela madrugada em Casablanca já há uns botecos abertos. (Saint-Exupéry pensava nisso enquanto lutava contra a morte!) Néri e eu sentaríamos a uma pequena mesa, bem seguros, rindo da noite passada, diante dos paesinhos quentes, em meia-lua, e do café com leite. Néri e eu receberíamos esse presente matinal da vida. A alegria de viver se resumia para mim naquele primeiro gole matutino, cheiroso e quente, naquela mistura de leite, café e trigo, que nos liga às pastagens calmas, às culturas exóticas, e às searas — que nos liga à terra inteira."

Somente um poeta de verdade poderia encontrar reminiscências bucólicas no vulgaríssimo café com pão.

Na véspera do seu primeiro grande vôo, ele se sente importante como um garoto quando usa pela primeira vez calças compridas, e assim descreve suas emoções:

"... entre os transeuntes ignorantes, passei o meu jovem fervor. Sentia-me orgulhoso em acotovelar aqueles desconhecidos com o meu segredo no coração. Eles me ignoravam, aqueles bárbaros — mas, suas preocupações, seus ardores, era a mim que eles os confiariam pela madrugada, dentro dos sacos postais. Às minhas mãos confiariam suas esperanças. Nas vitrines iluminadas os presentes de

Natal brilhavam. Ali pareciam estar expostos, naquela noite, todos os bens da terra — e eu experimentava a embriaguez orgulhosa da renúncia! Era um guerreiro ameaçado: que me importavam aqueles cristais cintilantes para as festas da noite, aqueles **abat-jours**, aqueles livros? Eu já me banhava nas brumas do céu; eu, piloto de linha, já mordida a polpa amarga das noites de vôo."

E ao descrever a viagem no ônibus que o levaria pela madrugada ao campo de aviação onde iniciaria o seu vôo de estréia, deixa transparecer um senso de observação fora do comum:

"Olhava em torno: pontos luminosos brilhavam na sombra — cigarros pontilhando meditações. Humildes meditações de empregados envelhecidos. Para quantos de nós (aviadores) esses companheiros não haviam servido de ultimo cortejo? Eu surpreendia também as conversas que se trocavam em voz baixa. Eram sobre as doenças, o dinheiro, os tristes cuidados domésticos. Elas mostravam os muros da terna prisão em que aqueles homens estavam encerrados. E, bruscamente, me apareceu o rosto do destino. Velho burocrata, construiste tua paz tapando com cimento, como fazem os termitas, todas as saídas para a luz. Ficaste enroscado em tua segurança burguesa, em tuas rotinas, nos ritos sufocantes de tua vida provinciana; ergueste esta humilde proteção contra os ventos, e as marés, e as estrelas. Não queres te inquietar com os grandes problemas e fizeste um esforço imenso para esquecer a tua condição de homem. Não és habitante de um planeta errante e não lanças perguntas sem solução: és um pequeno burguês de Toulouse. Ninguém te sacudi pelos ombros, quando ainda era tempo. Agora, a argila de que és feito já secou, e endureceu, e nada mais poderá despertar em ti o músico adormecido, ou o poeta, ou o astrônomo que talvez te habitassem. Não me queixo mais das lufadas da chuva que cai. A magia do ofício abre para mim um mundo em que enfrentarei, dentro de duas horas, dragões negros e cumes coroados por uma cabeleira de relâmpagos azues. Nesse mundo, quando vier a noite, livre, lerei meu caminho nos astros."

A essa altura **Aquela que ama a Poesia** estará dizendo que não lhe estou dando as impressões da leitura de "Terra dos Homens" e sim transcrevendo-o. E' que tenho pena de todas aqueles que ainda não tiveram a sorte de ler esse livro delicioso e desejo ao menos oferecer-lhes amostras dos tesouros de beleza que nele se encerram.

"Sr. Saint-Exupéry, vejo-me obrigado a requerer a Paris que lhe aplique penalidades. O senhor fez a curva demasiado perto dos hangares, na partida de Casablanca."

Néri e Saint-Exupéry receberam essa mensagem radiográfica quando estavam perdidos, sem rota entre as nuvens, e o avião ameaçava **panne**. Vejam como ele tece comentários em torno desse malfadado bilhete:

"Era verdade que eu fizera a curva muito próximo aos hangares, na partida de Casablanca. Era verdade também que aquele homem cumpria seu dever zangando-se. Eu teria recebido aquela censura com humildade, no escritório do aeroporto. Mas, ela nos chegava ali, quando não nos devia chegar... Ela explodia entre as estrelas tão raras, e o leite de brumas, e o gosto ameaçador do mar. Estávamos em luta pelo nosso destino, pelo nosso correio, pelo nosso barco; em luta para dirigir no sentido de nossa própria vida — e aquele homenzinho vinha desabafar sobre nós seu pequeno rancor. Entretanto, longe de ficarmos irritados, eu e Néri sentíamos uma brusca e enorme alegria. Ali nós éramos os senhores — eis o que aquilo nos fazia descobrir. Então aquele pequeno cabo não havia notado em nossas mangas que já éramos capitães? Ele vinha nos perturbar em nosso sonho, quando muito gravemente, em cem passos, mudávamos a rota da Grande

Ursa para o Sagitário; quando o único assunto que nos podia preocupar pessoalmente era aquela traição da lua! O dever imediato, o único dever do planeta de onde aquele homem se manifestava era o de fornecer cifras exatas para nossos cálculos entre os astros. E essas cifras eram falsas. Quanto ao resto, provisoriamente, tudo o que aquele planeta devia fazer era calar-se. E Néri me escreveu: "No lugar de se divertir com tolices, eles fariam melhor orientando-nos para alguma parte". Na palavra "eles" Néri resumia todos os povos do Globo, com seus parlamentos, seus senados, suas marinhas, seus exércitos e seus imperadores. E, relendo aquela mensagem de um insensato que pretendia ter alguma coisa a ver conosco, apontamos a prôa para Mercurio..."

Com que ternura ele nos fala dos companheiros que se foram para sempre, tragados pela morte, em holocausto à profissão, e que no entanto continuam sempre vivos na lembrança dos que ficaram...

"Seria inútil plantar um carvalho na esperança de ter, em breve, o abrigo de suas folhas. Em volta de uma mesa, uma noite, em Casablanca, em Dakar, em Buenos Aires, retomam-se, depois de anos de silêncio, conversas interrompidas e reatam-se velhas lembranças. Pouco a pouco descobrimos que não ouviremos nunca mais o riso claro daquele companheiro; descobrimos que aquele jardim está fechado para sempre. Então começa nosso verdadeiro luto, que não é desesperado, mas um pouco amargo. Nada, na verdade, substituirá o companheiro perdido. Nada vale o tesouro de tantas recordações comuns, de tantas horas más vividas juntas, de tantas desavenças, de tantas reconciliações..."

A descrição das consequências de uma **panne** no deserto é tão convincente, que a gente precisa levantar a cabeça de vez em quando, fitar o aparelho de rádio, se remexer na poltrona, para que nos volte a certeza de que estamos num meio civilizado e não perdidos no aretal, sendo vítimas de miragens alucinantes, quando a saliva já se transformou em substância viscosa que endurece, pregando os lábios um no outro!

"Adeus, oh voz que amei! Não é minha culpa si o corpo humano não pode resistir três dias sem água. Não me sabla assim prisioneiro das fontes. Não suspeitava ter uma tão curta autonomia. A gente pensa que o homem pode ir andando para a frente. Pensa que o homem é livre... Não se vê a corda que o prende ao poço, que o prende, como um cordão umbilical, ao ventre da terra. Si dá um passo mais, morre. Além do sofrimento daqueles a quem amo, não lamento mais nada. Bem feitas as contas, tive a melhor parte. Si eu voltasse, recomeria. Preciso viver. Nas cidades, não há mais vida humana... Ontem, eu sonhava com paraísos de laranjas... Hoje, não há mais paraísos para mim. Não creio mais que existam laranjas no mundo... Nada mais descubro em mim, a não ser meu coração seco... Vou cair e já não sinto desespero. Nem mesmo tenho pena de mim. E isso é triste, porque essa magua íntima seria doce como a água. Às vezes a gente tem pena de si mesmo e lamenta o próprio destino como si fosse o de um amigo. Mas, eu não tenho mais amigos. Quando me encontrarem, os olhos queimados, imaginarão que gritei muito e sofri muito. Mas os arruobos, as queixas, a ternura do sofrimento — tudo isso ainda são riquezas. E eu não tenho mais riqueza... As suaves adolescentes, no seu primeiro amor, sentem uma espécie de tristeza e choram. A tristeza está ligada aos frêmitos da vida. E eu não tenho mais tristeza... O deserto sou eu. Já não formo mais saliva. O sol secou em mim as fontes das lágrimas."

... e eis que descobrimos, impressos na areia, os passos milagrosos do homem!

Aqui um camelo se ajoelhou, não faz muito tempo. Mas, ainda não estamos salvos. A marcha da sede, uma vez começada a tosse, é demasiado rápida... Eu preciso crer nessa caravana que marcha em alguma parte do deserto!

... estamos os dois estendendo os braços para aquele beduíno... estamos rindo de felicidade... Mas, o beduíno e o camelo, que apareceram por detrás de uma colina, vão desaparecendo lentamente. Um outro árabe aparece de perfil sobre a duna. Agitamos os braços e temos a impressão de encher o céu com sinais imensos. O beduíno olha sempre para a direita. Agora, sem pressa, olha de frente... No segundo exato em que ele voltar o rosto para o nosso lado, tudo estará feito. No segundo exato em que ele nos olhar já terá apagado em nós a sede, a morte, as miragens. Ele, que olhava para o outro lado, está olhando para a frente, e isso já transforma o mundo. Com um único movimento de cabeça, com um simples volver de olhos... ele cria a vida!

E' um milagre... Ele caminha para nós sobre a areia como um deus sobre o mar. O árabe simplesmente nos olhou. Encostou as mãos em nossos ombros e obedecemos. Aqui não há raças, nem línguas, nem divisões... Há um nómade pobre que pôs em nossos ombros suas mãos de arcanjo. A cabeça dentro da bacia, bebemos como animais. O beduíno se assusta e nos obriga a todo momento a fazer uma pausa. Mas, desde que nos larga, mergulhamos outra vez o rosto na água. Água! Não tens gosto, nem cor, nem aroma. Não te podemos definir. Não és necessária à vida; és a própria vida.

Quanto a ti que nos salvas, beduíno da Líbia, neste momento mesmo tu te apagas para sempre de minha memória. Não me lembrarei nunca de teu rosto. És o **Homem** e me apareceste com o rosto de todos os homens. Nunca nos viste, mas, já nos reconheces! És o **irmão Bem-Amado**. E eu te reconhecerei em todos os homens. Tu me apareces banhado de nobreza e benevolência, Grande Senhor que tens o poder de dar água. **Todos os meus amigos, todos os meus inimigos caminham em ti para mim — e eu não tenho mais inimigos no mundo!**"

Saint-Exupéry: Diferente daquele beduíno, serás sempre reconhecido entre todos os homens pela singularidade de tua fisionomia poética. Quando a gente já estava quase acreditando que poesia é uma coisa que os pouco inteligentes não entendem muito bem e precisam ler de quatro a cinco vezes para apreender o sentido... eis que aparece alguém falando claro e sendo poeta a mais não poder. Tu não te apagarás jamais da memória dos teus leitores. Eu não te havia visto ainda e no entanto... te reconheci! Por que, meu Deus? Não sei. Tu me apareceste cheio de nobreza e benevolência, Grande Senhor que tens o poder de dar Poesia! Todos os meus amigos, todos os meus inimigos caminham em ti para o meu espírito — e eu também já não tenho mais inimigos no mundo!

E' tão grande e poderoso o sentido de fraternidade universal que se desprende desse livro todo, que ao terminar a sua leitura pela primeira vez, disse alto para mim mesma, como si estivesse falando a alguém ali perto:

— Saint-Exupéry, tu és meu irmão!

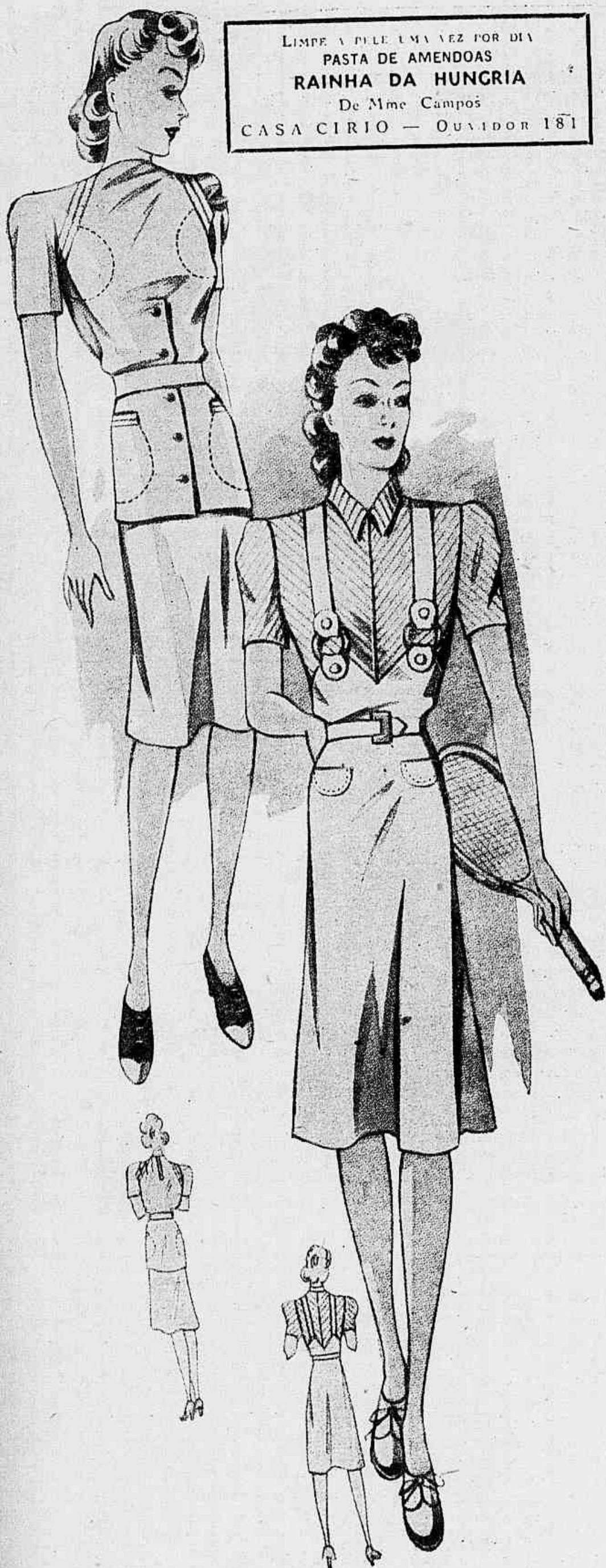
Não estou estabelecendo paralelos. A gente pode ser bem pequenina e ter um irmão muito grande, não é verdade?

Ignaz Mariz

MODELOS DIVERSOS

Vestidos para as que não têm a silhueta esbelta

LIMPE A PELLE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
CASA CIRIO — OVAADOR 181



1 — Costume interessante: casaco-kimono guarnecido com pespontos nos bolsos. 2 — Saia de linho branco com bretelles, blusa de tecido listado.



1 — Vestido de crepe bege com a pala e a barra da túnica com bordado bege escuro. Guarnecido com franzidosinho de abelha. 2 — Vestido de crepe azul: a saia plissada, ordens de festonados na pala da blusa e na da saia. 3 — Vestido de crepe marocain, cor de vinho, guarnecido com renda grossa branca.



Vestido para a tarde, de selim baço verde acinzentado, guarnecido com botões e franzidos. Os vestidos sem cinto são favoráveis às pessoas que têm a cintura grossa.

Ao lado — Afinando bastante, este vestido de renda e crepe georgette preto.

PESTANAS TENTADORAS PARA OLHOS ADORÁVEIS

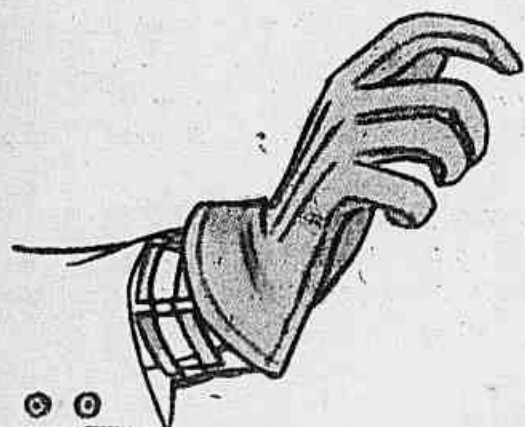


Eis a maneira fácil de tornar os olhos mais lindos e fascinantes:

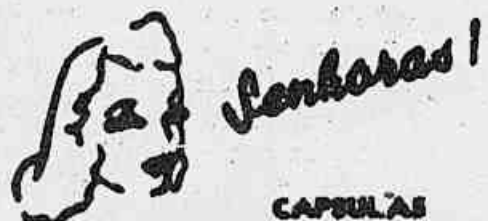
- 1) Frize as pestanas com KURLASH — o aparelho americano que revira os cílios em um minuto.
- 2) KURLASH não necessita de aquecimento ou cosméticos e o seu manejo é simples.
- 3) Após o manejo de KURLASH veja no espelho o resultado obtido em um minuto.
- 4) As pestanas tornam-se mais longas e belas e o olhar fascinante.

KURLASH

Distrib. S. V. Mangual & Cia. Ltda.
Rua Paulino Fernandes, 55 — Rio
PREÇO PELO CORREIO 22\$000

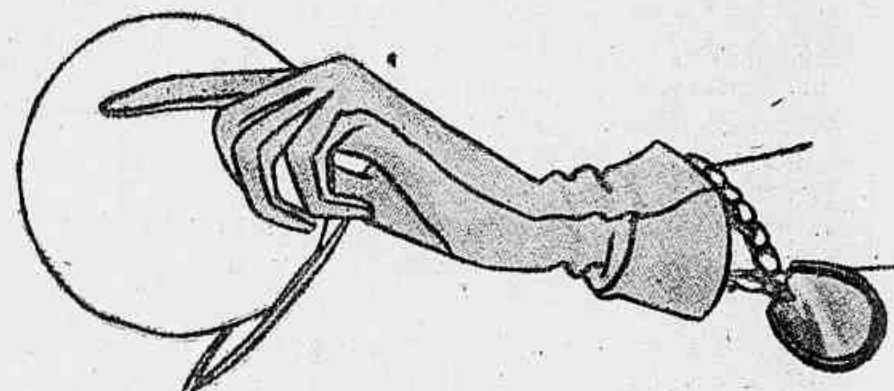


Luva de camurça com costuras aparentes. Pulseira de ouro e prata.

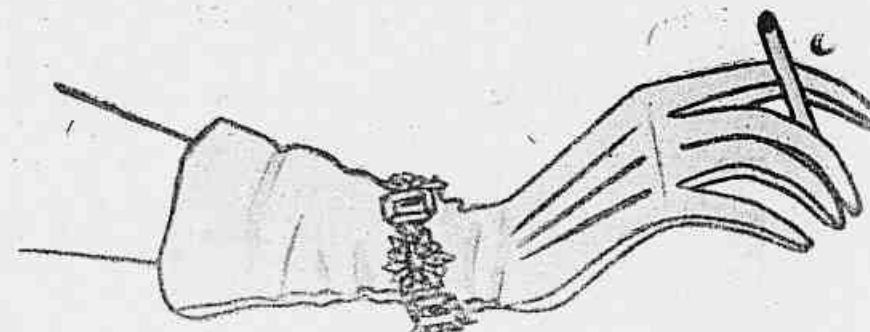


MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUÇÃO



Luva de pelica. Pulseira, corrente de ouro com placa para o nome rodeada por uma ferradura.



Luva de pelica. Pulseira de ouro e brilhantes.

Casamento na alta roda financeira norte-americana



Mrs. Cornelius Vanderbilt e a noiva.



A noiva miss Jean Wiener Leidy, o noivo George Eustis Paine Jr. partindo o wedding-cake. A dama de honor miss Rosemary Warburton, filha de Mrs. William K. Vanderbilt, com um vestido de organza branca e chapéu de crina listado de branco e vermelho.



A noiva dançando com um irmão de uma das damas de honor, mr. Antonio L. Villa.



A noiva, o noivo e as damas de honor, com seus vestidos de organza branca, com laços vermelhos, chapéus listados de branco e vermelho e bouquets de cravos vermelhos rodeados por cravos brancos.



Miss Sylvia Széchenyi com vestido de crepe branco com desenhos vermelhos. Chapéu branco com flôr vermelha. Miss Valerie Moore de branco, mas o chapéu guarnecido de vermelho.



Mr. e Mrs. Wichfeld, o padrasto e mãe da noiva, esta é mais conhecida por Fifi Widener, com vestido de crepe vermelho com desenhos brancos, chapéu branco guarnecido de vermelho.



A noiva: saia de tule branco e blusa de setim branco, o véu longo mantido por gardenias. Bouquet de gardenias e orquídeas. De branco com seu pae Mr. Carter R. Leidy.

NADA SE OBTEM SEM ESFORÇO

Estão errados os apologistas da liberdade absoluta comparando a criação que é orientada a uma árvore presa, que nunca terá o vigor de uma que se ergue livremente. Apoiam-se em métodos de educação mal compreendidos, porque para deixar a criança seguir sempre suas tendências seria preciso que todas as

naturezas fossem igualmente boas, todas as crianças inteligentes, ativas e ambiciosas. Nesse caso seriam necessários somente professores e não educadores.

São apenas sofismas daqueles que querem confundir esforço com violência. Vejamos pois o que é esforço. É um desenvolvimento de energia, um exercício, sem cessar recomeçado, para ir do regular para o melhor, do fácil para o

difícil e desse difícil para um mais difícil ainda...

Para aqueles que refletem, o esforço é uma condição sine qua non do progresso, e que visa educar, visa fazer progredir.

Sómente, há a maneira! Certas maneiras de convidar a criança a esforçar-se dispensam-na de todo esforço. Porque uma condição necessária ao valor do esforço é ser ele voluntário e livre.

O pae que fala com voz severa: "Faça isso", não convida a criança ao esforço. A mãe que suplica, pedindo por favor ou prometendo um presente, anula a energia da criança.

O educador que sabe fazer compreender á criança as razões por que tem de agir, o mestre que lhe incute o gosto do trabalho, que acorda o interesse pelo estudo — estes tornarão o esforço acessível á criança.

E' portanto preciso sempre propôr ao esforço da criança um fito a atingir — um fito que esteja ao seu alcance — e nunca perder de vista que a conquista de si mesmo é o primeiro e constante objetivo que lhe deve ser lembrado. Aquele que tem dominio sobre si mesmo possui todas as energias, por ser a mais difícil das conquistas, a que exige o maior esforço.

LABIOS LINDOS — COR NATURAL E FIXA
FLEUR DE ROSE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
CASA CIRIO — OUVADOR 181

Madame Jacqueline

BELEZA!... Doce Cuidado Meu!...

Morando em cidade onde frequentam bailes, reuniões mundanas ou teatros, ou passando uma temporada em estação de águas, ou descansando numa fazenda no interior, ou ainda brincando com o mar nas praias — seja onde for, queridas leitoras minhas, nunca devem dispensar de modo algum o uso diário da minha incomparável Huile Romaine Antique para a sua limpeza de pele.

Esse óleo é na verdade indispensável á conservação da cutis e á sua maciez: ele fortalece os músculos, nutre os tecidos, impede as queimaduras do sol e, preservando assim a epiderme dos efeitos das intemperies em geral, torna-a menos sensível ás bruscas mudanças de temperatura, que tanto podem prejudicar a linda aparência duma cutis feminina; dessa forma impede ele ainda as rugas e as manchas.

Convém usá-lo de dia e conservá-lo á noite. Experimentem-n'o e ficarão encantadas.

CORRESPONDENCIA

Wanda (Curitiba) — Para enrijar o busto sem aumentar — que é o que a senhora quer — deverá usar o Creme Adstringente Miraculoso; eu posso lhe garantir resultados pois que tenho até atestados de clientes minhas; naturalmente será preciso mais de um pote, talvez 3, dependendo do resultado que a senhora quizer obter. Custa 30\$ o pote.

Marchioness — Sou absolutamente contrária ao uso do sabão ou sabonete no rosto: a cutis da mulher é coisa delicada de mais para sofrer as consequências da aplicação dum saponaceo seja qual for, ainda mais quando muito perfumado, pois então pode ser ainda peor; para tirar o maquilage e fazer a sua limpeza da pele, só e só a minha Huile Romaine Antique, de cujos efeitos explico nas linhas acima o resultado benéfico. Para o seu caso, depois de fazer a sua limpeza da pele com a Huile, use também a minha Loção de Leite de Amend. e Hamamelis, que é o adstringente que necessita para sua pele um tanto gordurosa. Para esses pontos pretos no nariz, NUNCA exprema — muito cuidado — use somente a Loção Especial Contra os Cravos. Quanto ao resto de sua consulta não me compete responder, sendo melhor a senhora consultar o seu médico de confiança. Não será o fígado?

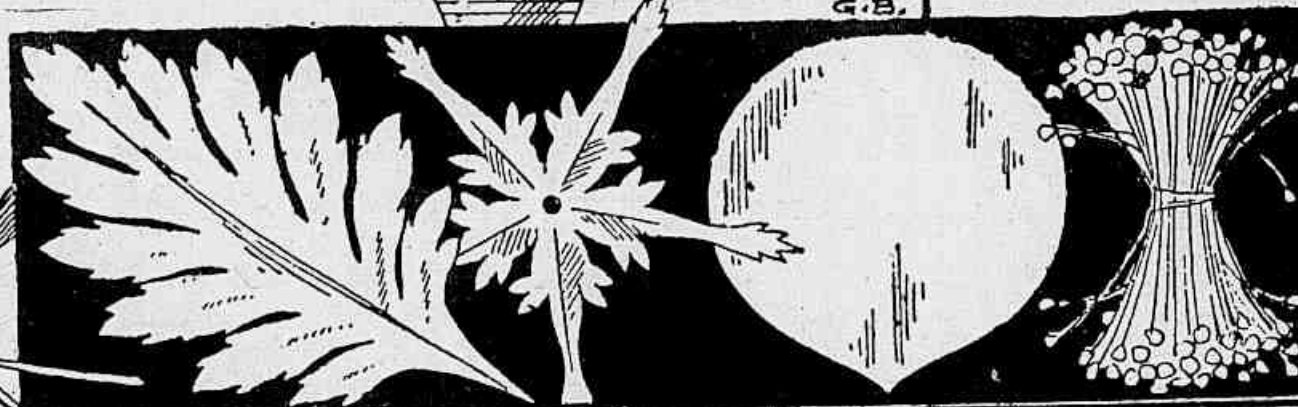
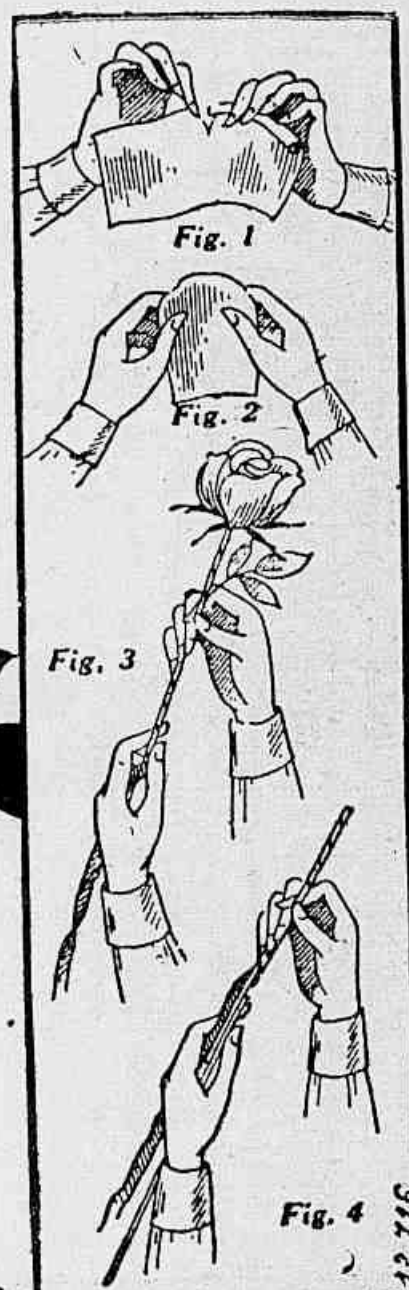
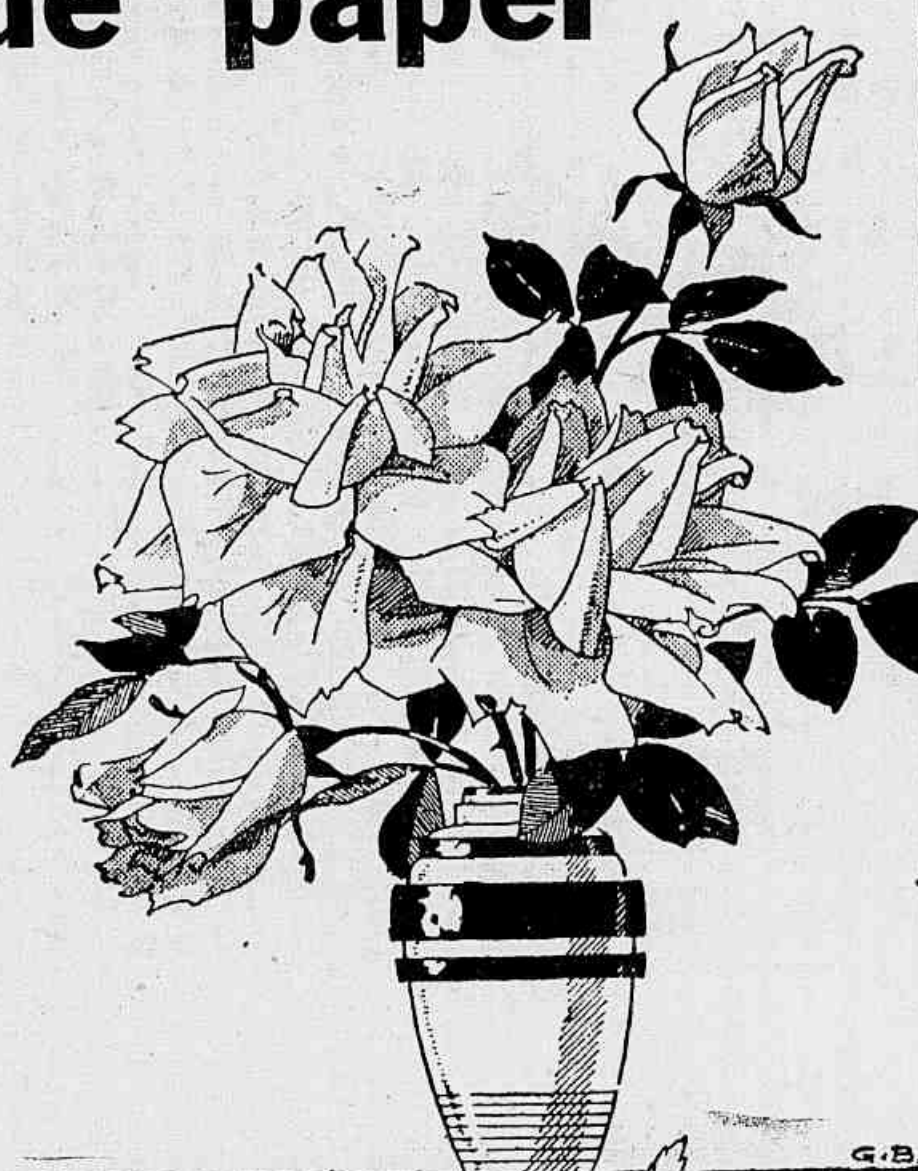
Venus Callipyge — E' coisa muito comum e esse excesso de gordura nesse lugar prejudica bastante a silhueta, mormente em pessoas de pequena altura. As Aplicações de Parafina Cór Verde lhe darão um resultado real e bastante rápido. Podem ser feitas em casa pela própria pessoa, sem ninguém saber. A lata que geralmente dá para um tratamento completo 60\$000.

Madame JACQUELINE

Vendas — Informações
PERFUMARIAS CARNEIRO
— Rio —

Ornamentação do Lar

As flôres de papel



A arte das flôres artificiais é acessível a todas aquelas que tem um pouco de jeito e gosto. Podendo chegar a tal perfeição na execução que a ilusão é perfeita.

As flôres serão escolhidas segundo o lugar ou vaso que guarnecerão. Para as jardineiras, flôres de hastes curtas: tulipas, anêmonas, misturadas com folhagem, nos vasos preciosos, cravos, rosas, nas suspensões plantas com hastes flexíveis, etc.

Para dar vida a flôres artificiais, é indispensável copiar flôres naturais. Tendo em mão uma flôr acabada de colher — uma rosa por exemplo — deve-se examiná-la longamente, verificar todos seus detalhes, curvas, etc. Depois desfolhar para verificar bem o feitiço das pétalas e como são colocadas.

As flôres artificiais são feitas com papel de seda, mas sobretudo com o papel crepon, tão flexível, curvando-se e modelando-se com um simples movimento dos dedos.

Vejamos agora a maneira de fazer uma rosa (fig. 3) — Numa tira de papel crepon, pôde-se cortar uma série de pétalas, mas é mais vantajoso cortar cada petala separada, e como mostra a fig. 2 — por uma simples pressão do polegar e do indicador, dá-se às pétalas uma leve concavidade interior. Querendo-se obter pétalas mais rígidas, pôde-se empregar duas pétalas, colando as extremidades uma na outra. As pétalas naturalmente são de diversos tamanhos e fixadas umas sobre as outras num arame no qual dobrou-se a ponta superior para prender um pouco de algodão que se cobre com um pedaço de papel para formar o coração da flôr. Empregar para amarrar as pétalas a linha muito forte (n. 10), faz-se um cálice para rosa com papel duplo verde se fôr o crepon, — mas havendo um papel especial para fazer os cálices ou aranhas. Depois enrolar em volta da haste uma tira do papel crepon.

Deve procurar com cuidado o colorido exato da flôr, assim como o das folhas e hastes, para que a flôr possa parecer verdadeira.

Capas para os sacos de agua quente



Para guarnecer os sacos de agua quente em borracha, que são pouco elegantes, fazer capas de linho rosa, azul ou verde, guarnecidas com aplicações e vizes de linho branco. As flôres estilizados que indicamos são fáceis de executar. São mantidas por ponto de festão, de cordonet ou turco. O centro da papoula é guarnecido com carreiras de pontos de nó. A linha brilhante de Alger C. B. lavável é empregada nestes trabalhos.

**Mobiliarios,
Tapeçarias e
decorações**

ASA **UNES**

CORTINAS
PASSADEIRAS
TECIDOS

A MAIOR E MELHÔR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL.

65-RUA DA CARIOCA-67-RIO

As cortinas modernas em tulle, voile e organdi



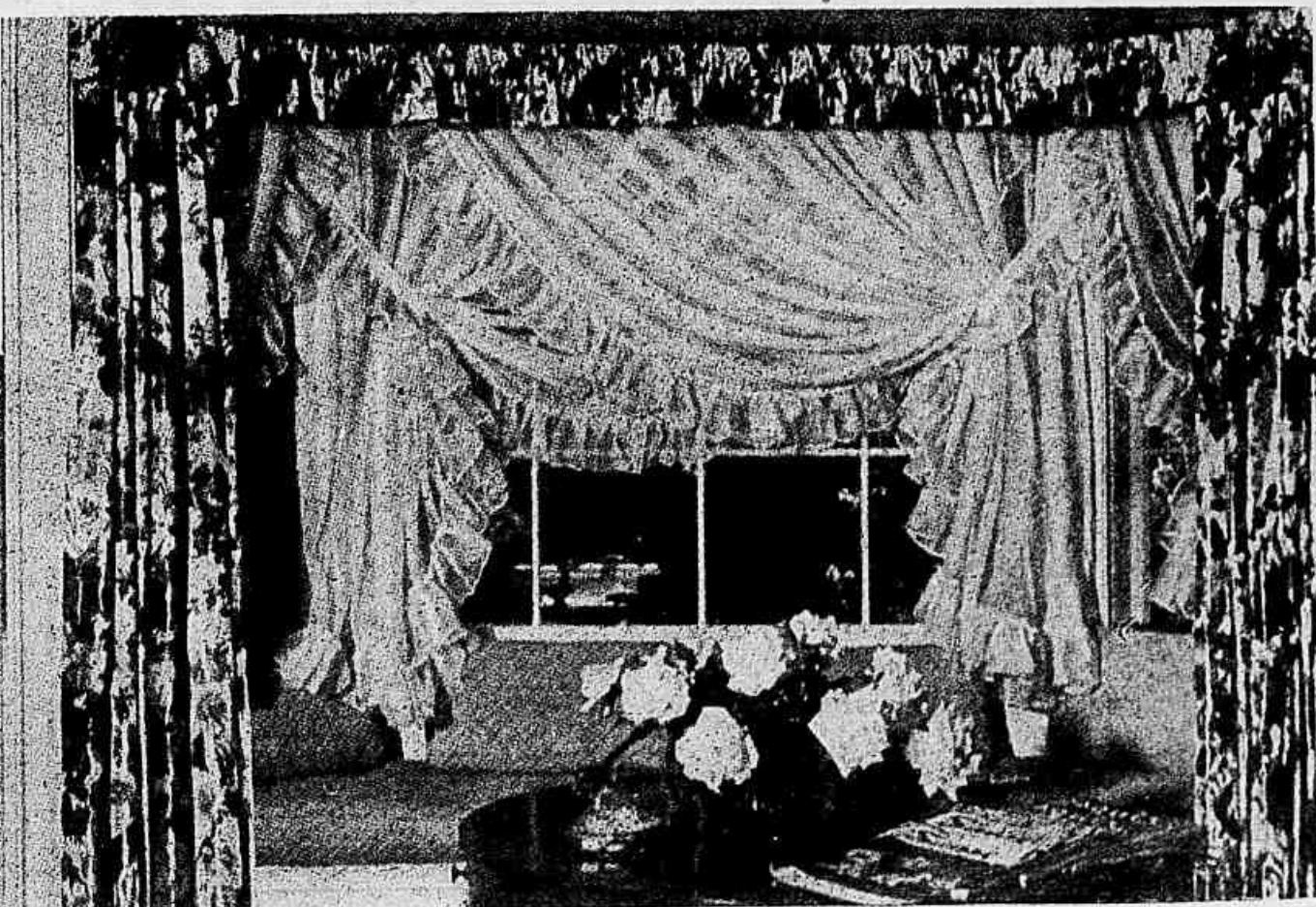
Cortinas de tulle point d'esprit ou marquisette branca, com babados e braçadeiras colocadas bem altas.



BICODE
DE /ENHORA/ E VERRUGA/
ELIMINAÇÃO GARANTIDA
TRATAMENTO/ DA CUTIS/
PELA /CIENCIA MODERNA/
SÃO PAULO AV. BRIG. LUIZ ANTONIO 1471



Cortinas de voile branco.



Cortinas de organdi branco, guarnecidas com babados. Reposteiros de cretone florido.

CONSELHOS PRATICOS

Para tirar ao óleo de ricino seu gosto desagradável, basta batê-lo bem com uma clara de ovo.

Quando o pedaço de carne que se quer assar parece muito duro, regar com

um pouco de vinagre antes de o pôr no forno e fazer assar lentamente.

Algumas gotas de glicerina num copo de água fria fazem cessar o soluço.

Quando uma vela é muito grossa para

Como possuir lábios que os homens adoram!



Baton
Zande

Imprima aos seus lábios, com o Baton ZANDE, esse poder de sedução que subjuga os homens... a suave tonalidade vermelha da própria Natureza. Este baton novo, de grande efeito, é caricioso e dura mais quando aplicado. Não seca os lábios. Seis cores modernas ZANDE.

{ Só se vende ZANDE nas melhores casas — quatro tamanhos, mas todos a um preço que o põe ao alcance de todos os lábios. }



... o Rouge ZANDE!

Rivaliza com a Natureza em suavidade e encanto de tons. É mais fácil de aplicar. ZANDE adere maravilhosamente à cutis durante muitas horas. Seis cores — para harmonizar com o famoso Baton ZANDE.

o castiçal, em vez de raspar com a faca, trabalho que nunca fica muito perfeito basta mergulhar a extremidade na água quente para que se amoleça. Modelá-la em seguida para dar-lhe a grossura necessária.

Muitas sedas tem tendência, no fim de algum tempo de uso, a ficar lustrosas. Para remediar este inconveniente, passar sobre o tecido, com um pequeno **tampom**, uma leve solução de borax, na água, esfregar suavemente, e sempre no sentido do tecido. Quando o brilho desaparecer, passar a ferro com um pano por cima.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

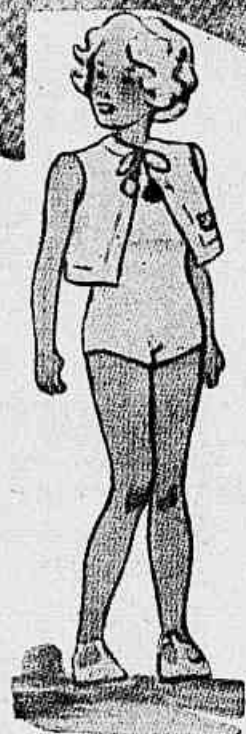
O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

Modelos para Crianças



Maillot e casaco de tricot de lã -- branca --



As medidas dadas são para criança de 3 anos a três anos e meio.

Pontos empregados — Ponto de **jersey**: — 1 carreira pelo direito, uma carreira pelo avesso. Ponto de fantasia: (x), 1 malha pelo avesso, passar a lã por traz como para tricotar, 1 malha pelo direito, passar a malha seguinte para a agulha sem a tricotar, tomando-a como para tricotar, 1 malha pelo direito (x); 2.ª carreira — (x), 1 malha pelo avesso, 1 malha pelo direito por cima das malhas avesso e direito da carreira precedente; 3.ª carreira, como a primeira mas intercalando as malhas, quer dizer passando a primeira sem a tricotar; 4.ª carreira (x), 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso em cima das malhas pelo direito e pelo avesso da carreira precedente (x). Recomeçar como a primeira carreira e repetir sempre essas 4 carreiras. Ponto de gaita simples — 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso.

Maillot — Frente: — Começar pela entre-pernas, pondo na agulha de **tricot** 16 malhas, trabalhar no ponto de fantasia aumentando de cada lado 3 vezes 1 malha todas as 6 carreiras, depois todas as 2 carreiras, 4 vezes 1 malha, 2 vezes 2 malhas, 2 vezes 3 malhas, 1 vez 4 malhas e 3 vezes 5 malhas, obtendo-se assim 88 malhas, fazer 2 centímetros a direito, depois fechar de cada lado 7 vezes 1 malha todos os dois centímetros. Quando medir 26 centímetros de altura, marcar a cintura tricotando com agulhas mais finas 2 centímetros no ponto de gaita simples. Continuar a direito com o ponto de fantasia com as agulhas mais grossas, quando medir 5 centímetros e meio a cima da cintura, fechar de cada lado, para as cavas, 19 vezes 1 malha todas as 2 carreiras. Na carreira 20.ª, dessas diminuições, fechar de uma vez as 10 malhas do meio da carreira para o decote, e depois trabalhar cada lado separadamente, fechando do lado do decote, todas as duas carreiras, 1 vez 3 malhas, 3 vezes 2 malhas e 4 vezes 1 malha, esgotando-se assim as malhas. Terminar o outro lado da mesma maneira.

Costas — Seguir as explicações dadas para a frente até acima da cintura. Esta terminada, fazer 2 centímetros a direito no ponto de fantasia com as agulhas mais grossas, depois fechar a direito 16 malhas no meio para o decote e trabalhar um dos lados fechado do lado do decote todas as 2 carreiras, 1 vez 2 malhas, 1 vez 3 malhas, 1 vez 4 malhas e 4 vezes 5 malhas até esgotarem todas as malhas, fazer o outro lado da mesma maneira. Para o decote e **bretelles**, por na agulha de **tricot** mais fina 90 malhas e apanhar em seguida 58 malhas no decote da frente, pôr na agulha 90 malhas e em seguida fazer sobre essas 238 malhas 9 carreiras de ponto de gaita simples. Na quinta carreira fazer 3 malhas de cada extremidade 1 casa de 3 malhas de largura. Para arredondar o decote, na nona carreira tricotar as 28 malhas do centro duas a duas. Depois fechar a direito todas as malhas. Fazer as costuras dos lados e em seguida apanhar 120 malhas nas terminações de cada perna, fazer 4 carreiras no ponto de gaita simples, com as agulhas mais finas. Fazer em volta das cavas e do decote das costas 2 carreiras de pontos baixos executados com a agulha de **crochet**. Fechar a entre-pernas. Cruzar as **bretelles** nas costas e fixa-las por meio de botões pregados no **maillot**. Guarnecer a frente com uma rodela de feltro verde, uma rodelinha de feltro vermelho e uma haste de feltro branco, ou bordada com lã branca.

Casaco — Frente: lado esquerdo — Começar pela parte de baixo pondo na agulha de **tricot** 38 malhas, fazer 2 centímetros e meio no ponto de fantasia, depois tricotar a direito, sempre as 7 malhas da beirada no ponto de fantasia e as outras malhas no ponto de **jersey**. Quando medir 13 centímetros de altura, fechar a direita, para a cava, todas as 2-carreiras, 1 vez 5 malhas, 1 vez 2 malhas e 2 vezes 1 malha.

Quando medir 18 centímetros de altura deixar as 7 malhas da barra à espera e continuar a tricotar as malhas no ponto de **jersey**, fechando do lado esquerdo para o decote 5 vezes 3 malhas todas as duas carreiras. Quando medir 25 centímetros de altura fechar em duas vezes as 10 malhas restantes para formar o ombro. Fazer o outro lado da mesma maneira.

Costas — Pôr na agulha de **tricot** 70 malhas e tricotar 13 centímetros no ponto de fantasia em seguida trabalhar no ponto de **jersey**. Quando medir 13 centímetros de altura, formar as cavas fechando de cada lado, todas as duas carreiras, 1 vez 3 malhas, 1 vez 2 malhas e 1 vez 1 malha. Quando medir 21 centímetros de altura, fechar as 16 malhas do meio de uma só vez para o decote, depois continuar trabalhando só de um lado, fechando para o decote todas as 2 carreiras, 2 vezes 3 malhas, 2 vezes 2 malhas e 1 vez 1 malha. Quando medir 24 centímetros de altura, fechar em duas vezes as 10 malhas restantes para formar o ombro. Terminar o outro lado da mesma maneira. Depois de ter feito as costuras dos ombros, retomar as 7 malhas da barra da frente e apanhar 98 malhas sobre o decote da frente e costas, e juntar as 7 malhas da barra da outra frente, tricotar sobre essas 112 malhas com as agulhas mais finas 10 carreiras no ponto de fantasia. Na 6.ª carreira formar de cada lado, a 3 malhas da beirada,

uma casa de 3 malhas de largura. Depois de feitas as costuras dos lados rodear as cavas com duas carreiras de pontos baixos feitos com a agulha de **crochet**. Fazer um cordão com lã branca e **pompons** com lã vermelha e verde. Pregar no lado esquerdo da frente uma guarnição de feltro igual à do **maillot**.



1 — Manteau de lã marron, os bolsos e a gola de veludo de fantasia no mesmo tom. As mangas raglan. 2 — Manteau de lã verde, gola-gravata guarnecida com pele de lontra. 3 — Manteau de reps bege claro, a gola e o cinto marron. 4 — Sobretudo de gabardine cinzenta com pala de camurça.

CONSELHOS ÀS FACEIRAS

PARA A BELEZA DOS CABELOS

UMA MASSAGEM QUOTIDIANA DO COURO CABELUDO PARA ATIVAR A CIRCULAÇÃO E FORTIFICAR A RAIZ DOS CABELOS

O primeiro dever da faceira consiste em ocupar-se com os seus cabelos.

Os cabelos são muito sensíveis e exigem certos cuidados para conservarem uma saúde perfeita.

O primeiro — é a escovação de manhã e à noite, ou pelo menos à noite, para libertá-los de todas as poeiras e microbios acumulados durante o dia. Com a ajuda de uma escova, de fios longos e duros presos na borracha — são estas as melhores escovas — não escovar rapidamente, mas durante uns dez minutos, mechas por mechas e em todos os sentidos: frente, atrás e de cada lado, sem preocupação de risca, ondulações e de cachos. Uma escovação cuidadosa é indispensável à higiene dos cabelos e para a aeração do couro cabeludo.

De tempos em tempos, para melhor limpar, passar um pente fino, antes ou depois da escovação.

Que os cabelos sejam secos ou gordurosos, uma massagem quotidiana do couro cabeludo se impõe para ativar a boa circulação do sangue e fortificar a raiz dos cabelos.

À noite antes de deitar-se, dissipará toda a tensão nervosa e provocará um sono conciliador.

Com as pontas dos dedos, friccionar — docemente para começar, e acentuando pouco a pouco a rapidez e a força — todo o couro cabeludo. A massagem convém a todos os temperamentos; somente nos dias em que a cabeça está dolorida e não pode suportar as fricções, passar simplesmente os dedos fazendo uma leve massagem.

Puxar os cabelos, em pequenos golpes constitui um excelente exercício para o couro cabeludo.

Não se deve usar uma risca durante muito tempo no mesmo lugar, seja ela no meio ou de qualquer lado, porque os cabelos começam a rarear ao longo da risca.

PENTEADOS MODERNOS



BLUSAS



- 1 — Blusa longa de crepe, guarnecida com pregas finas.
2 — Blusa-kimono de crepe verde claro. Bolsos originais.

NOSSA ALIMENTAÇÃO

Bolo de fubá de milho com peixe — Coelho recheado — Tomates au gratin — Perna de carneiro á moda francesa — Salada de legumes e frutas — Omeleta de queijo — Torta de cerejas

BOLO DE FUBA DE MILHO COM PEIXE

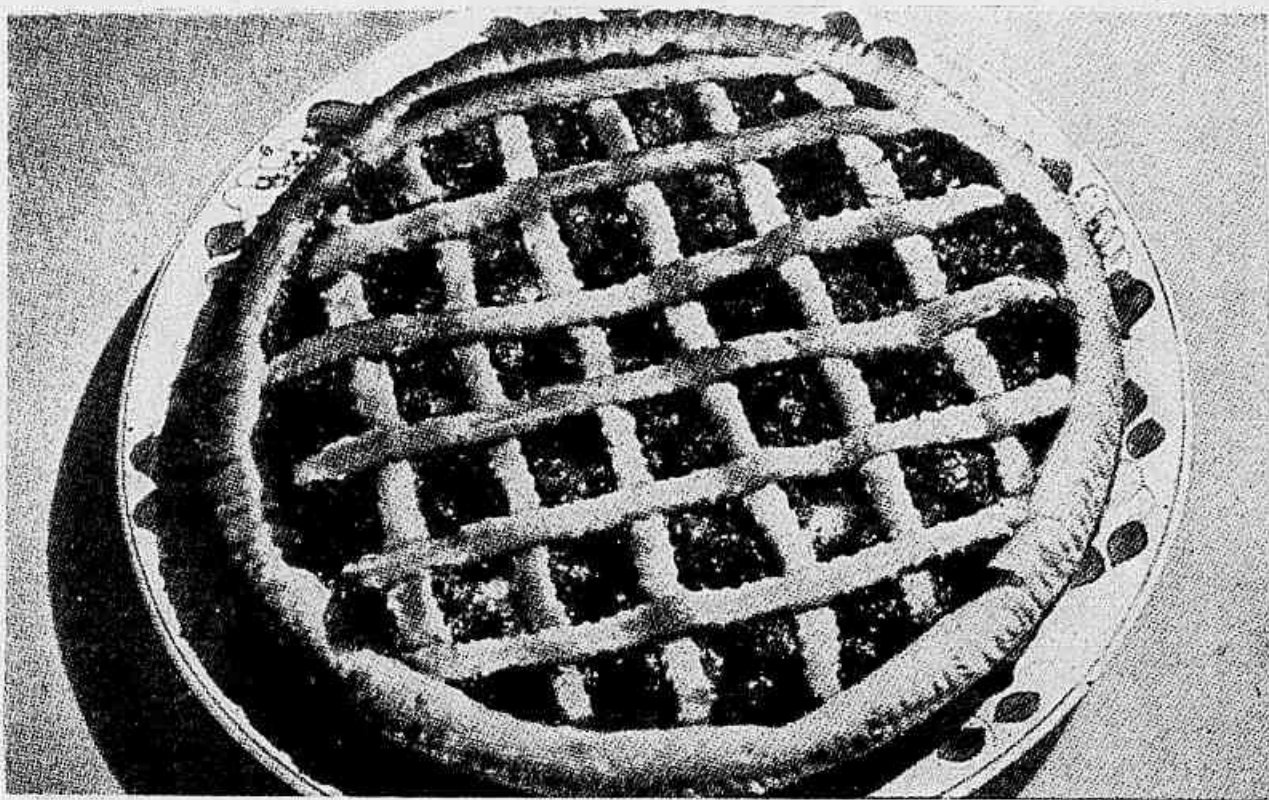
Com 350 grs. de fubá de milho bem fresco, água e sal fazer um angú, quando estiver com boa consistência, retirar do fogo e juntar meia colher de manteiga, despejar dentro de uma fôrma mais larga que alta, untada com manteiga, e deixar esfriar.

Preparar um peixe ensopado bem temperado, depois retirar todas as peles e espinhas, e juntar pedacinhos de palmito cozido e passado na manteiga, engrossar o molho do peixe com um pouco de maisena depois de coado.

Virar o bolo de angú para um prato, umedecer em toda a volta com ovo batido, peneirar por cima com farinha de rosca, repôr na fôrma lavada e untada de novo com manteiga, retirar a parte do centro do angú, deixando dois centímetros de espessura no fundo e nos lados, encher o vazio com o ensopado preparado, cobrir com um pouco do angú e por cima pôr uma folha de papel untado com manteiga. Conservar a fôrma um quarto de hora na boca do forno. Na hora de servir, tirar o papel e virar a fôrma num prato.

COELHO RECHEADO

Limpar um coelho muito bem, depois de cortada a cabeça, pondo de parte o sangue, o figado e o coração.



Torta de cerejas.

Cozinhar o figado e o coração, e depois passar na máquina juntamente com meio quilo de carne de porco, temperar com cebola refogada na manteiga e salsa picada. Com esta mistura rechear o corpo do coelho e coser a abertura, amarrar as patas da frente e de trás com barbante para ficarem bem unidas ao corpo. Lardar com tiras de toucinho e pôr para assar no espeto ou no forno, untando bem com manteiga. Arrumar o coelho sobre fatias de pão fritas na manteiga. Juntar ao molho feito na frigideira onde foi assado o coelho o sangue conservado com um pouco de suco de limão.

TOMATES AU GRATIN

Escolher tomates bem maduros, de tamanho regular, partir ao meio, suprimir as sementes, salpicar dentro com a mistura de cebola champignons e salsa picados, podendo juntar-se também uma ponta de alho esmagado. Arrumar esses meios tomates numa travessa que possa ir ao forno, um ao lado do outro, regar com manteiga derretida ou com azeite, salpicar por cima com farinha de rosca, pôr para assar no forno.

PERNA DE CARNEIRO Á MODA FRANCESA

Desossar completamente uma perna de carneiro, sem a abrir, lardar com tiras de toucinho e de presunto, temperar, pondo dentro um dente de alho, coser a perna no formato redondo, colocar dentro de um alguidar, juntar temperos e regar com uma garrafa de vinho Borgonha, isto se fazendo de vespera a tarde.

De manhã cedo (cinco horas antes do almoço), arrumar no fundo de uma panela de barro tiras de toucinho, colocar por cima a perna, rodeá-la com algumas cebolinhas, 4 cenouras grandes cortadas em pedaços, meio quilo de toucinho de porco aferventado e picado. Regar com o tempero de vinho, cobrir com uma rodela de papel, depois com um prato com água, fazer ferver o líquido, retirar então a panela para fogo brando. O líquido deve ferver duma maneira quase imperceptível, mas conservando este grau durante todo o tempo do cozimento. Quando estiver pronto arrumar numa travessa com os legumes em volta. Côar o molho para mandar na molheira.

Dna. Esther vai fazer compras...



- Salada, peixe, filé, batata frita e arroz... E para a sobremesa? Bem; decidirei sobre isso no armazem.



- Ótimo seu Joaquim! Uma esplêndida idéia! Vou fazer uma deliciosa sobremesa, combinando com esta saborosa marmelada!



- O resultado foi magnífico! Todos gostaram do esplêndido doce que fiz com recheio de Marmelada Marca Peixe! E o Zezinho sempre guloso, avançou na metade do pacote que tinha sobrado!

NÃO é de estranhar que a Marmelada Branca Marca Peixe desperte a gulodice dos adultos e das crianças. Esta deliciosa marmelada é diferente, porque é preparada por aperfeiçoados processos exclusivos, que lhe conservam o sabor do próprio fruto, bem como as suas reconhecidas propriedades alimentícias. Por isso a Marmelada Branca Marca Peixe é aconselhada para pessoas sob dieta ou convalescentes.

Adquira alguns pacotes de Marmelada Branca Marca Peixe. Tendo-a sempre em sua casa, a Sra. pôde, a qualquer momento, servi-la como ótima sobremesa. Peça hoje em seu armazem Marmelada Marca Peixe, agora em latas retangulares ou em pacotes. É pura e deliciosa como todos os doces Marca Peixe!

MARMELADA
Branca
MARCA
PEIXE
EM LATA OU PACOTE!



Em Novembro
Almanaque Eu Sei Tudo
para 1942

PEDIDOS PARA A
Redação do Almanaque Eu Sei Tudo
Rua MARANGUAPE, 15
— RIO —

Menu de almoço

SALADA DE LEGUMES E FRUTAS

Escolher as folhas tenras da alface e juntar com a parte branca da chicória (esta depois de ter estado bastante tempo de molho para sahir todo o amargo), depois cortar como a couve á mineira, temperar com sai, vinagre ou suco de limão, azeite, misturar tudo muito bem e enfeitar por cima com fatias de maçãs e gomos de laranja.

OMELETA DE QUEIJO

Bater bem 6 claras, juntar as gemas e despejar dentro duma frigideira com manteiga, na hora de enrolar pôr no meio pedacinhos de queijo de Minas (umas duas colheres das de sopa), enrolar rapidamente a omeleta. Regar a omeleta depois de colocada no prato com um pouco de manteiga derretida ou com um pouco de molho de tomates.

TORTA DE CEREJAS

Fazer uma massa com 4 colheres de farinha de trigo que se amassa com 1 colher e meia de manteiga, um pouco de agua, uma pitada de sal e uma colherinha de assucar; não se deve amassar muito, apenas misturar bem os ingredientes, formar uma bola, cobrir com um pano e deixar descansar uma hora pouco mais ou menos. Depois abrir a massa sobre a largura e dobrar em quatro, passar novamente o rolo, deixar novamente descansar um pouco a massa (alguns minutos) e repetir a mesma coisa duas vezes mais. Em seguida abrir a massa para formar a forma de pastelão, um aro que se coloca sobre o taboleiro, tudo bem untado com manteiga. Corta-se a massa em volta, dobrando e frizando as beiradas. Com as aparas da massa formar tiras que são colocadas sobre o pastelão em xadrez. Pintam-se essas tiras e as bordas do pastelão com uma gema de ovo desfeita com uma colherinha de manteiga. Enche-se com cerejas cruas, tirados os caroços e passadas no assucar. Pôr para assar no forno. Depois de passada a torta para um prato, cobrir as cerejas com um pouco de geleia de cereja desfeita com um pouco de agua morna.

MANOEL SILVA
diz:



*Recomendo
Qualidade
e não Preço*

Para maior valor — insista em
QUAKER OATS

Nem toda aveia é Aveia Quaker. As palavras "Quaker Oats" são a marca registrada que identifica unicamente a original e legítima Aveia Quaker. Ao adquiri-la, veja se a lata traz estas duas palavras e a figura do Quaker. São a garantia da mais alta qualidade e do valor nutritivo. Insista na legítima Quaker Oats.



PARA melhor atender á minha freguezia, recomendo sempre, a deliciosa Quaker Oats por três razões:

- 1 — asseguro-me da satisfação do cliente, que voltará a comprar em minha casa;
- 2 — o freguês lucra porque o preço de uma lata de Quaker Oats é mais do que compensado pela pureza e pelas propriedades únicas desta aveia;
- 3 — nenhum outro alimento contém, de forma tão concentrada, os elementos essenciais para fortalecer o organismo, tonificar os nervos, enriquecer o sangue e evitar o nervosismo e o cansaço.

Antes de começar a trabalhar, tómo, sempre, um bom prato de Quaker Oats para poder sentir-me bem disposto o dia todo. Quaker Oats é de gosto agradável, economica e de fácil preparo. Compre Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 gramas em cada lata.

QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.

"Elas" na atualidade

por Elóra Possólo

— Que titulo! dirão os leitores. Elas! Elas, quem?!...

Estas mocinhas que andam por aí, ocupando a pena de alguns cronistas ranzinhas ou a lingua de algumas mal humoradas solteironas?! Que fazem resmungar e banzerem-se escandalizadas algumas avósinhas de antanho?! Não senhores! Não se trata de mocinhas! As **élas** da atualidade, a que me refiro, são as **élas** que fazem hoje o martirio das donas de casa: as empregadas!

Chamou-lhes certa vez, uma amiga minha, com espirito, "termômetros da felicidade conjugal!" Realmente delas depende muito a harmonia do lar. Quando sofreis (não se pode dizer "boas" porque isto é artigo inexistente) tudo se passa numa suave relatividade: a mulher pode receber, sorrindo, o marido que volta atrasado das suas lutas pelo pão de cada dia... O marido pode receber, sorrindo, uma conta em que a mulher calçou um pouco no valor dos algarismos... O bebê pode ter as suas exigências que serão consideradas gracinhas e arriscar até algumas birras sem o fim tragico das palmadas!... Mas quando as **élas** não prestam!... uma agulha perdida causa uma erupção vulcânica nos nervos de Madame! Um jornal que não se encontra, uma explosão dinamica nos nervos de "Monsieur"! E bebê, coitado! Trás sempre vermelha e dolorida certa parte do seu pobre corpinho delicado! Toda a familia grita e ninguém se entende... Todos têm razão e todos se queixam... Todos são infelizes e não ha culpados. E são tão difíceis, tão raras as sofríveis!... Tão comuns as que não prestam!

A senhora Barros é uma vitima destas ultimas. Mudar de cozinheira, mudar de copeira é quase para **ela** como mudar de vestido. E, entretanto, sósinha em casa com um bonachão de marido que tudo acha bem, paga-lhes grandes ordenados e dá-lhes mil e uma regalias. Apenas, de uma exige que lhe apresente pratos mais ou menos comíveis ao almoço e ao jantar, e de outra que não deixe de todo os tectos ocultos pelas teias de aranha. E assim mesmo (por mais que os incrédulos abanem duvidosamente a cabeça), ha tardes em que a senhora Barros e o seu pachorrentissimo marido vão jantar ao "restaurant" para que a sua mui ilustre cozinheira possa ir chorar um defunto (os defuntos abundam nesta classe ao que parece) ou saborear os petiscos de algum batisado. Inverosimil pouco verosimil nestes tempos que correm!

Ora, a semana passada, indo visitar o casal do meu conto, encontrei-o desoladissimo. Como se houvessem feito uma diabolica aliança, as duas empregadas, com intervalo de minutos, se haviam despedido e posto ao fresco. Em seguida a prostração natural no primeiro momento após a tragédia, um anuncio, o anuncio sempre o mesmo e repetido durante o ano quase tanto quanto os degrãos célebres da igreja da Penha, foi levado ao jornal. Isto feito ficámos aguardando a campainha da porta com a ansiedade de quem espera a sorte grande. De vez em quando um tiriitititit... nos punha, aos tres, em sobresalto. A senhora Barros corria á porta... E voltava decepcionada: fóra um representante dos novos aspiradores marca X, um contrabandista de perfumes, a fundadora de um asilo em cata de donativos... Afinal uma preta gorda e luzidia se apresentou. Iniciou-se o diálogo de sempre, tratou-se o ordenado, mas, quando a futura ditadora da cozinha viu o quarto que lhe era destinado, fez careta, não o achou convenientemente arejado apesar da sua ampla janela. A senhora Barros, sempre orgulhosa do conforto que dá aos que para ela trabalham, mostrou que se ofendera. Discutiram.

— Pois deixa está, disse a negra, ha de chegá os dia de branco servir a preto.

— Nunca! redarguiu, energica, a minha amiga.

— Se ha de!... tornou atrevidamente aquela Sabá improvisada.

E saiu remexendo as ancas.

Ainda lhe comentavamos o atrevimento quando a campainha tocou de novo. A negra de volta. Mas desta vez amavel, sorridente:

A senhora podia me dar um copo d'agua?

Sem rancor a senhora Barros vae lhe buscar a água, e, quando lh'a entrega o copo, ouve assombrada, arrebentar a gargalhada da outra:

— Eu não dizia que, muito breve, branco havia de servir preto?

O preço desta Revista no interior

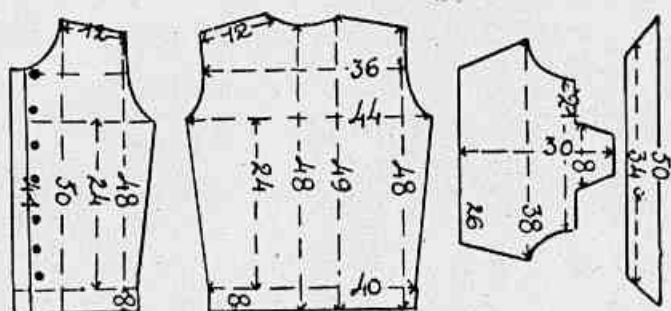
A REVISTA DA SEMANA é vendida aos agentes e revendedores do interior com um desconto que permite seja entregue ao público pelo preço de capa, isto é 1\$500. Os leitores não devem concordar com outro preço que não o mencionado na propria Revista.

THERMOMETROS PARA FEBRE
CASELLA-LONDON

Min Casella London 84014

FUNCCIONAMENTO GARANTIDO

Blusa de tricot de linha "Floralia" C. B.



Os moldes com suas medidas.

Pontos empregados: Ponto de gaita torcido — 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso; tomar as malhas pelo direito por trás. Ponto de jersey — 1 carreira pelo direito, 1 carreira pelo avesso. Ponto de arroz — 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso; contrariar os pontos em cada carreira.

Frente esquerda — Pôr na agulha de 3mm. de diâmetro 56 malhas; fazer 7 centímetros no ponto de gaita torcido, depois tomar agulhas de 3mm. e meio de diâmetro para começar o ponto de jersey e de arroz. As 31 primeiras malhas são feitas no ponto de jersey e as 25 últimas no ponto de arroz. Tricotar durante 84 carreiras (24 centímetros), fazendo à direita um aumento todas as 12 carreiras. Obtem-se assim 62 malhas (26 centímetros). Fechar à direita para formar a cava: 2 vezes 3 malhas, 2 malhas, 3 vezes 1 malha, devem restar 51 malhas. Tricotar a direito durante 32 carreiras, depois começar o decote, fechando à esquerda: 5 malhas, 2 vezes 3 malhas, 4 vezes 2 malhas, 2 vezes 1 malha; as 30 malhas restantes são fechadas em 6 vezes para formar o ombro.

Frente direita — Como a esquerda seguindo as indicações em sentido inverso. Na beirada da frente formar 7 casas, a primeira na primeira carreira do ponto de arroz e as outras com um espaço de 4 centímetros; para uma casa fechar 4 malhas a 3 malhas da beirada, repô-las na agulha na carreira seguinte.

Costas — Pôr na agulha mais fina 100 malhas, fazer 7 centímetros no ponto de gaita e mudar de agulhas para começar o ponto de jersey e o ponto de arroz. As 31 primeiras e 31 últimas malhas são feitas no ponto de jersey e as 38 do centro no ponto de arroz. Tricotar durante 84 carreiras e de cada lado fazer um aumento todas as 12 carreiras. Obtem-se assim 112 malhas (44 centímetros). Para as cavas fechar de um lado e do outro: 2 vezes 3 malhas, 2 malhas, 3 vezes 1 malha, devem restar 90 malhas; tricotar a direito até obter 13 centímetros, depois fechar de cada lado para formar os ombros 6 vezes 5 malhas, e fechar de uma só vez as malhas restantes.

Manga — Pôr na agulha mais fina 70 malhas; fazer 5 centímetros no ponto de gaita, depois tomar as agulhas mais grossas e começar o ponto de jersey. Na primeira carreira formar nove aumentos, espalhados por toda a largura da carreira, obtendo-se assim 79 carreiras, que são trabalhadas da seguinte maneira: 25 malhas no ponto de jersey, 13 malhas no ponto de arroz, 1 malha no ponto de jersey, 1 malha no ponto de arroz, 1 malha no ponto de jersey, 13 malhas no ponto de arroz, 25 malhas no ponto de jersey. Tricotar até obter 34 carreiras (9 centímetros), de cada lado, fazer 1 aumento todas as 6 carreiras. Obtem-se assim 89 malhas (38 centímetros). Para o arredondado, fechar de um lado e do outro: 3 vezes 2 malhas, 5 vezes 1 malha, 1 malha todas as 4 carreiras até restarem apenas 15 malhas no ponto de jersey; fazer 10 carreiras sem diminuir, depois fechar de cada lado as 15 malhas no ponto de jersey. Tricotar nas 29 malhas no ponto de arroz 20 carreiras, fechar em seguida de cada lado: 2 vezes 3 malhas, 2 vezes 2 malhas, fechar de uma só vez as 9 malhas restantes.

Gola — Pôr na agulha de tricot 90 malhas (34 centímetros). Tricotar no ponto de gaita torcido 38 carreiras (8 centímetros); de cada lado fazer 1 aumento todas as 2 carreiras.

Fechar todas as malhas de uma só vez.

Depois de feitas todas as costuras, reforçar as casas e pregar os botões.

As medidas dadas no molde são para menequim 44.

Braços e Axilas sem macula

LIVRES DE PELLLOS QUE TANTO AFEIAM
E ESTRAGAM COM O SUOR OS
SEUS VESTIDOS

As grandes estrelas de Hollywood e do velho mundo não usam já mais a navalha ou outros meios antiquados para remover os pellos superfluos nos braços, axilas e pernas. O depilatório ideal "Racé" destrói instantaneamente e até à raiz todo vestígio de pennugem e mesmo os pellos mais grossos. "Racé" é o moderno depilatório em pó, branco, suave e perfumado, não contém substâncias prejudiciais à pele e não tem mau cheiro.

"Racé" elimina os pellos com incrível rapidez, não irrita a pele e evita que os pellos tornem a crescer mais vigorosos.

NÃO MAIS VESTIDOS INUTILIZADOS

pelo suor originado dos pellos das axilas, que exalam cheiro desagradável.

Use "Racé" e faça-nos o obsequio de contar os resultados às suas amigas.



RACÉ vende-se nas principais drogarias, perfumarias e farmácias.
"LABORATORIOS VINDOBONA"

RUA URUGUAYANA, 104 - 5.º AND. — TEL. 23-1100 — RIO DE JANEIRO
PEÇA FOLHETOS GRATIS — PEDIDOS DO INTERIOR ATENDEM-SE NO MESMO DIA

Racé
o perfeito destruidor
do pelo

LABORATORIOS VINDOBONA R. S. — R. 5

RUA URUGUAYANA, 104 - 5.º AND. — RIO DE JANEIRO

Quiera enviar-me o folheto explicativo do DEPILATORIO RACÉ

Nome

Rua

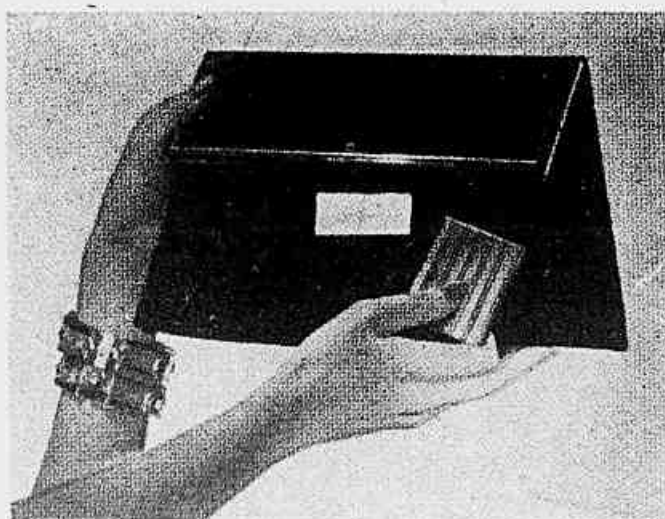
Cidade Estado



Bolsa de couro de bezerro, no tom 'marron', as iniciais de metal niquelado

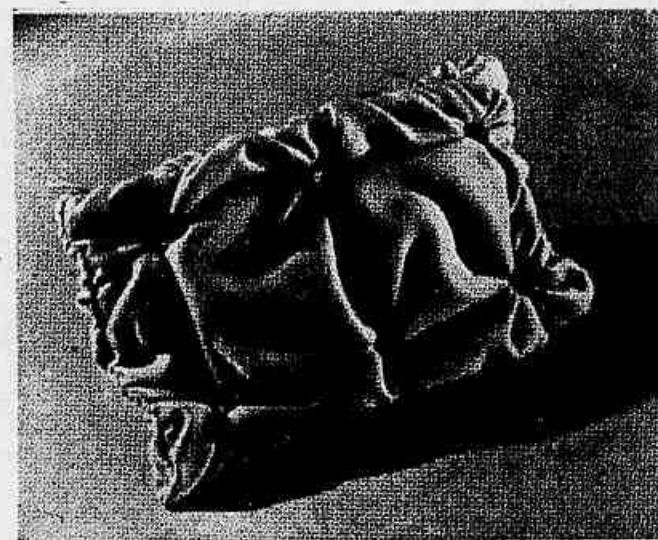


Bolsa de suêde preta, guarnecida com franzidos e argolas de galalite preta.

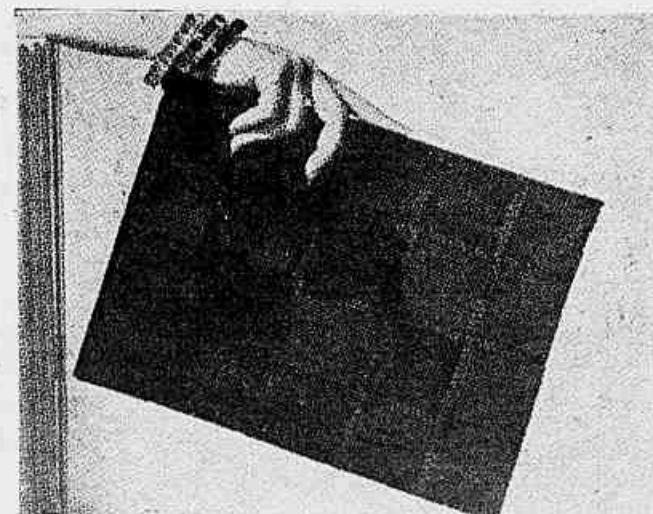


Bolsa de antilope preta.

Bolsas norte-americanas



Bolsa de veludo para acompanhar as toilettes elegantes.



Interessante bolsa de suêde preta, formando quadrados rodeados por pontos executados com retroz grosso.



Conferência do professor Lewis Hanke. A mesa foi presidida pelo professor Hunnicut. Veem-se os srs. dr. Jorge Americano, reitor da Universidade de São Paulo, dr. Roberto Simonsen, dr. Rubens Boiba de Moraes e dr. Rene Amorim, secretario geral da União Cultural Brasil-Estados Unidos. Damos aqui um flagrante do conferencista falando e um aspecto da assistência.

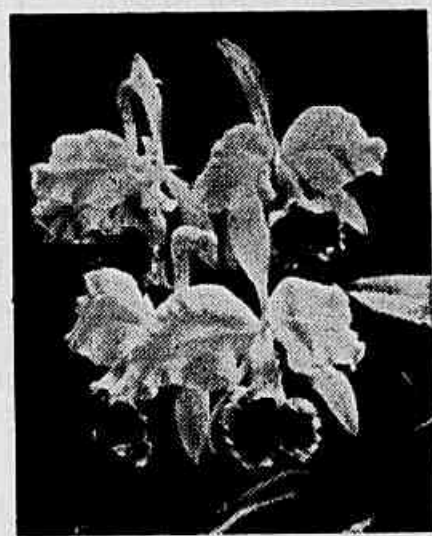
De São Paulo



Realizou-se na ultima semana, a posse solene dos srs. Carlos Silveira e Artur Antunes Maciel, nos cargos de presidente do Conselho Superior e presidente da Diretoria da Sociedade Sul Riograndense. Após a posse dos novos diretores, tomou a palavra o sr. Rubem Mariano da Rocha que, num rapido discurso, efetuou a entrega do diploma de socio honorario ao sr. Gofredo da Silva Teles, presidente do Departamento Administrativo do Estado.

INSTITUTO ROENTGEN

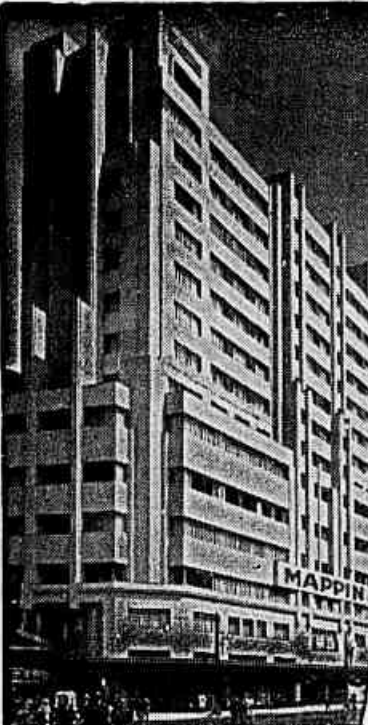
Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
 Rua Barão de Itapetininga, 139
 Salas 10, 11, 12 e 14 — Tel. 4-0394
 — SÃO PAULO —



ORCHIDEA-SCHMIDT

São Paulo, rua Augusta, 2786
 T E L. 8 - 3 6 9 7

*O maior e melhor sortimento em
 ORCHIDEAS NACIONAIS E
 ESTRANGEIRAS!*
 Peçam catalogo
 VISITEM O MEU ORCHIDEARIO.
 EM PIRAQUARA.



**Quando fôr
a São Paulo**

... não deixe V.S.
de incluir em seu
programa de pas-
seios ou digressões
uma visita aos

**Maiores
Estabelecimentos
de Modas do Brasil**

★

• Restaurante • Salão de Chá •
American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Successora de
MAPPIN STORES
D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO



Grupo feito quando da visita do sr. Antonio Ferro á Associação Paulista de Imprensa.



CHEGARAM OS

SEUS CIGARROS

CIA. SOUZA CRUZ